

Representações sociais, insucesso escolar e perspetivas face ao mercado de trabalho: Uma análise empírica

Dissertação de Mestrado

Sara Maria Massa Correia

Mestrado em

Ciências Económicas e Empresariais



Representações sociais, insucesso escolar e perspectivas face ao mercado de trabalho: Uma análise empírica

Dissertação de Mestrado

Sara Maria Massa Correia

Orientadores

Professor Doutor José António Cabral Vieira

Prof. Doutor Fernando Jorge Afonso Diogo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Económicas e Empresariais, com especialização em Gestão de Recursos Humanos.



RESUMO

O propósito do presente estudo é investigar, na perspetiva dos jovens, as suas representações sobre o insucesso escolar, o panorama económico, social e cultural que envolve este fenómeno e as suas perspetivas face ao mercado de trabalho. É possível identificar as principais causas que contribuem para o insucesso escolar, destacando-se fatores socioeconómicos como a pobreza e a desigualdade de oportunidades; a análise das perspetivas dos alunos sobre o seu futuro profissional no mercado de trabalho; a perceção dos jovens sobre a preparação para enfrentar desafios profissionais futuros, e a análise da relação entre o insucesso escolar e a inserção no mercado de trabalho. Para tal, aplicou-se um questionário dirigido a estudantes de licenciatura da Universidade dos Açores, com o intuito de avaliar a perceção dos mesmos sobre o tema.

Os resultados analisados revelaram que os jovens reconhecem que o insucesso escolar é influenciado por fatores individuais, como a falta de atenção ou desinteresse dos mesmos; fatores familiares, como o nível de escolaridade dos pais e o rendimento dos mesmos; e fatores institucionais, relacionados com o sistema de ensino. Os jovens reconhecem ainda que o insucesso escolar pode limitar o acesso a profissões mais qualificadas, afetando a autoestima e a inclusão social, para além de que impacta diretamente o acesso ao mercado de trabalho. Ressalta-se a importância do apoio ao aluno a nível psicológico e emocional, bem como o desenvolvimento de programas escolares e estratégias para a promoção do sucesso educativo. A análise estatística efetuada permitiu ainda evidenciar diferenças significativas no rendimento escolar relacionadas a fatores familiares e socioeconómicos.

Este estudo atesta que o insucesso escolar é um fenómeno multidimensional, influenciado por diversos fatores, com um impacto significativo na integração dos jovens no mercado de trabalho, realidade para a qual os mesmos estão conscientes.

Palavras-chave: Insucesso Escolar; Juventude; Mercado de Trabalho; Representações Sociais.

ABSTRACT

The purpose of this study is to investigate, from the perspective of young people, their representations of school failure, the economic, social, and cultural context surrounding this phenomenon, and their views on the labour market. The study identifies the main causes contributing to school failure, particularly socioeconomic factors such as poverty and unequal opportunities; examines students' perspectives on their professional future in the labour market; explores young people's perceptions of their preparation to face future professional challenges; and analyses the relationship between school failure and labour market integration. To this end, a questionnaire was administered to undergraduate students at the University of the Azores, with the aim of assessing their perceptions on the subject.

The analysis of the results revealed that young people acknowledge that school failure is influenced by individual factors, such as lack of attention or disinterest; family factors, such as parents' educational level and income; and institutional factors, related to the education system. They also recognise that school failure can restrict access to more qualified professions, affect self-esteem and social inclusion, and directly impact access to the labour market. The importance of psychological and emotional support for students is highlighted, as well as the development of school programmes and strategies to promote educational success. Statistical analysis further revealed significant differences in academic performance associated with family and socioeconomic factors.

This study confirms that school failure is a multidimensional phenomenon, influenced by various factors, with a significant impact on the integration of young people into the labour market—a reality of which they are fully aware.

Keywords: Labor Market; School Failure; Social Representations; Youth.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação representa um marco significativo na minha trajetória acadêmica e profissional, e não poderia ter sido alcançada sem o apoio e incentivo de pessoais fundamentais que cá estiveram ao longo deste percurso.

Em primeiro lugar, expresso a minha gratidão aos meus orientadores, Professor Doutor José António Cabral Vieira e Professor Doutor Fernando Jorge Afonso Diogo, por toda a sabedoria e conhecimento que me transmitiram, por estarem sempre disponíveis para atender às minhas questões, e pela dedicação e sentido de orientação que me facultaram para o desenvolvimento desta investigação. Quero ainda agradecer à minha família, amigos e namorado pelo apoio, companheirismo e encorajamento nesta etapa da minha vida.

A todos que, de alguma forma contribuíram para a realização deste projeto, deixo o meu mais sincero agradecimento. Foi um percurso bastante enriquecedor.

ÍNDICE

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
AGRADECIMENTOS	iii
ÍNDICE	iv
LISTA DE TABELAS	v
LISTA DE FIGURAS.....	vi
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA	3
2.1 Insucesso escolar	3
2.1.1 Insucesso escolar em Portugal	8
2.1.2 Insucesso escolar nos Açores	11
2.2 O fenómeno da juventude.....	17
2.3 Representações sociais: conceito	18
2.3.1 Representações sociais sobre o insucesso escolar.....	20
2.4 Os jovens e a sua inserção no mercado de trabalho.....	21
2.4.1 Os jovens em Portugal	24
2.4.2 A juventude e o desemprego	27
2.4.3 Perspetivas dos jovens face ao mercado de trabalho	30
CAPÍTULO III – METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DA AMOSTRA.....	33
3.1 Metodologia	33
3.1.1 Objetivos da investigação e hipóteses de estudo	33
3.1.2 Instrumentos utilizados	34
3.1.3 Procedimentos e técnicas estatísticas aplicados.....	35
3.2 Análise descritiva da amostra	38
3.2.1 Representações sobre o insucesso escolar	42
3.2.2 Transição escola-trabalho.....	53
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE RESULTADOS.....	59
CAPÍTULO V – CONCLUSÃO	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
ANEXOS.....	86
LISTA DE ANEXOS.....	87
Anexo 1 – Termo de consentimento informado.....	88
Anexo 2 – Inquérito	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Taxa de analfabetismo nos Açores, por ilhas, total e por sexo, 1981 – 2011 (%)	12
Tabela 2. Taxas de transição no ensino básico, nos Açores, por ciclo e por ilha, 1990/91 e 2014/15 (%)	13
Tabela 3. Taxas de transição por ano de escolaridade, por ilha, 1990/91 e 2014/15 (%)	13
Tabela 4. Taxa de abandono precoce de educação e formação (%)	15
Tabela 5. Os jovens e o mercado de trabalho – 2º quadrimestre de 2024	25
Tabela 6. Teste de Kruskal-Wallis: a média escolar vs o insucesso afeta a entrada no mercado de trabalho.....	60
Tabela 7. Medida de KMO e teste de esfericidade de Bartlett	61
Tabela 8. Variância explicada pela análise de componentes principais.....	62
Tabela 9. Matriz rotativa da ACP	63
Tabela 10. Coeficiente de correlação de Spearman.....	64
Tabela 11. Coeficiente de correlação de Spearman.....	64
Tabela 12. Coeficiente de correlação de Spearman.....	65
Tabela 13. Coeficiente de correlação de Spearman.....	66
Tabela 14. Teste de Kruskal-Wallis: falta de condições físicas no insucesso escolar vs rendimento dos progenitores	67
Tabela 15. Teste de Kruskal-Wallis: falta de orientação vocacional no insucesso escolar vs rendimento dos progenitores	69
Tabela 16. Teste de Kruskal-Wallis: diferença de tratamento no insucesso escolar vs rendimento dos progenitores	70
Tabela 17. Teste de Kruskal-Wallis: acesso a apoio escolar no insucesso escolar vs rendimento dos progenitores	71
Tabela 18. Teste de Kruskal-Wallis: incidência do insucesso escolar em certos grupos sociais vs rendimento dos progenitores	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Escolarização média da população portuguesa, total e por sexo, 1991-2011	8
Figura 2. Taxa de retenção e desistência no ensino secundário por modalidade de ensino e ano de escolaridade	11
Figura 3. Taxa de retenção e desistência (%) nos ensinos básico e secundário, ensino regular e profissional, rede pública e privada.....	16
Figura 4. Percentagem da população com idades entre os 20 e 34 anos com alguma experiência profissional durante o ensino superior por país.....	26
Figura 5. Rácio entre a taxa de desemprego dos jovens (15 - 24 anos) e a taxa de desemprego total nos países da União Europeia	26
Figura 6. Taxa de desemprego total e de jovens e proporção de desemprego de longa duração.....	29
Figura 7. Distribuição das respostas por género.....	38
Figura 8. Distribuição das respostas por nível de ensino	38
Figura 9. Habilitações literárias do Pai	39
Figura 10. Habilitações literárias da Mãe.....	40
Figura 11. Ocupação do Pai.....	40
Figura 12. Ocupação da Mãe.....	41
Figura 13. Rendimento Familiar	41
Figura 14. Rendimento familiar vs rendimento escolar	42
Figura 15. Escalão etário dos inquiridos	43
Figura 16. Número de horas de estudo	43
Figura 17. Média escolar do ano anterior.....	43
Figura 18. Média escolar do ano atual	44
Figura 19. Influência sobre a falta de espaço para estudo no rendimento escolar ...	44
Figura 20. Influência sobre a falta de apoio escolar no rendimento escolar	45
Figura 21. Grau de satisfação relativamente ao curso frequentado.....	45
Figura 22. Insucesso escolar.....	46
Figura 23. Razões para o insucesso escolar	47
Figura 24. Responsabilidade pelo Insucesso escolar.....	47
Figura 25. Impacto do insucesso escolar na vida de um jovem	48
Figura 26. Influência do insucesso escolar por grupo económico	48
Figura 27. Diferenciação do tratamento em relação ao insucesso escolar	48
Figura 28. Impacto para os jovens em situação de insucesso escolar	49
Figura 29. Combate ao insucesso escolar.....	50
Figura 30. Relação insucesso escolar vs pobreza.....	50
Figura 31. Relação insucesso escolar vs orientação vocacional	51
Figura 32. Razões para o abandono escolar	51
Figura 33. Insucesso escolar limita acesso ao mercado de trabalho	52
Figura 34. Setores de mercado com maior acessibilidade para indivíduos com insucesso escolar	54
Figura 35. Integração no mercado de trabalho de pessoas com níveis de escolaridade mais baixos	54
Figura 36. Tipo de apoio que deve ser oferecido a jovens com insucesso escolar para melhorar as suas perspetivas face ao mercado de trabalho	55
Figura 37. Insucesso escolar como limitador do acesso ao mercado de trabalho	55
Figura 38. Insucesso escolar como limitador das oportunidades de emprego	56

Figura 39. O mercado de trabalho retém pessoas com níveis variados de escolaridade, diminuindo o impacto do insucesso escolar	56
Figura 40. O insucesso escolar não tem uma relação direta com as perspectivas face ao mercado de trabalho.....	57
Figura 41. Média escolar ano anterior vs nível de opinião sobre a influência do sucesso escolar na entrada no mercado de trabalho	60
Figura 42. Rendimento do agregado e a falta de um espaço de estudo.....	68
Figura 43. Rendimento do agregado e a forma de tratamento do indivíduo	70

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, o insucesso escolar tem vindo a ser um assunto bastante debatido. Está associado a diversos fatores que podem estar relacionados a causas exteriores ao indivíduo, à classe social ou nível socioeconómico dos progenitores, ou até mesmo ao nível social, cultural ou escolar (Sebastião & Correia, 2007). Define-se insucesso escolar como a obtenção de maus resultados escolares e reprovações, influenciando consideravelmente os jovens (Moreira, 2019).

Contudo, é de realçar que o insucesso escolar não tem uma definição única, visto que ainda não é um fenómeno bem explícito, designadamente nas suas causas (Nguengwe, 2018). Neste sentido, o aluno atinge o máximo de insucesso quando opta pelo abandono escolar, interrompendo os estudos (Branco, 2012). De forma a analisar o insucesso, recorreu-se ao uso da taxa de retenção/ desistência, que se traduz numa percentagem de alunos retidos face ao total num ano letivo.

O conceito de representações sociais é explorado tendo em conta as perspetivas de diversos autores, uma vez que pretende-se investigar de que modo as representações sociais dos jovens podem impactar o insucesso escolar. A teoria das representações sociais, criada por Moscovici (2003), diz respeito à realidade social. Nesta, as representações sociais surgem como um fenómeno complexo que está presente em todas as ações do nosso quotidiano, e abrange todas as nossas relações e comunicações, influenciando as trajetórias dos indivíduos. Assim, compreender as representações sociais do insucesso escolar e das perspetivas dos jovens face ao mercado de trabalho permite identificar certos padrões de pensamento.

Para além do mais, a instabilidade laboral e a exigência de maiores qualificações criam desafios, sobretudo para os indivíduos que se confrontam com um cenário de dificuldades escolares e desigualdade de oportunidades. Neste sentido, compreender as representações sociais é crucial para compreender a forma como os indivíduos veem o seu futuro profissional.

Posteriormente, e uma vez que o tema incide nas representações dos jovens estudantes, é fundamental fazer referência aos conceitos de juventude e juventudes. Estes conceitos são utilizados no quotidiano e envolvem uma variedade de significados, mesmo

no campo das ciências sociais (Diogo, 2014). Segundo Pais (1990), os jovens encontram-se inseridos numa cultura juvenil unitária, caracterizada por um conjunto de normas, crenças, valores e práticas partilhadas entre si. A juventude é vista como “uma categoria social, no sentido de se constituir como um conjunto de indivíduos cuja agregação é meramente discursiva e simbólica não constituindo, portanto, um grupo social” (Diogo, 2014, p. 1). Embora a tendência atual aponte para percursos escolares mais longos, um número significativo de jovens em Portugal abandona os estudos precocemente e ingressa logo no mercado de trabalho, atingindo essencialmente jovens pertencentes a classes sociais mais desfavorecidas (Diogo, 2014).

A finalidade do presente estudo é investigar, na perspetiva dos jovens estudantes, as suas representações sociais sobre o insucesso escolar e o mercado de trabalho, permitindo compreender as suas noções acerca desta temática. Os motivos subjacentes à escolha deste tema têm por base a preocupação face à crescente desmotivação dos alunos, às elevadas taxas de insucesso e abandono escolar e à elevada pobreza e exclusão social (Pereira, 2023).

A metodologia de investigação utilizada foi o questionário, cujo público-alvo são os jovens estudantes que atualmente frequentam licenciatura na Universidade dos Açores.

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos. O primeiro capítulo diz respeito à introdução, onde são apresentados os objetivos, o âmbito da investigação e a estrutura da mesma. O segundo capítulo aborda a revisão da literatura, isto é, o estado da arte sobre cada um dos construtos em estudo, designadamente o fenómeno do insucesso escolar, o fenómeno da juventude, as representações sociais, as representações sociais sobre o insucesso escolar, os jovens e o mercado de trabalho e as perspetivas dos jovens sobre o mesmo. No terceiro capítulo é apresentada a metodologia e descrição da amostra, os objetivos e hipóteses de investigação, os instrumentos de suporte à pesquisa, a caracterização da amostra e a análise estatística aplicada. No quarto capítulo, é explorada a análise de resultados relativamente às dimensões do estudo. Por fim, no capítulo cinco, conclusão, são apresentadas e discutidas as considerações finais obtidas nesta investigação, considerando a revisão da literatura.

CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo é apresentada a fundamentação teórica, assente na revisão da literatura sobre cada um dos conceitos a serem estudados na presente dissertação. O primeiro construto a ser analisado é a temática do insucesso escolar. Segue-se a revisão da literatura sobre o fenómeno da juventude, as representações sociais e representações sociais sobre o insucesso escolar, os jovens e a inserção no mercado de trabalho, e, por fim, as perspetivas dos jovens face ao mercado de trabalho.

2.1 Insucesso escolar

O insucesso escolar é um fenómeno que afeta o sistema educativo sobre o qual é necessário objeto de reflexão e debate (Pereira, 2013). Falar de insucesso escolar é referir-se a maus resultados escolares ou falta de êxito no cumprimento dos objetivos estabelecidos para cada nível de aprendizagem (Pereira, 2013).

Este é um termo complexo que apresenta várias definições, uma vez que as suas causas ainda não são totalmente compreendidas (Nguengwe, 2018). Este último autor relaciona o insucesso escolar à falta de capacidade que o aluno tem de compreender certas atividades estabelecidas pelas aprendizagens escolares e conseqüentemente retenção de conhecimentos destas atividades. Por outro lado, para Branco (2012), o insucesso escolar não acontece apenas quando o aluno reprova, podendo haver insucesso escolar quando o aluno é aprovado “pois insucesso escolar significa também rendimento abaixo das possibilidades do estudante” (Branco, 2012, p. 18). Para Rangel (1994), o insucesso escolar corresponde a maus resultados em avaliações ou repetições de forma sucessiva, levando ao abandono do ensino. Já para Damasceno e Negreiros (2018), este conceito caracteriza-se pela incapacidade de os alunos reterem conceitos, conhecimentos e valores ao longo do seu percurso escolar. Segundo Martins (2017), o insucesso define-se pelo fraco rendimento escolar, proveniente de diversos fatores, que impedem que os alunos atinjam as suas metas de aprendizagem num determinado espaço de idade e tempo. O insucesso escolar pode manifestar-se de diversos modos como baixos desempenhos, reprovações e desistências, que são provocadas por múltiplos agentes como a família, meio social ou escola (Moreira, 2019).

Todas as definições utilizadas pelos autores acima partilham o foco na dissonância entre o que se espera que o aluno aprenda e o que efetivamente aprende, sendo que não existe uma formulação certa ou errada. Considerando a natureza do meu estudo, adota-se a definição de Branco (2012), por remeter para uma compreensão mais ampla do fenómeno do fracasso escolar. Isto porque o insucesso escolar não se resume apenas à reprovação de um ano de escolaridade, podendo o mesmo ocorrer quando existe aprovação do aluno.

O aumento do acesso à educação é uma forma de reduzir o baixo rendimento escolar uma vez que o sistema educativo tudo fez para mitigar o insucesso escolar e as desigualdades sociais da educação (Perrenoud, 2002). A educação desempenha um papel indispensável, na medida em que a partir dela os indivíduos conseguem socializar e integrar-se no meio social que se encontram inseridos (Durkheim, 2011). Para além disso, a educação facilita a inserção do indivíduo na sociedade, logo, quanto maior o nível de escolarização, menor a probabilidade do indivíduo se encontrar numa situação de desemprego e exclusão social (Nóvoas, 2012).

No que se refere ao aluno enquanto fator associado ao insucesso escolar, é possível constatar problemas como a falta de atenção, memorização e consolidação de conhecimentos, uma vez que o aluno enfrenta dificuldades em assimilar o conteúdo, havendo mais espaço para distração, impossibilitando a assimilação da aprendizagem (Fonseca, 2008). Deste modo, alunos com maior desequilíbrio emocional podem vir a ter maiores dificuldades na aprendizagem, acarretando resultados menos positivos (Fonseca, 2008). Quanto às características de um aluno em situação de insucesso escolar, de acordo com Moreira (2019), algumas investigações afirmam que o fracasso escolar pode aumentar os níveis de delinquência juvenil e diminuir os de coesão social. Existem ainda indicadores internos e externos relacionados a este fenómeno. Os primeiros destacam a repetência, o abandono escolar e o absentismo, enquanto os segundos incluem dificuldades de integração na vida ativa, delinquência e desemprego (Martins, 2017).

No que concerne ao meio familiar, o insucesso escolar pode estar relacionado com o tipo de família e relações parentais que influenciam tanto o comportamento dos pais quanto o da criança (Simões, 2011), para além de que, segundo Bordieu *et al.* (2005), os rendimentos económicos influenciam o sucesso educativo.

Existem diversas causas de ordem social como a violência, a pobreza e maus-tratos que têm impacto na relação entre pais e filhos (Simões, 2011). Por exemplo, indivíduos que vivem em bairros degradados, enfrentam maiores dificuldades no percurso escolar devido às condições em que se encontram inseridos (Benavente *et al.* 1991). De acordo com a OECD (2016), os fatores de risco passam por ser imigrante; a língua materna não ser a língua de escolarização; a não frequência da pré-escolar; a pertença a famílias monoparentais, entre outros. No entanto, o nível socioeconómico foi considerado o principal fator na previsão do insucesso escolar, dado que as dificuldades económicas levam a que os jovens abandonem a escola para ingressar no mercado de trabalho.

Todavia, para além dos fatores acima referidos, o próprio funcionamento das escolas assume um papel significativo no sucesso ou insucesso dos alunos (Pereira, 2013). Tanto a escola como os professores são protagonistas indispensáveis na promoção do sucesso escolar (Rafael, 2011). Relativamente à escola, esta é delineada como uma instituição ideológica do Estado que se dedica à transmissão de ideologias, valores e normas, que são definidas como absolutas e imutáveis, que tem como objetivo a reprodução da estrutura social (Roazzi & Almeida, 1988). Contudo, apesar da escola ser detentora de um papel fulcral que proporciona a todos os indivíduos conhecimentos, competências e aptidões, por vezes, esta perpetua o agravamento das desigualdades sociais (Roazzi & Almeida, 1988), sendo que o sistema não tem em conta as diferenças de cada aluno, o que origina um ambiente em que aqueles que vêm de meios socioeconómicos mais desfavorecidos tendem a ser rotulados como insucessos. Para além do mais, a escola pode ser vista como um agente delimitador à promoção social pelas classes socioeconómicas mais desfavorecidas (Roazzi & Almeida, 1988).

Relativamente aos professores, “motores e carburadores da máquina do ensino” (Rafael, 2011, p. 44), o insucesso escolar é entendido como a ausência de bases, motivação ou capacidades dos jovens e mau funcionamento das estruturas, sejam elas familiares, sociais ou educativas (Roazzi & Almeida, 1988). Com efeito, muitos professores sentem-se infelizes e desmotivados no exercício da sua profissão, sendo que isto afeta a qualidade da educação. Para Rafael (2011), os melhores docentes são aqueles que têm uma atitude mais positiva em relação ao seu trabalho. Sendo estes agentes do processo ensino-aprendizagem, quanto mais empenhados estiverem no sucesso dos alunos, maior a probabilidade de proporcionar aos mesmos um ensino de qualidade e maior sucesso educativo (Rafael, 2011). Para além disso, a relação dos professores com

os alunos poderá ter uma influência positiva, na medida que é na relação interpessoal entre professor e aluno que se pode criar um clima positivo no contexto de sala de aula, promovendo um maior sucesso académico (Rafael, 2011). Deste modo, podemos afirmar que as atitudes, os comportamentos e as expectativas dos professores exercem uma influência significativa no que respeita ao rendimento dos alunos (Pereira, 2023).

Um dos principais indicadores a salientar que avalia o fenómeno de insucesso escolar é a taxa de retenção/ desistência. Este conceito refere-se a uma proporção de alunos que não conseguem transitar para o ano de escolaridade seguinte face ao total de alunos matriculados no mesmo ano letivo (Azevedo, 2016).

O abandono escolar dá-se quando o jovem atinge o ponto culminante ao desistir dos estudos (Branco, 2012). Este abandono pode estar motivado por diversas causas, como a falta de acompanhamento por parte dos pais, a pertença a classes sociais mais desfavorecidas ou a precaridade das condições socioeconómica dos mesmos (Sebastião & Correia, 2007). De acordo com os autores, alunos que pertencem a classes sociais mais elevadas estão propensos a reprovarem quando estão numa escola onde grande parte dos alunos são de classe social mais baixa (Sebastião & Correia, 2007), revelando que o meio escolar em que se encontram inseridos tem influência sobre o desempenho. Neste sentido, é possível identificar algumas irregularidades no trajeto escolar dos alunos que se relacionam com a origem social, residência ou instituição de ensino frequentada (Sebastião & Correia, 2007). O abandono escolar é “uma situação extrema de desigualdade entre os que vivem curtos percursos escolares, fracassam e abandonam e os que obtêm sucesso certificado e vivem longos percursos académicos, com as respetivas consequências pessoais e sociais do saber e dos títulos” (Benavente *et al.* 1994, p. 12). Este conceito está ainda relacionado com diversos fatores como o próprio insucesso escolar, as estratégias familiares, o processo de escolarização e o contexto socioeconómico dos jovens (Benavente *et al.* 1994). De acordo com Branco (2012), os indivíduos em situação de abandono ou insucesso, tendem a apresentar uma certa escassez de recursos económicos ou sociais, sem esquecer que a escola nem sempre disponibiliza a igualdade de oportunidades no acesso à aprendizagem.

O insucesso e abandono escolar são questões complexas, que podem impactar a vida dos jovens estudantes do ensino superior, e consequentemente, a comunidade “pois na perspetiva de uma economia crescentemente apoiada pelo conhecimento e pela

inovação, é dada relevância às qualificações académicas de nível superior” (Lopes *et al.* 2023, p. 2). Para muitos alunos do ensino secundário, ingressar no ensino superior é um objetivo incentivado pela aquisição de um maior número de conhecimentos, boas perspectivas de inserção no mercado de trabalho e desenvolvimento pessoal (Lopes *et al.* 2023). Contudo, a transição do ensino superior para o mercado de trabalho tem sido marcada por alguma instabilidade (Vieira & Coimbra, 2006).

Segundo Ajjawi *et al.* (2019), são várias as causas que podem influenciar o insucesso tais como: questões de foro pessoal, como a falta de motivação, a ansiedade ou o *stress*; problemas de saúde físicos ou mau estar psicológico; pressões financeiras ou maus hábitos de estudo. Para Lopes *et al.* (2023), existem vários motivos que levam ao abandono, a destacar: questões de foro vocacional; perceção das dificuldades de empregabilidade; dificuldades económicas e insucesso escolar, e ainda outras causas como o cansaço excessivo, o desejo de trabalhar e começar a ser financeiramente estável, dificuldades de conciliação de estudos e trabalho (no caso de trabalhadores-estudantes), a mudança e/ou má integração noutra cidade, oportunidades de trabalho, entre outros. Relativamente às questões de ordem vocacional, estas interligam-se com o facto de muitos estudantes não serem colocados nas suas primeiras opções, podendo ser considerado um fator de desmotivação, a área profissional não corresponder às expectativas do aluno ou mesmo acharem o curso desinteressante (Lopes *et al.* 2023).

Relativamente à perceção das dificuldades da empregabilidade, este mesmo motivo diz respeito a causas financeiras sendo “a perceção das dificuldades de empregabilidade, entendida como a consciência da realidade do mercado de trabalho e da sua lotação, associada à taxa de desemprego existente em Portugal, pode levar ao abandono escolar” (Lopes *et al.* 2023, p. 9). No que concerne ao insucesso escolar, este pode ser causado pela falta de bases e preparação dos alunos desde o secundário, a incapacidade de gestão do tempo, dificuldades a responder ao grau de exigência do curso, métodos de aprendizagem não serem os melhores, pouca disponibilidade dos professores, entre outros. Da mesma forma, “estudantes que ingressam no ensino superior com médias mais baixas têm mais propensão de abandonar os estudos do que os colegas que ingressam com médias superiores” (Lopes *et al.* 2023, p. 8).

O insucesso escolar entre os jovens é uma questão desafiadora que tem por base diversos fatores, causando um aumento da vulnerabilidade e do risco de exclusão social

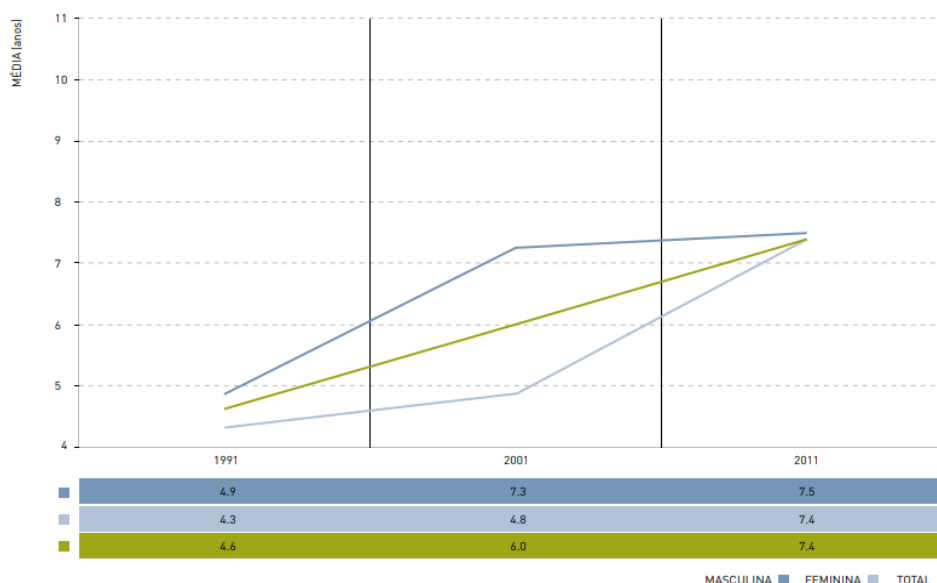
e no mercado de trabalho. Estudos de Rueda & Torelló (2014) recomendam que ao nível das políticas, os indivíduos em situação de insucesso possam adotar estratégias como programas de formação e sistemas de apoio, permitindo um maior acesso a oportunidades de ingresso no mercado de trabalho e redução do risco de exclusão social. Assim, é fundamental a adoção de práticas preventivas através da promoção da formação (Lopes *et al.* 2023).

Em síntese, o insucesso escolar não possui uma definição única, sendo um fenómeno de natureza complexa que não envolve apenas a reprovação como também outros fatores.

2.1.1 Insucesso escolar em Portugal

Ao debater a temática do insucesso escolar é imprescindível fazer referência à situação do país e compreender como tem evoluído a escolarização dos portugueses entre os momentos censitários de 1991 e 2011 (Justino *et al.* 2017). O ensino em Portugal é um processo caracterizado pela lentidão (Sebastião & Correia, 2007), sendo que tal facto está associado à dificuldade relativamente à alfabetização da população.

Figura 1. Escolarização média da população portuguesa, total e por sexo, 1991-2011



Fonte: Justino *et al.* 2017, p. 11

Como podemos observar na Figura 1, a escolarização média da população portuguesa sofreu um aumento de 4,6 para 7,4 anos ao longo de 20 anos, isto é, de 1991 a 2011. No ano de 1991, a escolarização era pouco superior ao primeiro ciclo do ensino básico, refletindo o atraso do país. Embora a progressão até 2011 tenha sido positiva, ainda não se atingia o terceiro ciclo do ensino básico, sendo este o nível de referência para a escolaridade obrigatória. É possível verificar diferenças de escolarização comparando os sexos. Em 1991, as mulheres eram detentoras de menos anos de estudo relativamente aos homens e avançaram mais lentamente numa primeira fase. Contudo, entre 2001 e 2011, estas foram as principais responsáveis pelo aumento da escolarização (Justino *et al.* 2017).

Apenas a partir de 1964 a escolaridade obrigatória em Portugal passa dos quatro para os seis anos de idade e em 1986 para os nove anos, aquando da democratização do ensino. Com o progresso da escolaridade obrigatória, verificou-se um decréscimo na percentagem da população com apenas o primeiro ciclo de escolaridade “passando de 33% em 1981 para 27,8% em 2001” (Sebastião & Correia, 2007, p. 113). O aumento do número de matrículas no ensino secundário, resultado da queda da taxa de retenção e desistência “passou de 40,2% em 2000/2001 para 18% em 2008/2009” (Álvares & Calado, 2014, p. 16), o que possibilitou a implementação da escolaridade obrigatória até aos dezoito anos de idade.

A primeira década do século XXI foi um período marcado pelo investimento relativamente às políticas de promoção do sucesso escolar (Álvares & Calado, 2014). Durante esta fase, existiram importantes avanços nos sistemas de educação e formação, sendo exemplo disso a diminuição do abandono escolar precoce, visto que o mesmo passou de 41,2% em 2003 para 28,7% para 2010, de acordo com a Eurostat e para 8% na atualidade.

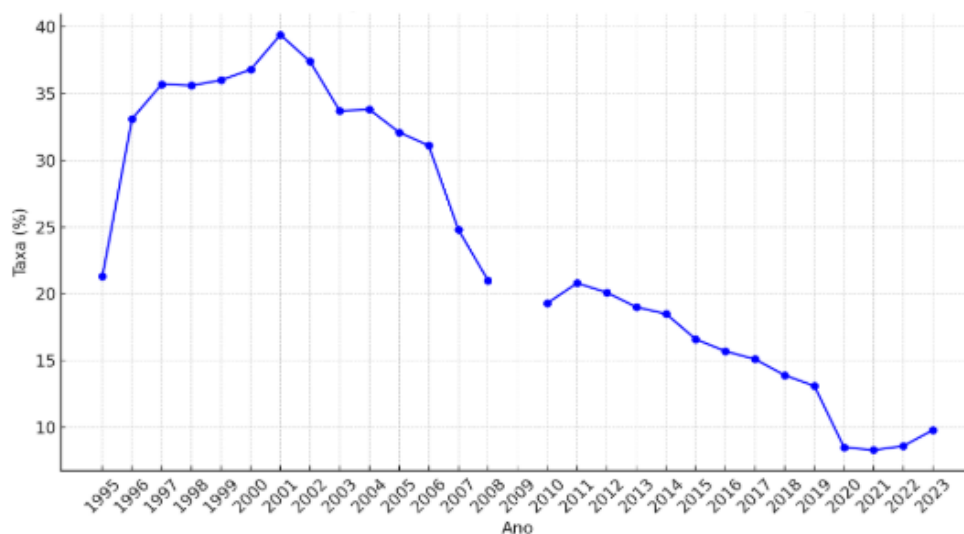
Uma das principais medidas de promoção do sucesso escolar e combate ao insucesso foi a “generalização dos cursos profissionais e dos Cursos de Educação-Formação (CEF) nas escolas públicas” (Álvares & Calado, 2014, p. 15), sendo que a oferta de cursos profissionais e cursos científico-humanísticos deteve uma enorme procura e crescimento. Este tipo de medidas é fundamental, pois segundo Pinto *et al.* (2015), a taxa de abandono escolar no ensino profissional é alta, com muitos estudantes a acumularem retenções de disciplinas.

Houve ainda um investimento em medidas e programas de promoção do sucesso e recuperação de aprendizagens, mais centradas na escola e no processo de aprendizagem com metodologias de intervenção mais diversificadas. A intervenção passou pela criação de ofertas vocacionais e formativas, enquadrando-se os planos de recuperação e de acompanhamento no ensino básico e o programa Mais Sucesso Escolar, sendo que estes planos tiveram em conta as necessidades e desempenho dos alunos (Álvares & Calado, 2014). Foram também implementadas medidas dirigidas às escolas que procuravam “providenciar instrumentos ao sistema e às escolas para responder a problemas de insucesso e abandono escolar a territórios ou públicos muito específicos” (Álvares & Calado, 2014, p. 19). Estes programas permitiram obter resultados significativos colocando Portugal, entre os países da Europa, dos que mais melhoraram os seus indicadores de sucesso escolar (Álvares & Calado, 2014).

No que concerne à taxa de retenção e desistência, segundo os dados da PORDATA, no ensino secundário em 2010 Portugal apresentava uma taxa de 19,3%, enquanto em 2022 é evidenciada uma taxa de 8,6%.

A Figura 2 apresenta a evolução da taxa de retenção e desistência desde 1995, demonstrando uma tendência geral de queda, com algumas flutuações. Inicialmente nos anos de 1995 a 2000, a taxa era relativamente alta e atinge o pico em 2000, com um valor superior a 40%. Após este pico, verificou-se uma diminuição gradual até 2020, mantendo-se mais ou menos estável nos 5% em 2023. É ainda de realçar que em 2009 não existiam quaisquer dados disponíveis.

Figura 2. Taxa de retenção e desistência no ensino secundário por modalidade de ensino e ano de escolaridade



Fonte: PORDATA

Em Portugal, o combate ao insucesso escolar tem produzido resultados positivos nos últimos anos, embora exista ainda muito trabalho a ser feito, especialmente em certas regiões do país (Justino *et al.* 2017).

2.1.2 Insucesso escolar nos Açores

Durante alguns anos, as ilhas do arquipélago dos Açores eram mais desvalorizadas devido à insularidade e distância com Portugal Continental, o que acarretou um desenvolvimento mais lento da educação (Gaspar, 2009).

Em 1970, os Açores apresentavam um valor de 34,4% de população analfabeta. Segundo Gaspar (2009), esta elevada taxa relaciona-se a diversas limitações sociais e educativas da época bem como ausência de infraestruturas. Apesar do arquipélago ter-se vindo a emancipar ao longo dos anos, o rendimento da população açoriana continua a ser inferior aos valores médios comparativamente a Portugal Continental (Rocha & Ferreira, 2010).

Entre 1981 e 2011, os Açores registaram progressos significativos ao nível da redução do analfabetismo. Em 1981 a taxa global de analfabetismo era de 20,3% e em 2011 houve uma redução para os 4,7%. Tendo por base a Tabela 1, a taxa de alfabetismo

nos Açores revelou-se mais elevada nos homens em comparação com as mulheres. Durante o período em análise, a ilha da Graciosa apresenta quase sempre os índices de alfabetismo mais elevados, enquanto o Faial é a ilha com as taxas mais baixas do arquipélago. Em 2011, manteve-se as disparidades entre as ilhas apresentando o Faial a taxa mais baixa com um valor de 2,9% e a mais alta na Graciosa com 6,4% (Rocha & Diogo, 2021).

Tabela 1. Taxa de analfabetismo nos Açores, por ilhas, total e por sexo, 1981 – 2011 (%)

	1981			1991			2001			2011		
	H	M	T	H	M	T	H	M	T	H	M	T
Santa Maria	21,9	21,1	21,5	12,0	13,3	12,6	10,2	9,8	10,0	4,2	4,4	4,3
São Miguel	22,8	20,3	21,5	12,1	11,0	11,5	11,0	9,6	10,3	5,6	4,5	5,1
Terceira	20,2	19,1	19,7	8,8	8,4	8,6	9,1	9,0	9,1	4,4	4,4	4,4
Graciosa	31,0	27,9	29,4	12,1	11,8	11,9	15,0	13,3	14,1	6,4	6,3	6,4
São Jorge	23,3	16,4	19,8	11,4	8,5	9,9	11,8	7,8	9,8	7,0	4,4	5,7
Pico	18,7	14,4	16,5	7,4	5,8	6,6	6,8	5,8	6,3	3,9	3,3	3,6
Faial	17,0	12,5	14,6	6,3	5,0	5,6	6,6	5,2	5,9	3,3	2,6	2,9
Flores	21,9	14,6	18,1	7,3	5,5	6,4	8,3	6,8	7,6	4,0	3,4	3,7
Corvo	17,1	14,5	15,7	7,4	5,1	6,2	7,3	4,4	5,9	6,0	1,2	3,9
Açores	21,7	19,0	20,3	10,5	9,5	10,0	10,0	8,9	9,4	5,1	4,3	4,7

Fontes: PORDATA; INE, 1993

Rocha & Diogo, 2021, p. 87

Tendo em conta os dados mais recentes disponíveis em 2021 (PORDATA), a Região Autónoma dos Açores registou uma taxa de analfabetismo de 3,1% considerando o total dos indivíduos masculinos e femininos. Esta percentagem representa uma redução significativa face ao ano de 2011, evidenciando um progresso considerável na alfabetização da população açoriana.

Na ilha de São Miguel, destacam-se os concelhos de Vila Franca do Campo e Ribeira Grande, com taxas de analfabetismo de 5,2% e 4,2%, respetivamente, enquanto Ponta Delgada apresenta o valor mais baixo da ilha, com uma taxa de 2,5% (PORDATA). Contudo, apesar da redução na taxa de analfabetismo, existem ainda baixos níveis de escolaridade e abandono escolar precoce significativos.

Na Tabela 2, é possível constatar a evolução do sucesso escolar com base nas taxas de transição e conclusão, que refletem a proporção de alunos matriculados em cada ano escolar que cumpriram os requisitos para concluir o ano e transitar para o ano seguinte.

Tabela 2. Taxas de transição no ensino básico, nos Açores, por ciclo e por ilha, 1990/91 e 2014/15 (%)

	1º Ciclo		2º Ciclo		3º Ciclo	
	1990/1991	2014/2015	1990/1991	2014/2015	1990/1991	2014/2015
Santa Maria	68,6	94,0	77,2	88,4	74,1	81,3
São Miguel	56,3	91,1	75,9	78,8	67,4	71,2
Terceira	68,6	94,4	87,1	85,7	77,2	81,1
Graciosa	62,1	96,0	78,5	86,1	83,6	77,4
São Jorge	62,6	99,2	89,1	97,5	75,6	86,7
Pico	57,5	97,0	84,9	91,5	73,4	88,0
Faial	61,2	97,0	85,9	97,4	83,9	83,3
Flores	58,4	92,7	75,3	84,0	87,6	56,3
Corvo	80,0	100,0	92,3	100,0	0,0	93,8

Fontes: SREC (1991, 2015)

Rocha & Diogo, 2021, p. 101

A tendência de melhoria observada na Tabela 2, nos três primeiros ciclos do ensino básico, especialmente no 1º ciclo, observada a nível regional, afeta de forma geral todas as ilhas do arquipélago. Contudo, nota-se algumas disparidades entre elas nomeadamente na ilha de São Miguel, evidencia níveis de insucesso escolar mais altos, ora em 1990/1991 ora em 2014/2015 (Rocha & Diogo, 2021).

Tabela 3. Taxas de transição por ano de escolaridade, por ilha, 1990/91 e 2014/15 (%)

	1990/1991	2014/2015
Santa Maria	61,5	80,5
São Miguel	52,0	75,3
Terceira	65,2	75,4
Graciosa	83,3	77,2
São Jorge	*	74,9
Pico	73,7	78,8
Faial	76,7	73,8
Flores	80,0	72,6
Corvo	*	100,0

*Inexistência do ensino secundário à data

Fontes: SREC (1991, 2015)

Rocha & Diogo, 2021, p. 106

Segundo a Tabela acima, ao comparar os resultados escolares nos anos de 1990/1991 e 2014/2015, verifica-se a tendência de decréscimo dos valores de insucesso escolar e aumento da taxa de transição de ano de escolaridade.

Entre 1990 e 1997, o número de alunos matriculados no ensino secundário no arquipélago representou um crescimento bastante significativo, em linha com a dinâmica geral do país. Contudo, a partir de 1997, existe uma diminuição constante no valor dos alunos matriculados que pode, também, ser observada na população açoriana entre os 15 e os 19 anos nos anos de 2000 a 2005, tendo em conta os dados do INE neste último ano (Rocha & Ferreira, 2010). Por outro lado, entre 2000 e 2006 a taxa de conclusão do 12º ano de escolaridade aumentou, diminuindo, por sua vez, a taxa de retenção e desistência (Rocha & Ferreira, 2010). Apesar deste progresso, os Açores ainda apresentavam desvantagem face a Portugal Continental no que toca ao desempenho escolar e conclusão do ensino secundário (Rocha & Ferreira, 2010).

Foi realizado um estudo no ano de 2006 intitulado “Um diagnóstico das situações de perigo nos Açores sob o olhar das CPCJ” com o propósito do estudo da educação nos Açores (Gaspar, 2009, p. 19). Primeiramente, os autores abordaram um grupo de jovens rapazes ao qual se verificou que os mesmos pertenciam a uma classe social mais baixa e viam a escola como uma obrigação, sendo que muitos deles apenas aguardavam a conclusão do ensino obrigatório para poderem trabalhar. Segundamente, um grupo de jovens raparigas foi interrogado, ao qual foi constatado que estas também eram provenientes de uma classe social mais baixa e não tinham nem uma boa relação com os professores nem apoio familiar nos estudos. Depreendeu-se que tanto os rapazes como as raparigas tinham como objetivo concluir apenas o ensino obrigatório e arranjar um trabalho para que pudessem auferir rendimentos. Desta forma, a falta de recursos poderá levar a uma menor garantia de sucesso escolar (Gaspar, 2009).

Relativamente à taxa de retenção e desistência, segundo a PORDATA (dados do INE), no ensino secundário, no ano 2010, a Região Autónoma dos Açores apresentava uma taxa de retenção e desistência de 25,5%, enquanto em 2022 esta situava-se nos 14,5%.

Ao analisar cada ano de escolaridade em particular, em 2010 no 10º ano a taxa era de 33,1%, no 11º ano de 14% e no 12º ano de 27,2%. Em 2022 no 10º ano há uma taxa de 19,6%, no 11º ano de 8,5% e no 12º ano de 14,6% (PORDATA). Tendo em conta os dados disponibilizados, é possível concluir que a taxa global de retenção e desistência diminuiu significativamente de 25,5% em 2010 para 14,5% em 2022, indicando por sua vez, uma melhoria no sucesso escolar no ensino secundário. É ainda de constatar a

diminuição da taxa de retenção e desistência ao longo dos anos e as melhorias significativas no 10º e 11º ano de escolaridade. Relativamente ao 12º ano, para além da taxa de retenção e desistência ter diminuído de 27,2% em 2010 para 14,6% em 2022, a mesma ainda permanece relativamente alta comparando com o 11º ano.

Apesar do registo de melhorias no ensino secundário na região, os dados ainda assinalam desafios, tendo em conta que as taxas ainda se mostram preocupantes, pelo que ainda existe a necessidade de continuar a implementar políticas eficazes de combate ao insucesso escolar.

Os Açores têm vindo a apresentar uma certa regularidade, contudo “este rendimento continua a mostrar-se inferior aos valores médios evidenciados pela generalidade do país, apresentando, ademais, diferenças significativas quer por género quer por modalidade de ensino” (Rocha & Ferreira, 2010, p. 88).

O programa ProSucesso, Açores pela Educação, é um instrumento de política educativa que tem por base a promoção do sucesso e consequentemente redução da taxa de abandono. No relatório, este programa referente a 2022, identificou que “em 2011, a taxa de abandono precoce de educação e formação nos Açores era de 43,8%. Em 2014, melhorámos para 32,8%, sendo a maior recuperação do país, mas mantém-se a taxa mais elevada” (ProSucesso, 2022, p. 12).

Tabela 4. Taxa de abandono precoce de educação e formação (%)

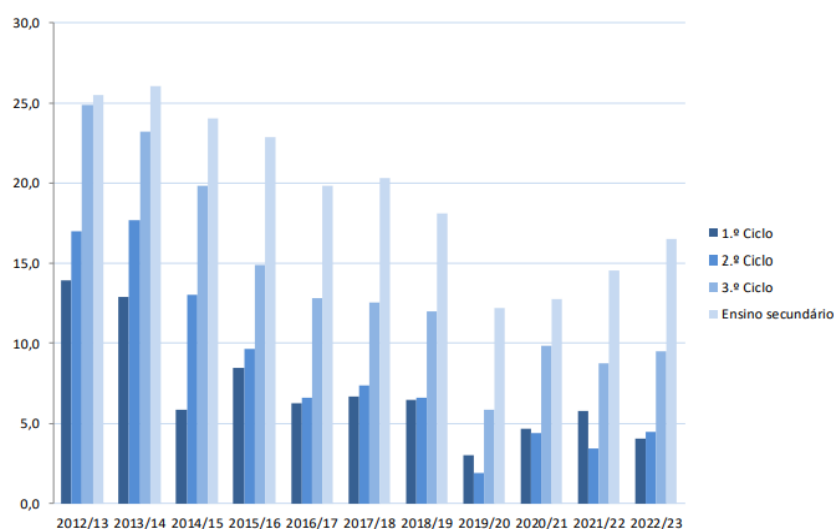
Taxa de abandono precoce de educação e formação (%)	
2013	35,70%
2014	32,80%
2015	28,10%
2016	26,40%
2017	27,80%
2018	28,40%
2019	26,50%
2020	26,30%
2021	22,50%
2022	27,00%
2023	22,90%
2024	19,80%

Fonte: INE

Segundo o relatório do ProSucesso, o objetivo estabelecido para 2025/2026 visa a continuação da diminuição desta taxa.

Na Figura 3 podemos constatar que, no ensino básico, a taxa de retenção e desistência apresenta uma redução de 18,2% (2012/13) para 6,0% (2022/23), comprovando uma queda sucessiva ao longo dos anos. Por outro lado, no ensino secundário, apesar de ter havido uma diminuição inicial, a taxa voltou a aumentar nos últimos anos atingindo o valor de 16,5% em 2022/23, o que leva a acreditar que existem desafios a enfrentar.

Figura 3. Taxa de retenção e desistência (%) nos ensinos básico e secundário, ensino regular e profissional, rede pública e privada



Fonte: Secretaria Regional da Educação, Cultura e Desporto, *Estatísticas da Educação 2022/2023*, p. 34

Outro indicador a realçar na análise do insucesso escolar nos Açores é o da pobreza e exclusão social. Embora não esteja diretamente associado à escolarização, a verdade é que exerce uma influência clara aquando do abandono escolar precoce dos indivíduos (Matos, 2024).

Segundo os dados mais recentes do relatório anual de Portugal, Balanço Social 2024, os Açores são a região com maior desigualdade, que apresenta valores mais elevados de pobreza e exclusão social (Carvalho *et al.* 2024). Deste modo, faz sentido relacionar estes indicadores de pobreza à causa familiar, classe social de origem e estrutura familiar (Matos, 2024).

Em suma, o insucesso escolar nos Açores é um fenómeno complexo influenciado por diversas causas, contudo, embora se tenham registado progressos significativos na redução do insucesso escolar, são muitos os desafios que necessitam ser ultrapassados.

2.2 O fenómeno da juventude

Com o passar dos anos o conceito juventude tem vindo a ser abordado de diversos modos, devido à contínua mudança que as sociedades vão atravessando e que vão redefinindo o que se pode entender por juventude. De uma forma contínua no tempo, considera-se juventude uma fase intermédia entre a infância e a idade adulta (Diogo *et al.* 2017; Pappámikail, 2017).

Adicionalmente Pappámikail (2017), remete para o facto de podermos fazer referência a juventude ou juventudes. Segundo Melo & Borges (2007), a juventude é analisada no seu carácter diversificado em que se analisam grupos específicos de jovens cujas experiências de vida os diferenciam de outras gerações. Para Diogo, o conceito de juventude constrói um conjunto de indivíduos sem que se forme um grupo social, mas uma condição social (Diogo, 2014). Já Groppo (citado por Oliveira, 2018) considera a juventude como um conjunto social composto por indivíduos de um dado grupo etário, enquanto juventudes é vista como um todo social mais diversificado, composta por jovens que pertencem a classes desiguais e condições económicas distintas.

O conceito de juventude surge na segunda metade do século XIX, tendo vindo a ocupar uma posição marcante e destacando-se em alguns estudos de foro científico (Doutor, 2016). Este conceito tornou-se objeto de consciência social, padronizando as questões e imposições associadas à juventude. A sociologia da juventude, segundo Pais (1990), foca-se na análise das características dos jovens tendo em conta as suas expectativas ou diferenças sociais. É ainda de salientar que a juventude não deve ser relacionada apenas a um estado de vida apresentado pela faixa etária, mas por um conjunto de fatores que a diferenciam de outros grupos da sociedade (Oliveira, 2018).

Assim sendo, este conceito pode ser compreendido com base nas representações, condutas e comportamentos que apresenta numa dada situação, sendo que segundo o ponto de vista da Sociologia, a juventude deve ser considerada não apenas pelas semelhanças entre os jovens, mas sim pelas diferenças entre eles (Diogo *et al.* 2017).

Sendo a juventude um grupo heterogéneo e em constante alteração, que tem por base as estruturas sociais que a atravessam (Bourdieu, 1980), é relevante fazer referência a este conceito, pois é através do mesmo que nos é possível compreender os modos como

os jovens vivenciam, explicam e atuam perante as trajetórias escolares, ao meio social em que se encontram inseridos e transição para o mercado de trabalho e vida adulta.

2.3 Representações sociais: conceito

As representações sociais referem-se a um conjunto de concepções e explicações que se integram na vida quotidiana, com o propósito de compreender e influenciar as diversas situações do dia a dia bem como as relações sociais entre os indivíduos na sociedade (Jodelet, 2003). Na perspectiva deste mesmo autor, este conceito engloba dois aspetos centrais nomeadamente o conteúdo, correspondendo a imagens, informações ou opiniões, e o objeto, remetendo para o indivíduo, família ou grupo (Jodelet, 2003). As representações sociais relacionam o domínio psicológico com o social, ressaltando a importância do conhecimento comum na análise científica (Villarroel, 2007; Farr, 1993).

O conceito de representações surge com o sociólogo Émile Durkheim através da sua teoria das Representações Coletivas, no início do século XX. No entanto, este conceito foi perdendo o seu significado (Pereira, 2013) já que a teoria não era capaz de explicar os estilos de vida e ideias, que ainda perduram nas sociedades mais contemporâneas (Vala & Castro, 2013). As representações coletivas introduzidas por Durkheim “pressupunham que as formas características de organização da vida social, em cada sociedade, originam formas de pensar” (Vala & Castro, 2013). Para o sociólogo, as representações coletivas deveriam conceber o campo da psicologia enquanto as representações sociais seriam o objeto da sociologia (Moscovici, 2003), sendo que estas últimas estão associadas à realidade social e são vistas como coisas (Durkheim, 2004).

Em meados do século XX, Serge Moscovici explora o uso deste conceito e substituiu-o por representações sociais (Pereira, 2013), desenvolvendo a teoria das representações sociais, sustentada no seu estudo sobre a psicanálise (Villarroel, 2007). Moscovici afirma que o conceito de representação social nasceu na sociologia e na antropologia através de Durkheim e Lévi-Bruhl, considerando a renovação e reafirmação da especificidade da Psicologia Social (Santana, 2019). Para Moscovici, as representações sociais são uma forma de conhecimento e devem ser analisadas como um fenómeno, ligando as dimensões individual e social (Moscovici, 2003). Estas dizem respeito a um sistema de valores, ideias, crenças e práticas com o intuito de estipular uma

ordem que proporciona aos indivíduos um rumo no mundo social e material (Moscovici, 2003).

Segundo Diogo (1998), as representações sociais têm em conta três abordagens: a informação, o campo de representação e a atitude. Moscovici (2007) afirma que as representações sociais despontam a partir de dois processos: a ancoragem e a objetivação. Neste sentido, a ancoragem consiste na integração de um novo objeto em redes de significados preexistentes, orientando as interações. Por outro lado, a objetivação altera os conceitos generalizados em símbolos concretos por meio de metodologias, como a seleção, naturalização e esquematização (Diogo, 1998; Moscovici, 2007).

As representações sociais diferenciam-se das representações coletivas, uma vez que é nas primeiras que “os modelos que servem para explicar a permanência têm, também, que explicar a mudança e identificar os processos que interligam ambas” (Vala & Castro, 2013, p. 581). As representações sociais têm o papel principal de familiarizarmos com o desconhecido, tornando-o mais compreensível (Moscovici, 1998). A teoria das representações sociais consiste numa ferramenta valiosa com o propósito de entender a relação entre os indivíduos e a sociedade, na medida em que faz a análise das relações e comportamentos dos indivíduos (Pereira, 2013). De um modo geral, trata-se de “uma modalidade de conhecimento socialmente elaborada e partilhada com um objetivo prático contribuindo para a construção de uma realidade comum a um dado conjunto social” (Vala & Castro, 2013, p. 584), isto é, não se pode compreender o individual sem recorrer ao social.

Segundo Elcheroth *et al.* (2011), a teoria das representações sociais de Moscovici, evidencia como as interpretações coletivas do mundo moldam as ações dos indivíduos e como podem influenciar o seu comportamento de modo mais significativo do que as crenças pessoais. De igual modo, são convicções e valores com um objeto estipulado, uma vez que fundamentam as práticas e condutas sociais (Vala & Castro, 2013). Neste contexto, compreender as representações sociais é indispensável para uma comunicação científica e realização de políticas eficazes (Farr, 1993), tendo em conta que estas refletem e orientam as relações sociais, que se encontram em contínua alteração (Cabecinhas, 2009).

Em suma, a principal ideia que emerge da análise destas abordagens teóricas é que os indivíduos, a partir das suas relações e interações, constroem as suas próprias representações da realidade social e orientam os seus comportamentos.

2.3.1 Representações sociais sobre o insucesso escolar

As representações sociais acabam por ser o que podemos designar como um conceito vazio, dado que existem representações sociais sobre praticamente tudo. No caso deste estudo, as representações sociais em apreço são as referentes ao insucesso escolar.

Neste seguimento, foram elaborados vários estudos acerca das perspetivas dos jovens acerca do insucesso e abandono escolar. Tendo em conta o ponto de vista dos alunos, estes apontaram fatores internos e externos, designadamente: o desempenho no contexto de sala de aula, a competência dos professores e dos conteúdos programáticos, a relação aluno-professor, o percurso escolar e o tempo extracurricular (Costa, 2008).

Um exemplo respeita a uma investigação realizada numa escola em Bogotá, por Beltrán & Beltrán (2023). Nesta, foi analisada a dinâmica da hierarquização e estigmatização entre os alunos rotulados como “bons” e “maus” (Beltrán & Beltrán, 2023, p. 1). As autoras investigaram como estas classificações sociais impactam o desempenho académico, as interações entre alunos e o modo como estes se sentem no contexto escolar. Os métodos utilizados na investigação remetem para uma abordagem qualitativa, com a realização de entrevistas e grupos de discussão com alunos e outros membros da esfera académica (Beltrán & Beltrán, 2023). Esta pesquisa demonstra que a hierarquização e estigmatização entre bons e maus alunos tem bastante influência, sendo que o insucesso se deve sobretudo a fatores de origem externa, como as condições familiares ou socioeconómicas, mais do que a elementos interligados à escola (Beltrán & Beltrán, 2023). As autoras abordam ainda a importância de restabelecer relações entre professores e alunos, bem como a pertinência de responder às necessidades dos alunos, a fim de mitigar o estigma associado ao desempenho académico (Beltrán & Beltrán, 2023).

Costa (2008) faz referência a um estudo de Mineiro, tendo por base as representações dos jovens sobre o insucesso, e conclui, que o grupo de pertença dos jovens não tem quaisquer influências sobre o sucesso escolar dos mesmos. Segundo o autor, as representações dos jovens indicam que o fraco aproveitamento escolar tem como

principais causas a falta de atenção e capacidade, falta de estudo, compreensão e aquisição de conhecimentos dos alunos. Podemos depreender assim, que, para os entrevistados, os alunos são os agentes responsáveis pelo seu próprio insucesso (Costa, 2008).

Num outro estudo que diz respeito às representações sociais dos alunos sobre a escola, a maioria dos jovens vê esta instituição como um caminho necessário para adquirir competências e conhecimento, facilitar a inserção no mercado de trabalho e assegurar um futuro promissor (Franco, 2010).

Para os alunos, a escola é vista como uma segunda casa que estabelece normas e padrões de comportamento (Pereira, 2013). É possível constatar que os jovens que mais precocemente abandonam a escola, acabam por ocupar cargos auferindo remunerações mais baixas e enfrentam maiores entraves nas relações interpessoais, apresentando níveis inferiores de bem-estar e realização pessoal. Assim sendo, os jovens têm a percepção que a educação e o mercado de trabalho estão interligados entre si desempenhando um papel fundamental nas diversas áreas da sua vida (Pereira, 2013).

Neste sentido, para compreender as representações sociais dos alunos sobre o insucesso escolar e por consequência as dinâmicas e condutas que influenciam as suas trajetórias acerca da sua inserção no mercado de trabalho, torna-se primordial analisar as suas representações assim como o contexto social, económico e cultural em que estas encontram-se inseridas (Pereira, 2023).

2.4 Os jovens e a sua inserção no mercado de trabalho

Atualmente, os jovens começam a ingressar no mercado de trabalho em condições muito diferentes de anos passados. Anteriormente, esta inserção ocorria por meio da agricultura familiar e trabalhos autónomos cuja remuneração era irrisória e as condições eram precárias (Cembranel *et al.* 2024). Porém, mesmo após o desenvolvimento industrial, os jovens ainda enfrentam dificuldades na atualidade aquando da sua inserção no mercado de trabalho (Cembranel *et al.* 2024). Os jovens, atualmente, pertencem à chamada geração Z ou geração tecnológica, geração esta que se adequa às novas tecnologias e possui maior tendência ao isolamento social: “por terem nascido e constantemente conviverem com

internet rápida no seu processo de comunicação esses jovens tendem a isolar-se” (Cembranel *et al.* 2024, p. 5).

Deste modo, compreender a forma como os jovens se inserem no mercado de trabalho é fundamental, pois afeta a sua perceção sobre o insucesso escolar e o valor que a educação tem para os mesmos. A Geração Z é marcada pela tecnologia e pelas novas formas de socialização, isto é, tem expectativas de futuro díspares face às gerações passadas, influenciando, por sua vez, as suas perspetivas acerca do seu futuro profissional (Cembranel *et al.* 2024).

A educação tem um papel fundamental na evolução do mercado de trabalho bem como no crescimento económico dos países (Pereira, 2023). Apesar de nos últimos anos a escolaridade em Portugal, em geral, e nos Açores em particular, ter vindo a aumentar, a dinâmica do emprego e desemprego manteve-se relativamente estável em comparação com anos anteriores, com uma taxa de desemprego jovem bastante elevada face ao total da população (Pereira, 2023).

De acordo com o modelo de capital humano de Becker, de 1964, um melhor nível de educação resulta numa maior produtividade, impactando, por conseguinte, na empregabilidade e salários. No entanto, o acesso à educação é influenciado pelas condições financeiras de cada um. Deste modo, “o nível ótimo de educação obtém-se tendo em conta tanto os benefícios como os custos esperados da escolaridade” (Pereira, 2023, p. 1). Contudo, o investimento na educação acarreta custos, como por exemplo, o custo de oportunidade. Este corresponde ao rendimento salarial que o aluno deixa de receber durante o período de estudos. Outros exemplos de custos associados à educação passam pelo acesso a materiais escolares, pagamento de propinas, despesas de deslocação ou alojamento (Pereira, 2023).

É de realçar que muitos jovens auferem remunerações inferiores ao suposto, muitas vezes exercendo funções que nada dizem respeito à sua área de formação. Isto ocorre pela massificação do acesso ao ensino superior originando processos de deslocação ao nível do emprego, isto é, os jovens licenciados ocupam lugares que anteriormente não lhes eram destinados, substituindo indivíduos com menos qualificação que auferiam menores vencimentos (Quintini, 2011).

Apesar do grande volume de acesso ao ensino superior, o nível de escolaridade de cada indivíduo acaba por ser o principal fator na escolha de uma empresa no âmbito da

contratação (Pereira, 2023). Estudos passados evidenciam que os jovens enfrentam dificuldades para compreender o que as empresas procuram ao contratar os mesmos (Cembranel *et al.* 2024). Da mesma forma, muitas empresas têm dificuldade em desenvolver ferramentas de captação para os jovens, principalmente jovens sem experiência (Cembranel *et al.* 2024). Os jovens são os mais afetados pelo contexto adverso do mercado de trabalho devido à sua situação de desvantagem, onde se destaca a falta de experiência (Rocha, 2008).

Além disso, Rocha (2008) ainda evidencia outros desafios da inserção no mercado de trabalho: baixa escolaridade, dado que a falta de qualificação é um dos principais fatores que contribuem para a alta taxa de desemprego; mudanças estruturais, tendo em conta que o mercado de trabalho encontra-se em constante alteração, algo que exige maior flexibilidade e qualificação; e a própria taxa de desemprego, sendo a taxa de desemprego jovem mais alta do que a taxa da população total. Além do mais, devido à insegurança, os jovens enfrentam desafios no que toca à comunicação essencialmente durante o processo de recrutamento. Assim, os mesmos acabam enfrentando diversas dificuldades ao ingressarem no mercado de trabalho, sendo que as características mais procuradas por recrutadores são a capacidade de trabalhar sozinho e em grupo, vontade de aprender mais, os seus atributos, responsabilidade, experiência e comprometimento (Cembranel *et al.* 2024).

Diante disto, o processo de recrutamento e seleção consiste num desafio para as empresas tendo em conta que este procedimento acarreta custos como o gasto em uma nova contratação e formação da pessoa. É neste momento que começa a dita relação empregador-trabalhador. Quando os jovens não se sentem motivados ou felizes no seu local de trabalho isto pode gerar um custo para a empresa devido ao investimento da mesma. Estudos revelam ainda que jovens que trabalham com pessoas de diferentes idades sentem-se satisfeitos no seu local de trabalho para além de que mantêm uma boa relação com os seus superiores (Cembranel *et al.* 2024).

O relatório “Joint Employment Report 2024”, remete para uma análise abrangente das principais tendências de mercado na União Europeia e da importância da qualificação dos indivíduos. Este salienta que tanto a taxa de desemprego como as oportunidades em contexto de trabalho, variam consideravelmente entre os diversos grupos populacionais. De acordo com este relatório, em 2022, a taxa de pobreza ou exclusão social na União

Europeia situava-se nos 21,6%, evidenciando a fragilidade económica sentida. Esta realidade afeta de certa forma indivíduos com menor nível de escolaridade, conduzindo, por conseguinte, ao insucesso escolar e a trajetórias de exclusão social. O período compreendido entre 2020 e 2022, marcado pela pandemia Covid-19 e agravado pelos impactos da guerra na Ucrânia, arrastou consigo uma grande instabilidade no mercado de trabalho em alguns países da Europa como o caso da Roménia, Bulgária, Espanha e Itália. Apesar de já se ter passado alguns anos, os efeitos ainda se fazem sentir traduzindo-se na redução de oportunidades de acesso ao mercado de trabalho e, por conseguinte, maior risco de pobreza e exclusão social.

Portugal, apesar de verificar uma trajetória de recuperação da taxa de emprego, face a outros países da União Europeia, continua a enfrentar desafios e desigualdades, sobretudo em grupos de trabalhadores mais jovens e em setores mais vulneráveis e precários, que comprometem a coesão social. Este relatório faz referência ainda à ausência de competências necessárias, representando uma lacuna para as pequenas e médias empresas, sendo que 78% delas relatam dificuldades em arranjar trabalhadores com competências apropriadas.

Por fim, o relatório “Joint Employment Report 2024” destaca a relevância da aprendizagem contínua, através da implementação de diversas políticas de emprego eficazes para os trabalhadores e respondendo às exigências de mercado. Assim sendo, a implementação de políticas de emprego eficazes e organizadas possibilitam um maior combate ao insucesso, desenvolvem maiores oportunidades de formação e permitem ter um maior acesso ao mercado de trabalho.

2.4.1 Os jovens em Portugal

Os jovens em Portugal apresentam dificuldades no ingresso ao mercado de trabalho, e apesar da geração atual ser das gerações mais qualificadas da história, as taxas de desemprego permanecem bastante elevadas (Randstad Portugal, 2024).

Tendo em conta o estudo “Mitos e verdades: jovens no mercado de trabalho” foi feita uma caracterização dos jovens em Portugal que tem por base o segundo trimestre de 2024:

Tabela 5. Os jovens e o mercado de trabalho – 2º quadrimestre de 2024

Variáveis estatísticas de caracterização	Milhares	% total dos jovens	
	Total	16-24	25-34
Total Jovens	2134	45,8%	54,2%
Sexo			
Homens	1082,9	46,0%	54,0%
Mulheres	1051,9	45,6%	54,4%
Nível Escolaridade			
Até ao 3º ciclo básico	543,6	65,5%	35,5%
Secundário e Pós-Secundário	943,6	51,9%	48,5%
Superior	647,7	21,3%	78,7%
Mercado Trabalho			
Empregados	1267,2	21,9%	78,1%
Desempregados	149	52,5%	47,5%
Inativos	718,5	86,7%	13,3%
NEET*	188,4	42,3%	57,7%

*NEET: jovens entre os 16 e 34 anos que não trabalham, estudam ou não estão em formação.

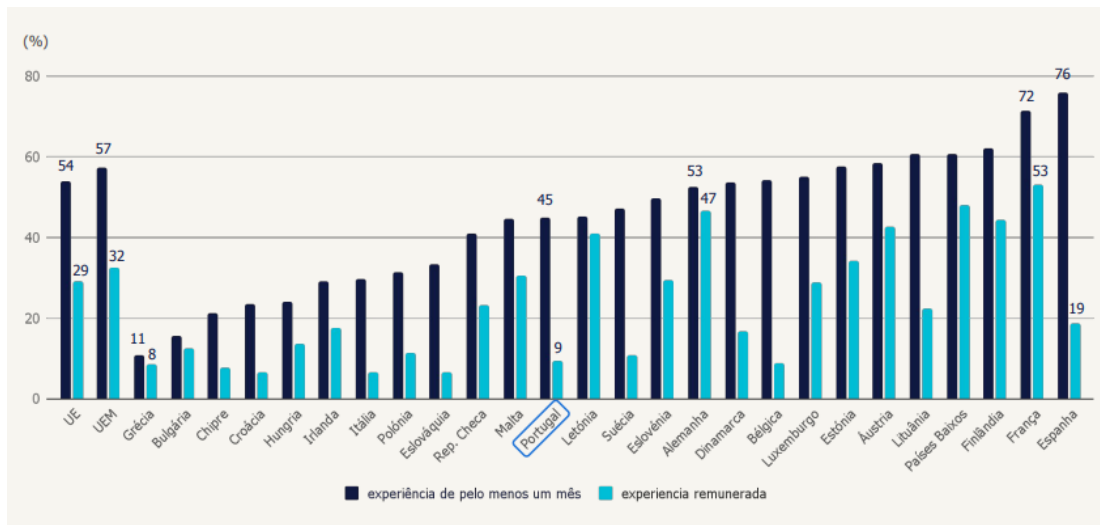
Fonte: Randstad Portugal, 2024, p. 3

Os jovens entre os 16 e os 24 anos, estão idealmente a concluir o ensino secundário e/ou a ingressar no ensino superior, pelo que muitos ainda não se encontram inseridos no mercado de trabalho.

Por outro lado, os jovens adultos com a faixa etária de 25 aos 34 anos, provavelmente, já têm os seus estudos concluídos e procuram um emprego estável. Tendo em conta os dados que podemos observar na Tabela acima, a população está equilibrada entre homens e mulheres.

Relativamente à participação no mercado de trabalho, a maioria dos jovens adultos estão inseridos no mercado de trabalho, enquanto os mais jovens, que ainda se encontram a estudar, apresentam uma taxa mais elevada de inatividade (Randstad Portugal, 2024).

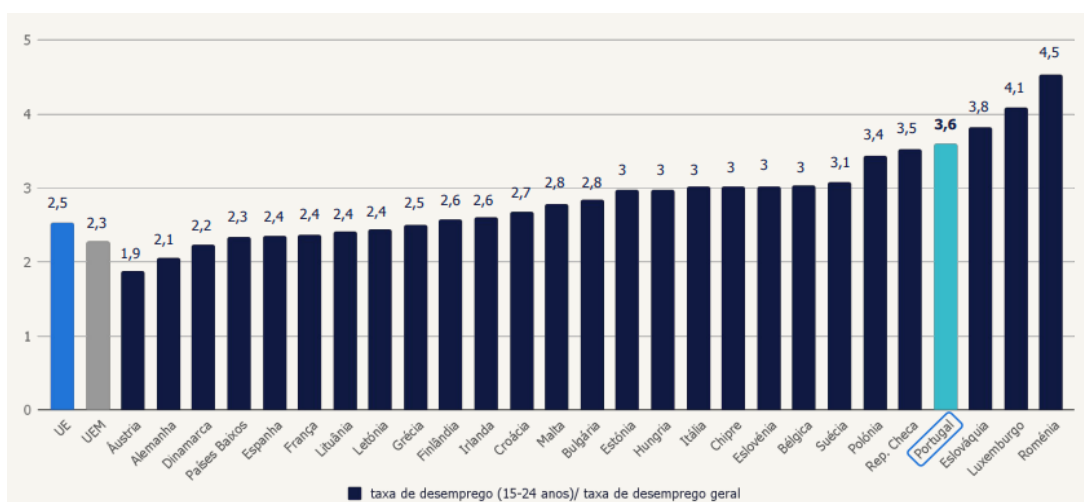
Figura 4. Percentagem da população com idades entre os 20 e 34 anos com alguma experiência profissional durante o ensino superior por país



Fonte: Randstad Portugal, 2024, p. 10

A Figura 4 ilustra a irregularidade entre a formação académica e as expectativas do mercado de trabalho. Assim sendo, é fundamental adquirir experiência para a qualificação dos jovens do ensino superior relativamente às exigências de mercado, sendo que a falta de experiência representa um obstáculo na transição dos jovens estudantes para o mercado de trabalho. É de realçar que apenas 45% dos jovens em Portugal, teve uma experiência profissional durante os estudos, estando 9 pontos percentuais abaixo da média na Europa. Isto quer dizer que, os jovens portugueses têm menos oportunidades de adquirir experiência face aos restantes países da União Europeia.

Figura 5. Rácio entre a taxa de desemprego dos jovens (15 - 24 anos) e a taxa de desemprego total nos países da União Europeia



Fonte: Randstad Portugal, 2024, p. 15

Como podemos constatar na Figura 5, Portugal é um dos países da Europa que apresenta uma taxa mais elevada de desemprego jovem, com uma percentagem de 3,6%, valor acima da média da União Europeia. Desta forma, o país enfrenta uma multiplicidade de desafios relacionados com o mercado de trabalho, isto é, a evolução do emprego e desemprego representam um papel fundamental na economia portuguesa influenciando não só a vida pessoal do indivíduo como o desenvolvimento socioeconómico do país (Pereira, 2023).

2.4.2 A juventude e o desemprego

O emprego é um fator decisivo para o bem-estar da juventude (GEP, 2022), essencialmente pelo papel fulcral que o mesmo desempenha na construção da identidade do indivíduo e integração social dos jovens (Ferreira *et al.* 2024). Atualmente, o desemprego jovem é bastante superior ao desemprego entre adultos (Observatório Emprego Jovem, 2023).

À semelhança do que acontece em vários países da Europa, os jovens em Portugal confrontam-se com complicações acrescidas no acesso e permanência no mercado de trabalho (GEP, 2022), tendo as mesmas sido dificultadas pela pandemia, em que “mais de 70% dos empregos perdidos entre 2019 e 2020 eram ocupados por jovens: a população empregada dos 15 aos 64 anos desceu por 95,5 mil pessoas em 2020, com decréscimos de 49,2 mil pessoas nos jovens dos 15 aos 24 anos e de 19,0 mil pessoas no grupo dos 25 aos 29 anos” (GEP, 2022, p.1).

A taxa de desemprego jovem é um importante indicador estatístico que compara o número de jovens desempregados com o número de jovens ativos. Consideram-se como jovens desempregados, os indivíduos entre os 15 e os 29 anos de idade que estejam à procura do seu primeiro ou novo emprego (Observatório Emprego Jovem, 2023). Entre os anos de 2018 e 2021, a taxa de desemprego para jovens entre 15 e 24 anos disparou, passando de 22,6% para 26,3%. A faixa etária de 25 a 29 anos, contou com uma variação da taxa de 11% a 15,5%. (GEP, 2022). É ainda de realçar que a modalidade de emprego a tempo parcial tem menos peso em Portugal em comparação com a União Europeia (GEP, 2022).

As perspetivas face ao mercado de trabalho estão de certa forma interligadas com a taxa de desemprego. Estas têm em conta a perceção dos trabalhadores, empresas ou outros, que influenciam diretamente a dinâmica do emprego. Isto é, quando o cenário económico é favorável as empresas tendem a contratar mais pessoas, reduzindo o desemprego. Por outro lado, períodos de maior instabilidade agravam o mesmo.

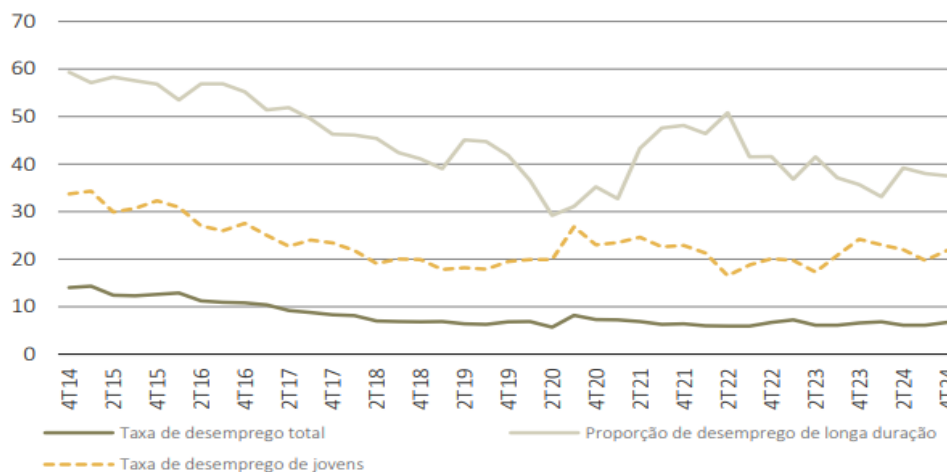
O desemprego jovem em Portugal é um tema pertinente essencialmente aquando das transformações económicas e sociais que ocorreram nos últimos anos. Este problema afeta não apenas a situação económica dos indivíduos, mas também apresenta consequências sociais, como a desmotivação dos jovens aquando das suas perspetivas de futuro, o atraso na transição da vida adulta, a emigração forçada de jovens qualificados, entre outros (Andrade, 2021). Os jovens com menos qualificações, isto é, os que apenas concluíram o 3º ciclo do ensino básico, são os que estão à procura de emprego há mais tempo (Observatório Emprego Jovem, 2023). Contudo, é de realçar que cada vez mais, a diferença de tempo de procura entre este grupo e o dos mais qualificados tem vindo a aumentar (Observatório Emprego Jovem, 2023).

O segmento da população com idades entre os 15 e os 24 anos são os que enfrentam maiores dificuldades aquando da sua inserção no mercado de trabalho, essencialmente por não terem qualquer tipo de experiência profissional (Pereira, 2023). Isto acontece porque muitos dos jovens procuram ainda o seu primeiro emprego e ainda existe a questão da falta de carreira contributiva (Pereira, 2023). Segundo o Observatório Emprego Jovem (2023) e tendo por base os dados relativos aos Censos de 2021, designadamente no que se refere à distribuição dos jovens por região de residência, o desemprego é mais elevado no Alentejo, Algarve e Madeira.

A Figura 6, abaixo, permite observar a evolução da taxa de desemprego total, da taxa de desemprego juvenil e da proporção de desemprego de longa duração, focando o quarto trimestre de 2024. É possível verificar que, relativamente à taxa de desemprego total existe uma tendência gradual de descida ao longo do período em análise, enquanto a taxa de desemprego entre os jovens no quarto trimestre de 2024 ronda os 20%, representando mais de três vezes do nível da taxa total, confirmando a vulnerabilidade desta faixa etária no mercado de trabalho. No que diz respeito à proporção de desempregados em situação de longa duração, esta tem vindo a diminuir de forma mais lenta e irregular, sendo que no quarto trimestre de 2024, situa-se à volta dos 35%, levando

a acreditar que existe uma parte significativa dos desempregos que enfrenta dificuldades na reinserção profissional – INE.

Figura 6. Taxa de desemprego total e de jovens e proporção de desemprego de longa duração



Fonte: INE, Inquérito ao Emprego – 4º trimestre de 2024.

Com a finalidade de atenuar este fenómeno há a necessidade de implementar diversas políticas de emprego mais robustas (GEP, 2022) como programas de qualificação e formação profissional, visando aumentar a empregabilidade. Podem desenvolver-se ainda estratégias viradas para o desenvolvimento de medidas para os jovens oriundos de áreas com formação que detêm uma empregabilidade mais baixa, contribuindo assim para uma rápida transição da escola para o mercado de trabalho; melhorar a atratividade dos cursos profissionais; incentivar os jovens a prosseguir os estudos, entre outras iniciativas (Observatório Emprego Jovem, 2023).

No caso dos Açores, os apoios sociais assegurados pelo Estado visam contemplar o subsídio de desemprego, o apoio em dinheiro pela segurança social e ainda a integração dos jovens em programas ocupacionais (Diogo *et al.* 2017). Um dos aspetos positivos destes programas é o facto de proporcionarem aos indivíduos detentores de menores qualificações a possibilidade de acederem a uma experiência de trabalho mais ou menos estável (Diogo *et al.* 2017). Na Região Autónoma dos Açores, a formação também tem vindo a obter uma importância crucial, na medida em que é uma forma de aumentar as qualificações dos jovens, reduzir o abandono escolar precoce e melhorar a empregabilidade (Diogo *et al.* 2017).

Conclui-se que as variáveis educacionais desempenham um papel fundamental na compreensão do fenómeno do desemprego jovem. O desemprego e a inatividade dos

jovens tornam-se atualmente experiências cada vez mais prováveis, resultantes das situações de precariedade e vulnerabilidade em contexto de trabalho onde muitos se encontram (Diogo *et al.* 2017).

2.4.3 Perspetivas dos jovens face ao mercado de trabalho

A transição da universidade para o mercado de trabalho é caracterizada como uma das etapas essenciais na construção da vida adulta dos indivíduos em idade jovem.

Segundo Diogo *et al.* (2017), quando falamos de jovens, é fundamental considerar a sua condição social e particularidades na construção das suas identidades. Ao analisar a relação entre a juventude e o mercado de trabalho é necessário ter em atenção que a situação económica e social vivida em Portugal nas últimas décadas resultou no desaparecimento de um grande número de postos de trabalho. Nos Açores, esta tendência refletiu-se numa acentuada diminuição da taxa de emprego juvenil (Diogo *et al.* 2017).

A relação dos jovens face ao mercado de trabalho é marcada por um cenário de incerteza e instabilidade dos itinerários e dos processos de autonomização e emancipação da família (Diogo *et al.* 2017). No que toca às trajetórias laborais, esta instabilidade significa que os jovens alternam entre períodos de emprego e desemprego (Diogo *et al.* 2017), devido à elevada rotatividade que se faz sentir entre empregos e entre situações face ao emprego.

É possível identificar que, apesar dos jovens açorianos serem mais escolarizados face às gerações anteriores, enfrentam maiores dificuldades na inserção no mercado de trabalho (Diogo *et al.* 2017); a precariedade é uma realidade entre os jovens e exemplo disso são os contratos temporários ou mesmo empregos de curta duração que contribuem para o exposto; a existência de uma multiplicidade de situações entre os jovens influenciadas por fatores como a origem social, nível de escolaridade ou género (Diogo *et al.* 2017). Importa ainda referir a questão do género, que existe cada vez mais mulheres a ingressar no ensino superior, correspondendo na OCDE em geral a 57% dos licenciados e a 47% dos doutores, marcando presença em cursos mais ligados a formação de professores, educação e saúde e menor presença em cursos nas áreas de engenharia, ciências e matemática e informática (Borrvalho *et al.* 2020).

Para os jovens, as principais dificuldades enfrentadas na procura do seu primeiro emprego começam pela dificuldade de comunicação no processo de recrutamento e seleção, em que é necessário efetuar previamente uma entrevista entre o candidato e o recrutador, contudo “os jovens, por estarem inseguros têm certa dificuldade com as habilidades de comunicação e expressão nas entrevistas” (Cembranel *et al.* 2024, p. 3), o que demonstra que muitos jovens sentem efetivamente dificuldades em comunicar em ambientes de trabalho. Por sua vez, muitas empresas não fornecem feedback de volta aos candidatos, fazendo com que os mesmos se sintam incapazes e não entendam as suas falhas.

Para além disso, muitos jovens consideram a falta de experiência e falta de preparação, fatores determinantes para a não contratação e exigências de mercado (Cembranel *et al.* 2024). É ainda de salientar que existe uma certa discrepância naquilo que realmente os jovens esperam e o que as entidades patronais estão dispostas a oferecer, limitando as contratações apenas a posições iniciais (Cembranel *et al.* 2024). Investigações anteriores demonstram que os jovens sentem dificuldade ao nível da compreensão em relação ao que as empresas procuram ao contratar. Da mesma forma, muitas empresas não sabem que ferramentas utilizar para atrair e captar o talento dos jovens (Cembranel *et al.* 2024).

Melo & Borges (2007), realizaram um estudo exploratório e descritivo cuja análise empírica foi efetuada a dois segmentos de jovens (em formação e recém-graduados), com o propósito de identificar semelhanças e diferenças aquando do processo de transição escola-trabalho. Neste sentido, a pesquisa contou com vinte indivíduos (nove jovens em formação e onze recém-graduados, pertencentes a diversos cursos). O instrumento de recolha de dados utilizado foi a entrevista com um conjunto de perguntas semiestruturadas. Nesta investigação, foram identificados muitos os jovens que partilham uma visão crítica, no que toca à preparação que receberam durante a formação académica, considerando que a universidade não prepara os estudantes com as competências e habilidades principais para o mundo do trabalho “Quase metade dos jovens entrevistados indicou a falta de preparação para o mercado de trabalho” (Melo & Borges, 2007, p. 393). Evidenciam-se ainda problemas como a falta de conexão entre a teoria aprendida e a prática, bem como a ausência de programas de orientação profissional, que poderiam facilitar uma transição mais fácil e eficiente para o mercado, tornando este processo mais desafiador para os jovens nesta situação.

Na continuação da investigação das autoras, os jovens entrevistados expressaram uma percepção de um mercado de trabalho exigente, caracterizado por uma enorme competitividade (Melo & Borges, 2007). A pesquisa revela ainda que a maioria dos jovens considera que a “realidade dos estágios pelos quais estes passam antes de se tornarem profissionais com nível superior pode favorecer uma visão mais realista do mercado de trabalho” (Melo & Borges, 2007, p. 393), e conseqüente melhor adaptação ao contexto profissional.

Além do mais, muitos jovens estão a recorrer a alternativas como trabalhos por conta própria, devido à escassez de empregos formais, onde alcançar a independência financeira se torna um objetivo a atingir. Para além disso, segundo Melo & Borges (2007), os jovens enfatizam que as experiências anteriores desempenham um papel fundamental, abrindo o leque de oportunidade e facilitando, por conseguinte, a sua inserção no mercado.

Em suma, a relação entre a universidade e o mercado de trabalho é crucial para compreender as mudanças estruturais do ensino superior no século XXI (Borrinho *et al.* 2020). Para além do mais, a transição dos jovens da universidade para o mercado de trabalho é vista como uma experiência multifacetada que carece de uma reflexão por parte das instituições de ensino “a Universidade poderia desenvolver projetos de extensão e pesquisa mais coerentes com as necessidades do mercado de trabalho” (Melo & Borges, 2007, p. 394). É urgente a necessidade de ações que estabeleçam uma maior escolaridade e empregabilidade juvenil, levando a uma transição mais apazível para a vida adulta e participação no mercado de trabalho (Rocha, 2008). Apesar das adversidades os jovens mantêm expectativas de realização profissional, valorizando a estabilidade e reconhecimento no trabalho.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DA AMOSTRA

Com o propósito de compreender e aprofundar o tema, foi aplicado um inquérito por questionário a uma amostra de alunos que atualmente frequentam a licenciatura na Universidade dos Açores. Este instrumento foi previamente submetido e aprovado pela Comissão de Ética da mesma universidade. Neste capítulo será abordado o método de investigação empregue nesta dissertação, onde serão apresentadas hipóteses de investigação, os instrumentos utilizados, a caracterização da amostra bem como os restantes procedimentos de recolha e análise de dados.

3.1 Metodologia

O capítulo encontra-se dividido em duas partes, sendo que nesta primeira, intitulada Metodologia, serão apresentadas as questões metodológicas que norteiam esta investigação, de entre estas, destacamos o conjunto das hipóteses, resultado (provisório) da revisão da literatura e guia para a produção e análise dos dados.

3.1.1 Objetivos da investigação e hipóteses de estudo

Neste subcapítulo, procede-se à apresentação e análise dos principais resultados obtidos através do inquérito desenvolvido. Tal como previamente referido, o questionário contou com a participação de 182 estudantes, permitindo uma recolha de dados relevante para a compreensão das representações sociais do insucesso escolar entre os jovens.

O presente estudo teve como principal propósito compreender como os jovens universitários percecionam o insucesso escolar e as suas perceções e expetativas face ao mercado de trabalho. Para tal, foram definidos os seguintes objetivos específicos: analisar as representações sociais do insucesso escolar entre os jovens; compreender de que forma as representações sociais influenciam as perspetivas dos indivíduos face ao mercado de trabalho; identificar os significados atribuídos ao conceito de insucesso escolar; as

percepções dos jovens relativamente à empregabilidade e/ou oportunidades futuras, e por fim, compreender a relação entre o insucesso escolar e a exclusão no mercado de trabalho.

Com base nos objetivos delineados, foram formuladas três hipóteses de investigação, designadamente:

H1: Os jovens que experienciaram insucesso escolar apresentam representações sociais mais negativas sobre o mercado de trabalho do que os que tiveram sucesso escolar.

H2: Existe uma correlação significativa entre as representações sociais do insucesso escolar e a percepção da ausência de oportunidades face ao mercado de trabalho.

H3: As representações sociais do insucesso escolar são fortemente influenciadas pelo contexto socioeconómico dos indivíduos.

3.1.2 Instrumentos utilizados

Os dados utilizados na presente investigação foram recolhidos através de um questionário realizado a alunos que estão atualmente a frequentar licenciatura na Universidade dos Açores, São Miguel, Ponta Delgada. O questionário utiliza uma linguagem acessível, e organiza-se de forma a ir de questões mais gerais para outras mais específicas. Numa primeira fase, surge o termo de consentimento informado em que todos os participantes apenas podiam prosseguir com a realização do inquérito após concordarem com os termos do mesmo.

O questionário é composto por um conjunto de trinta e cinco questões e dividido em quatro secções, nomeadamente: a caracterização sociodemográfica da população alvo de estudo; informações sobre o aluno; representações sobre o insucesso escolar, e ainda, as perspetivas face ao mercado de trabalho. O questionário contempla questões que foram abordadas e consideradas significativas no decorrer da análise da revisão da literatura deste tema. Este foi estruturado com base na utilização extensiva da escala de Likert de cinco pontos. Segundo Júnior *et al.* (2024), “a construção da escala Likert é inseparável do objetivo da pesquisa”. Esta escala permite captar a intensidade das respostas dos inquiridos relativamente a diferentes afirmações, situando-as num contínuo que vai desde a discordância total até à concordância total (Cunha, 2007). Para avaliar a fiabilidade do instrumento, foi calculado o coeficiente Alfa de Cronbach, indicador estatístico que mede

a consistência interna de um conjunto de itens, cujos valores superiores a 0,7 são geralmente considerados aceitáveis, refletindo uma boa coerência entre os itens (Maroco & Marques, 2013).

A recolha de dados decorreu entre 01 de abril de 2025 a 15 de maio de 2025, sendo que o questionário foi disponibilizado online na plataforma Microsoft Forms. A aplicação do questionário foi realizada por meio de diferentes estratégias de disseminação, com o objetivo de alcançar o maior número possível de respostas. O mesmo foi divulgado através do e-mail institucional da UAc para todos os alunos, partilhado por docentes na plataforma Moodle, aplicado presencialmente em contexto de sala de aula a quatro turmas de cursos distintos, divulgado por núcleos de estudantes de vários cursos e ainda publicado nas redes sociais Facebook e LinkedIn.

O coeficiente de Alfa de Cronbach obtido do número de respostas deste presente estudo foi de 0,784, o que indica uma boa consistência interna da escala utilizada. Este valor demonstra que os itens apresentam uma correlação satisfatória entre si e que medem de forma coerente o construto em análise.

Assim, a fiabilidade da escala legitima a interpretação dos resultados, que serão explorados nas secções seguintes com base nas respostas fornecidas pela amostra inquirida.

3.1.3 Procedimentos e técnicas estatísticas aplicados

No decurso do presente trabalho de investigação, recorreu-se a um conjunto de testes estatísticos não paramétricos, adequados à natureza ordinal dos dados recolhidos.

Para aferir diferenças estatisticamente significativas entre grupos independentes, foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis, o qual se revela pertinente, quando não se verificam os pressupostos de normalidade exigidos pelos testes paramétricos equivalentes, como é o caso da ANOVA. Segundo Firmino (2015), o objetivo deste teste é verificar se as diversas amostras são provenientes da mesma população ou de populações semelhantes no que toca à mediana. Neste caso prático, este teste permitiu proceder à comparação de medianas entre mais de dois grupos, sendo que, sempre que se apuraram diferenças significativas, foi possível avançar para análises Post Hoc de comparações múltiplas, com

recurso ao método Pairwise, de forma a identificar os pares de grupos responsáveis pelas discrepâncias observadas (Field, 2013).

Adicionalmente, para explorar a relação entre as diversas variáveis, foi calculado o coeficiente de correlação de Spearman. Este coeficiente, ao contrário do coeficiente de Pearson, não pressupõe linearidade nem distribuição normal dos dados (McDonald, 2014), o que o torna indicado para contextos de investigação em que se trabalha com escalas de resposta do tipo Likert. Os resultados obtidos através deste coeficiente permitem aprofundar a compreensão das relações entre as variáveis em análise, oferecendo suporte empírico às interpretações subsequentes.

A fim de ilustrar os resultados provenientes do teste de Kruskal-Wallis, elaboraram-se *boxplots*, de modo a representar graficamente a dispersão, a mediana e os valores extremos de cada grupo em estudo (Field, 2013). Estes diagramas, devido à sua clareza visual, facilitam a leitura comparativa entre as amostras, permitindo evidenciar de forma imediata, a magnitude e a direção das diferenças detetadas (Williamson *et al.* 1989). Complementarmente, para as comparações múltiplas derivadas do procedimento Pairwise, foram gerados gráficos que sintetizam as relações significativas, reforçando a consistência entre a análise estatística e a apresentação dos dados.

Por fim, a escolha e aplicação destes testes estatísticos foi essencial para garantir a consistência dos resultados apresentados, assegurando a adequação metodológica às características dos dados e aos objetivos estabelecidos para a presente investigação. Para além disso, importa referir que a análise estatística desenvolvida na presente dissertação insere-se numa abordagem de natureza quantitativa, orientada para o tratamento e interpretação de dados estruturados sob a forma numérica e ordinal (Neuman, 2014) tendo por base um inquérito composto por um conjunto de questões múltiplas. A integração de procedimentos estatísticos descritivos, inferenciais e multivariados asseguram a sistematização da informação assim como a objetividade na análise dos resultados, garantindo que as conclusões estejam fundamentadas em evidências empíricas comprovadas.

No âmbito da análise descritiva, foram elaboradas tabelas de frequências relativas e absolutas, que serviram de suporte à construção de gráficos ilustrativos. Estes gráficos permitiram representar a distribuição das respostas, facilitando a identificação de tendências, padrões de resposta e eventuais assimetrias nos dados recolhidos. Esta etapa

revelou-se fundamental para uma primeira exploração da estrutura da amostra e para sustentar a leitura global dos resultados.

Para além das estatísticas descritivas, recorreu-se à Análise de Componentes Principais (ACP), com o objetivo de reduzir a dimensionalidade do conjunto de variáveis e identificar eventuais fatores implícitos.

De acordo com Gomes (2023, p. 4), o principal objetivo da técnica da ACP é “extrair a informação importante da tabela de dados e expressar esta informação como um conjunto de novas variáveis ortogonais chamadas componentes principais”. Esta técnica multivariada que modela a estrutura de covariância, adequada para dados correlacionados (Hongyu *et al.* 2016), possibilitou explorar as inter-relações entre os itens do questionário, agrupando-os em componentes interpretáveis.

A realização da ACP obedeceu aos pressupostos metodológicos recomendados, nomeadamente a verificação da adequação da amostra, aferida através da medida KMO, e a confirmação da significância das correlações, mediante o teste de esfericidade de Bartlett.

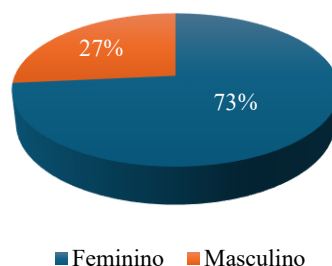
A interpretação dos componentes extraídos baseou-se ainda na análise das cargas fatoriais, permitindo clarificar as dimensões conceituais subjacentes aos dados. Os resultados da ACP foram apresentados através de tabelas-resumo indicando valores, percentagens de variância explicada e a composição de cada componente, de modo a garantir uma boa apresentação da informação obtida. Em articulação com os procedimentos inferenciais, esta abordagem descritiva e exploratória possibilita uma análise integrada, contribuindo para uma maior robustez metodológica e fiabilidade das conclusões. Deste modo, a utilização conjunta de tabelas de frequências, gráficos de distribuição, *boxplots* e os resultados da ACP evidenciam uma preocupação com o rigor científico do estudo.

3.2 Análise descritiva da amostra

Teve-se como objetivo a análise dos dados recolhidos, visando identificar a existência ou inexistência de relações entre as diversas variáveis estudadas na revisão da literatura.

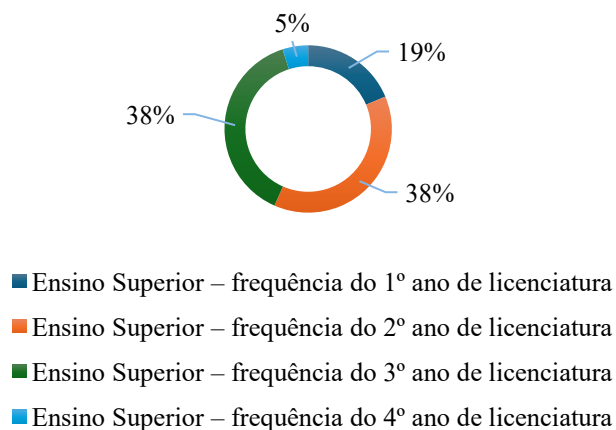
A amostra a ser considerada no decorrer deste estudo é do tipo intencional, visto que o estudo teve como propósito assegurar alguma diversidade das formações ministradas na UAc. A amostra é equivalente ao número de respostas recolhidas dos indivíduos que aceitaram participar no estudo, totalizando um valor total de 182 casos. Dos 182 inquiridos, 133 (73%) identificaram-se como sendo do género feminino, 48 (26%) do género masculino e 1 (1%) identificou-se como “outro”.

Figura 7. Distribuição das respostas por género



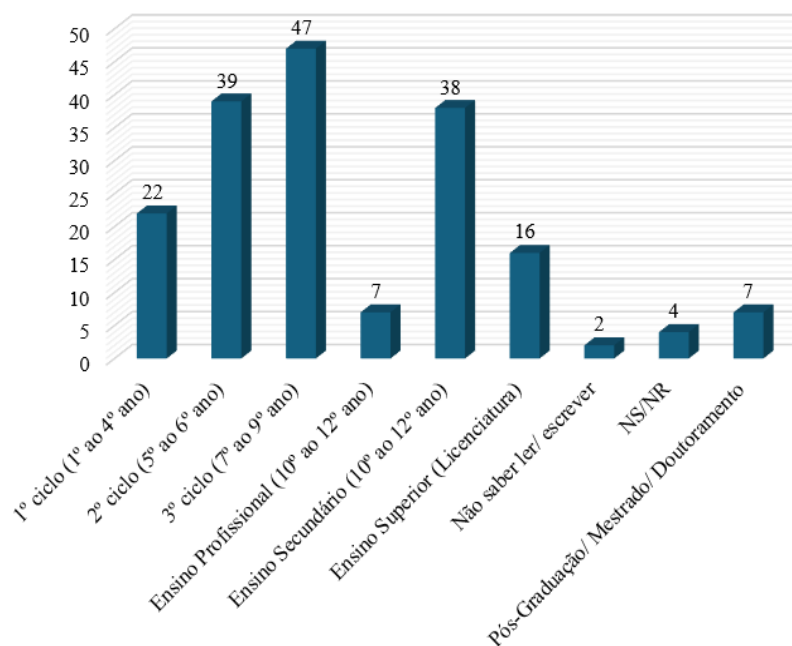
No que respeita ao nível de escolaridade dos participantes, conforme ilustrado na Figura 8, todos os 182 inquiridos encontram-se a frequentar o ensino superior em diferentes anos da licenciatura, sendo que mais de metade frequenta o 2º e o 3º ano (38%, em ambos os casos).

Figura 8. Distribuição das respostas por nível de ensino



A análise dos dados relativamente ao grau de escolaridade dos pais dos inquiridos, apresentada na Figura 9, revela uma distribuição diversificada, com predominância de níveis de escolaridade inferiores. Assim, a maioria dos participantes indicou que o pai possui o 3.º ciclo do ensino básico, seguido pelo 2.º ciclo e pelo ensino secundário. As escolaridades extremas (1.º ciclo ou menos e licenciatura ou superior, foram referidas por um número significativamente menor de alunos).

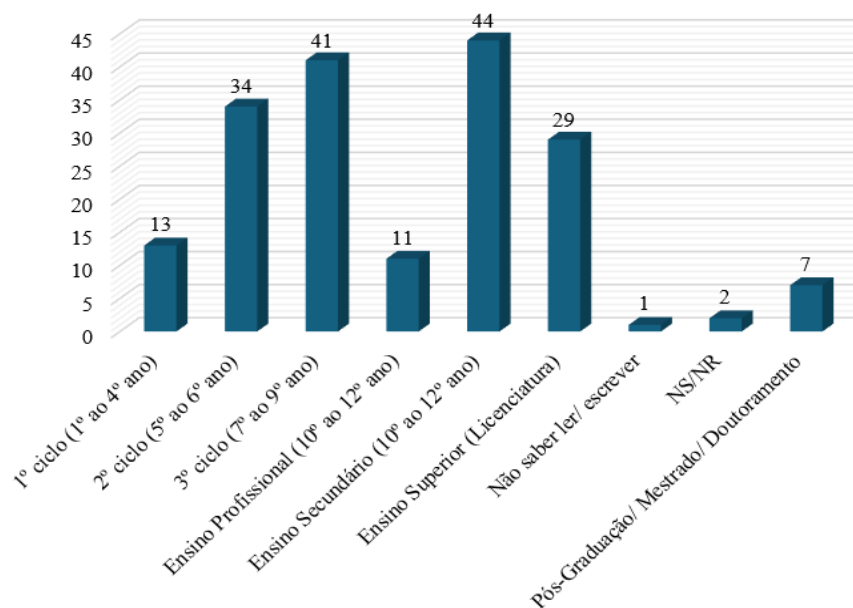
Figura 9. Habilitações literárias do Pai



Relativamente ao grau de escolaridade das mães dos inquiridos, os dados representados na Figura 10 demonstram uma distribuição mais equilibrada, com uma ligeira concentração nos níveis de ensino secundário e básico. A maior parte dos participantes indicou que a mãe completou o ensino secundário (24,2%), ao passo que percentagens menores foram atribuídas ao ensino profissional (6,0%) e ao 1.º ciclo (7,1%).

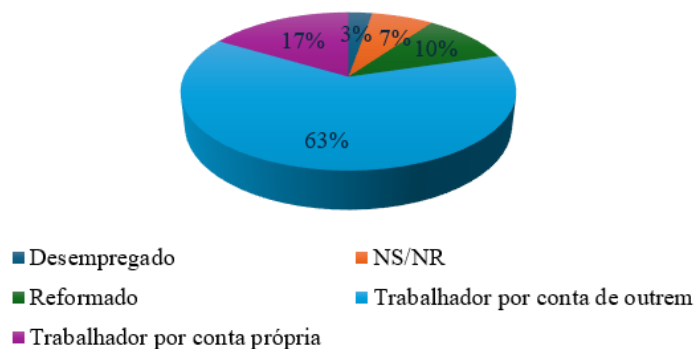
Apesar de níveis aproximados no ensino profissional e secundário entre as habilitações literárias do Pai e da Mãe, estas últimas evidenciam, de modo geral, um nível de educação mais alto, com um maior acesso ao ensino superior e menor índice de analfabetismo.

Figura 10. Habilitações literárias da Mãe



No que diz respeito à ocupação profissional dos pais dos inquiridos, os dados representados na Figura 11 revelam que a maioria exerce atividade como trabalhador por conta de outrem, representando 63,2% da amostra.

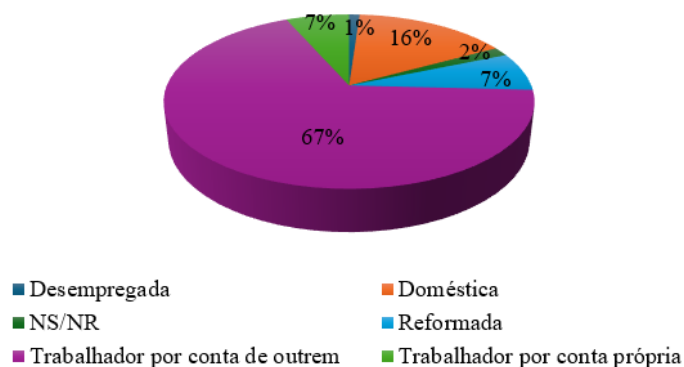
Figura 11. Ocupação do Pai



A análise da ocupação profissional das mães dos inquiridos, conforme ilustrado na Figura 12, revela que a maioria exerce funções como trabalhadora por conta de outrem, representando 67,6% da amostra.

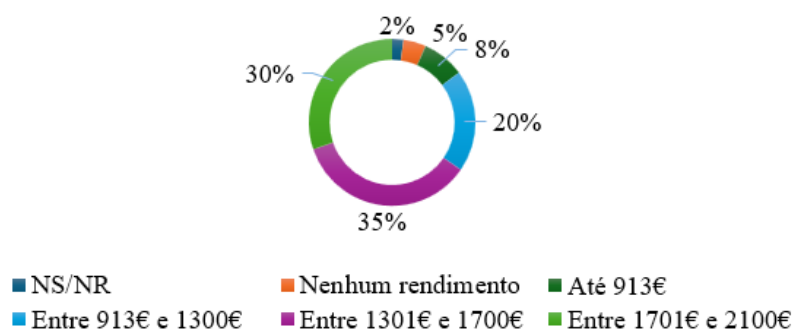
A segunda categoria mais representada é a de “doméstica”, com 15,9%, o que reflete um número significativo de mulheres fora do mercado de trabalho formal.

Figura 12. Ocupação da Mãe



Relativamente ao rendimento mensal dos progenitores dos participantes, os dados apresentados na Figura 13 indicam que a maioria das famílias auferem rendimentos situados entre os 1301€ e os 1700€, representando 35,2% da amostra. Por outro lado, 8,2% dos inquiridos indicaram possuir um rendimento inferior ao salário mínimo regional, o que leva a assumir uma possível situação de vulnerabilidade económica.

Figura 13. Rendimento Familiar



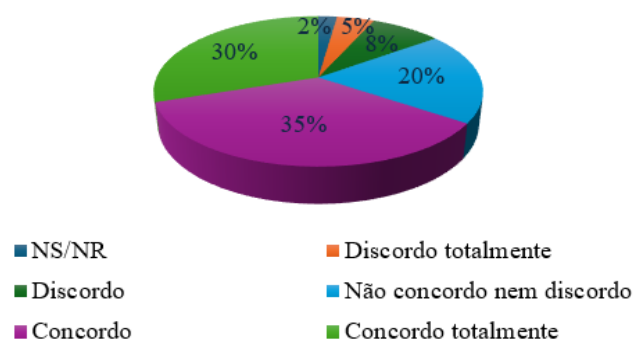
Em suma, os dados acima analisados permitem observar algumas disparidades relevantes. Foi possível verificar que os pais apresentam predominantemente habilitações ao nível do terceiro ciclo do ensino básico. Em contrapartida, as mães evidenciam níveis de escolaridade mais elevados, com destaque para o ensino secundário e superior, o que se traduz numa ligeira diferença entre os géneros. No que concerne à situação profissional, tanto os pais como as mães encontram-se maioritariamente a trabalhar por conta de outrem, embora se constate que 15,9% das mães se encontram na condição de domésticas. Quanto ao rendimento do agregado familiar, os resultados centram-se entre os valores médios de 1301€ a 1700€ (35,2%), embora 8,2% dos inquiridos indicaram que o rendimento dos pais se limita ao valor do salário mínimo regional.

3.2.1 Representações sobre o insucesso escolar

Procurou-se aferir em que medida os participantes consideram que o rendimento familiar influencia o rendimento escolar.

Os dados apresentados na Figura 14 revelam que a maioria dos inquiridos concorda que o rendimento familiar influencia o rendimento escolar, perfazendo um total de 65% a favor da existência desta relação. Estes resultados apontam para uma perceção amplamente partilhada entre os participantes de que a condição socioeconómica familiar desempenha um papel relevante no desempenho académico, o que reforça a pertinência da análise das desigualdades no acesso e sucesso educativo.

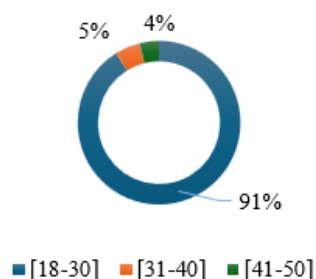
Figura 14. Rendimento familiar vs rendimento escolar



Quanto à idade dos inquiridos, as respostas variam entre os 18 e os 46 anos de idade. A maioria dos inquiridos situa-se na faixa etária dos 18 aos 30 anos, representando 91,2% da amostra. Os grupos etários mais representativos foram os de 21 anos de idade com 35 participantes, os de 20 anos de idade com 30 respondentes e os de 19 anos de idade com 29 respostas. Seguem-se os participantes com idades entre os 31 e os 40 anos, que constituem 4,9%, e aqueles na faixa dos 41 aos 50 anos, com 3,8%.

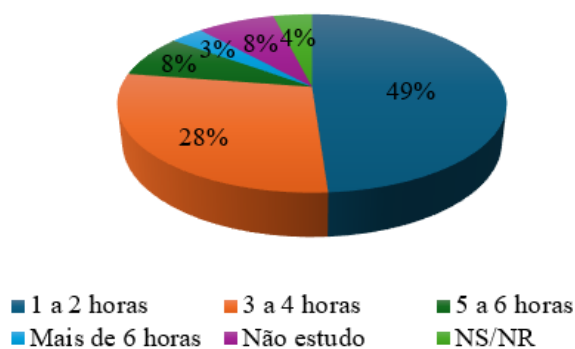
Esta distribuição indica uma predominância clara de jovens adultos na amostra, refletindo o perfil esperado num contexto académico de ensino superior - Figura 15.

Figura 15. Escalão etário dos inquiridos



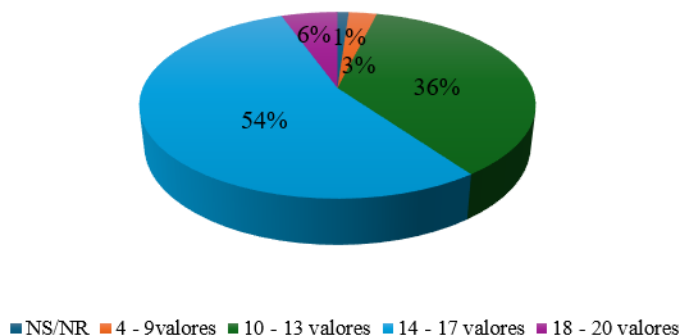
Relativamente ao tempo diário que os participantes dedicam ao estudo, os dados indicam que quase metade da amostra, estuda entre 1 e 2 horas por dia face a um grupo de 7,7% que declarou não estudar - Figura 16.

Figura 16. Número de horas de estudo



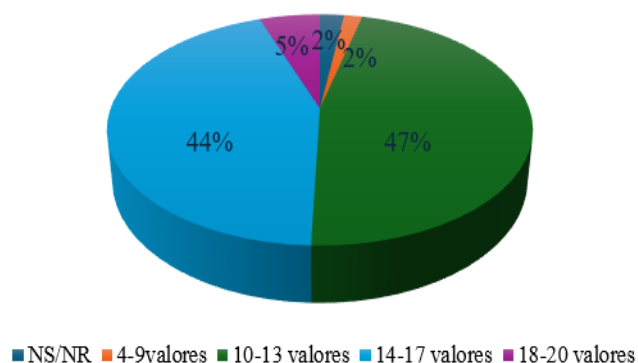
Quanto à média escolar do ano letivo anterior, declarada pelos respondentes, observa-se que a maior parte declara resultados académicos elevados. A faixa predominante corresponde aos alunos com médias entre os 14 e os 17 valores, totalizando 54,4% da amostra - Figura 17.

Figura 17. Média escolar do ano anterior



Relativamente à média escolar do ano atual, os dados indicam uma distribuição semelhante à do ano anterior, embora com uma ligeira diminuição na percentagem dos alunos com médias mais elevadas. A maioria dos participantes declara médias entre os 10 e os 13 valores, correspondendo a 46,7% da amostra, seguida de perto por aqueles com médias entre 14 e 17 valores, que representam 44%. Apenas 1,6% registaram médias mais baixas, entre 4 e 9 valores - Figura 18.

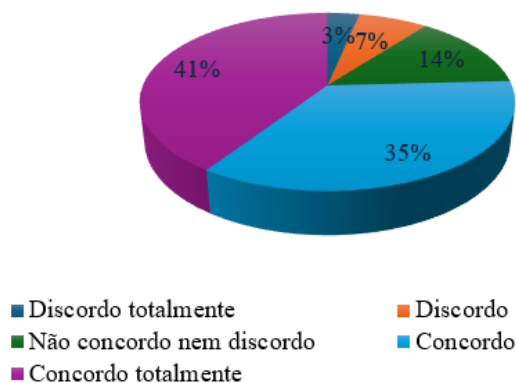
Figura 18. Média escolar do ano atual



Os dados relativos à percepção da influência da falta de espaço adequado para estudar no rendimento escolar mostram uma opinião amplamente consensual entre os inquiridos. A maioria (76%) concorda com essa influência.

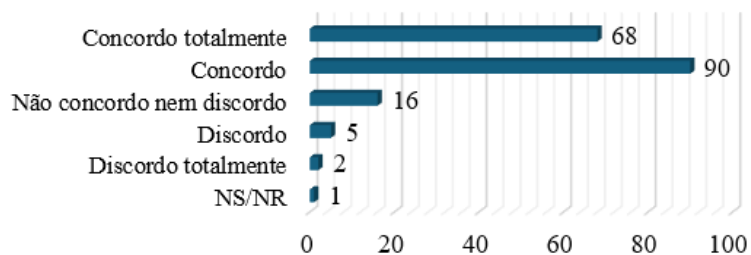
Apenas 10% apresentam algum grau de discordância dessa ideia. Estes resultados reforçam a importância das condições físicas e ambientais no contexto de estudo, sugerindo que a ausência de um espaço apropriado pode ser percebida como um fator limitador do sucesso escolar - Figura 19.

Figura 19. Influência sobre a falta de espaço para estudo no rendimento escolar



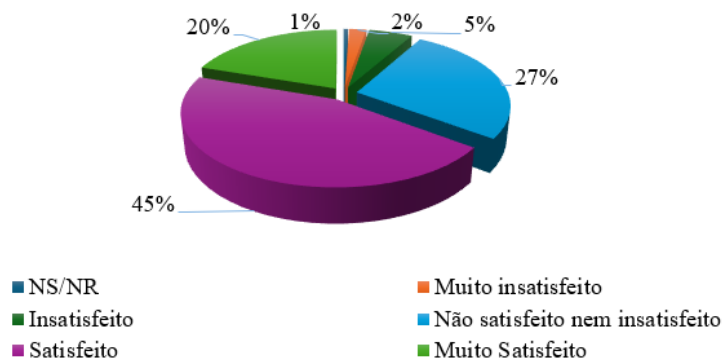
Os dados revelam que a esmagadora maioria dos inquiridos reconhece a influência da falta de apoio escolar no rendimento académico, totalizando 86,9% de respondentes em concordância. Estes resultados reforçam a percepção generalizada de que a ausência de apoio escolar é um fator relevante que pode afetar negativamente o desempenho académico - Figura 20.

Figura 20. Influência sobre a falta de apoio escolar no rendimento escolar



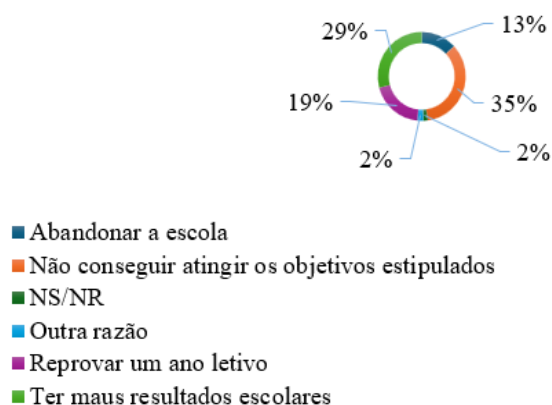
Segundo a Figura 21, os dados demonstram que a maioria dos inquiridos apresenta satisfação com o curso que frequenta, com 65%. Estes dados evidenciam, de forma geral, uma valorização positiva da formação académica por parte dos estudantes.

Figura 21. Grau de satisfação relativamente ao curso frequentado



A análise das respostas relativas à percepção do que constitui insucesso escolar, revela que a maioria dos inquiridos associa este fenómeno a diferentes aspetos do desempenho académico, destacando-se a incapacidade de atingir os objetivos estipulados e a obtenção de maus resultados escolares, como os mais relevantes - Figura 22.

Figura 22. Insucesso escolar

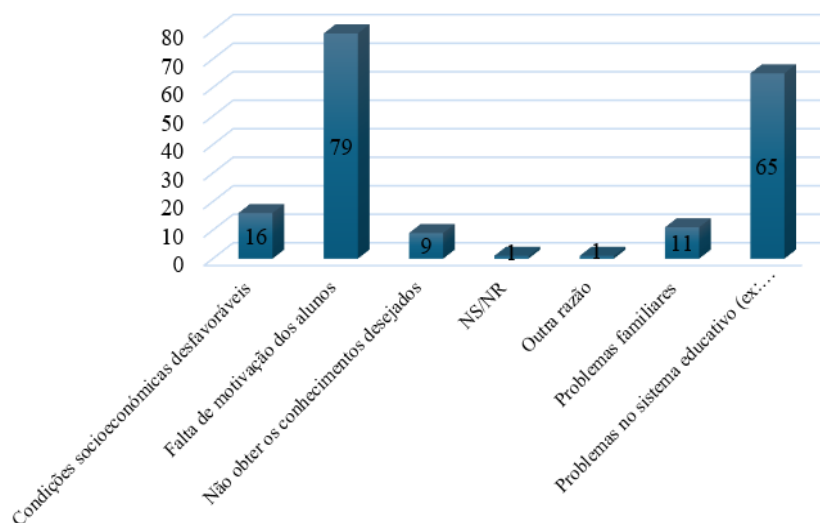


Quanto à percepção relativamente às principais razões para o insucesso escolar, presentes na Figura 23, os resultados indicam que a falta de motivação dos alunos é considerada por 79 participantes a principal causa, totalizando 43,4% das respostas. É ainda de realçar que outros 65 respondentes identificaram os problemas no sistema educativo como uma das principais razões para o insucesso escolar.

Estas duas razões superam em larga medida os fatores socioeconómicos, familiares e individuais, segundo os restantes inquiridos. Segundo a literatura, oito dos vários principais fatores associados ao sucesso escolar que contribuem para a qualidade da educação, são: “professores comprometidos e qualificados; altas expectativas sobre a aprendizagem dos estudantes; foco na aprendizagem; preservação do tempo pedagógico; liderança do diretor; clima escolar; avaliação externa e boa relação escola-família” (Vieira *et al.* 2021).

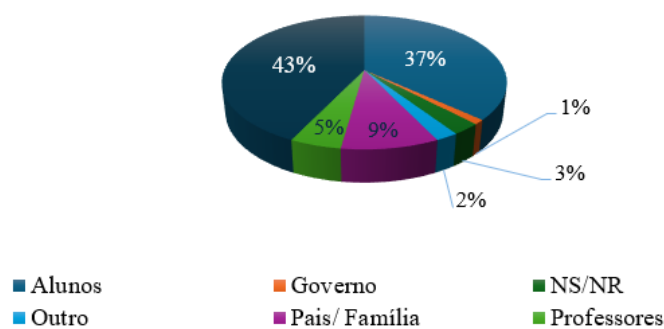
Considerando os gráficos acima apresentados, é possível verificar uma certa coerência nos resultados. Tendo em conta que na Figura 22 a maioria dos participantes associa o insucesso escolar ao desempenho académico, destacando a incapacidade de atingir objetivos estipulados e os maus resultados escolares; e que a Figura 23 identifica como principais causas a falta de motivação dos alunos e problemas no sistema educativo, observa-se uma certa correspondência. Esta relação demonstra que os inquiridos reconhecem que o insucesso tem em conta o fraco desempenho académico, explicado por fatores diretamente relacionados com o próprio aluno e com o funcionamento do sistema educativo, refletindo uma visão integrada do fenómeno.

Figura 23. Razões para o insucesso escolar



Relativamente à perceção sobre quem detém maior responsabilidade pelo insucesso escolar, segundo a Figura 24, a maioria dos inquiridos atribui essa responsabilidade ao sistema de ensino e aos próprios alunos; enquanto outros agentes, como a família, os professores e o governo, ocupam um plano mais secundário.

Figura 24. Responsabilidade pelo Insucesso escolar



Quanto à perceção do impacto do insucesso escolar na vida de um jovem, observou-se que a esmagadora maioria designadamente 73,1% dos participantes, considera esse impacto “muito significativo”.

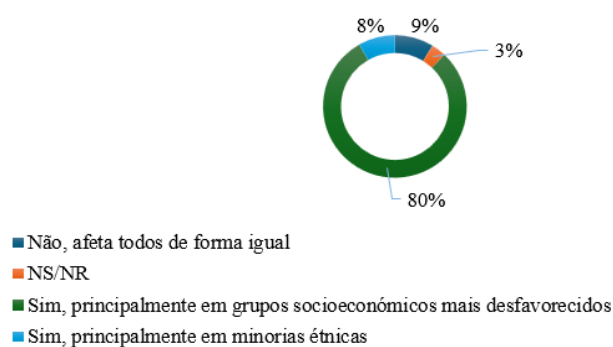
Estes resultados indicam que 97,3% dos participantes reconhecem um impacto relevante do insucesso escolar na vida dos jovens, sublinhando a importância atribuída a esta problemática (Figura 25).

Figura 25. Impacto do insucesso escolar na vida de um jovem



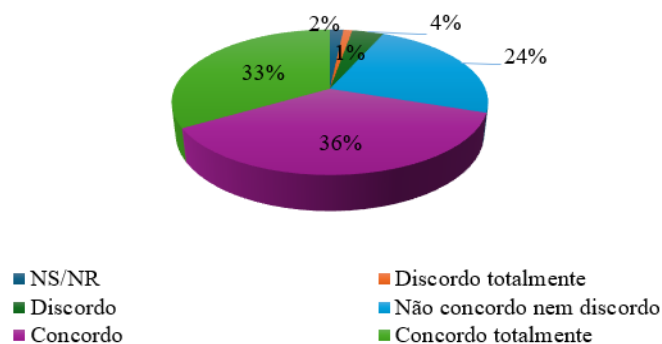
Relativamente à perceção sobre a incidência do insucesso escolar em grupos sociais específicos, 79,7% dos participantes afirmam que este é mais comum entre grupos socioeconómicos mais desfavorecidos, sendo menos associado a minorias étnicas ou a uma distribuição equitativa entre grupos - Figura 26.

Figura 26. Influência do insucesso escolar por grupo económico



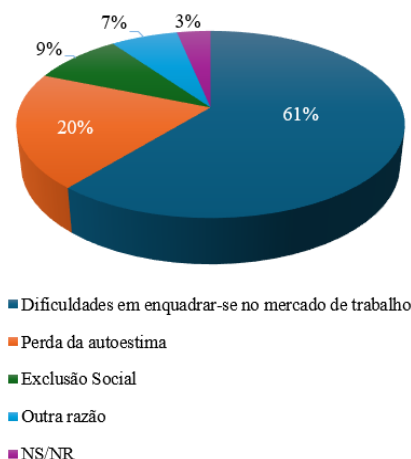
No que toca à perceção sobre se os jovens com insucesso escolar são tratados de forma diferente pelos outros que têm melhor aproveitamento, a maioria dos inquiridos acredita que os jovens com insucesso escolar são tratados de forma distinta pelos outros, refletindo uma perceção negativa associada ao insucesso escolar - Figura 27.

Figura 27. Diferenciação do tratamento em relação ao insucesso escolar



A Figura abaixo ilustra de forma percentual os impactos do insucesso escolar mais referidos no contexto de afastamento social. Observa-se que a maioria dos inquiridos (61%) identifica dificuldades em enquadrar-se no mercado de trabalho como a principal consequência do insucesso escolar. Segue-se a perda da autoestima e a exclusão social.

Figura 28. Impacto para os jovens em situação de insucesso escolar

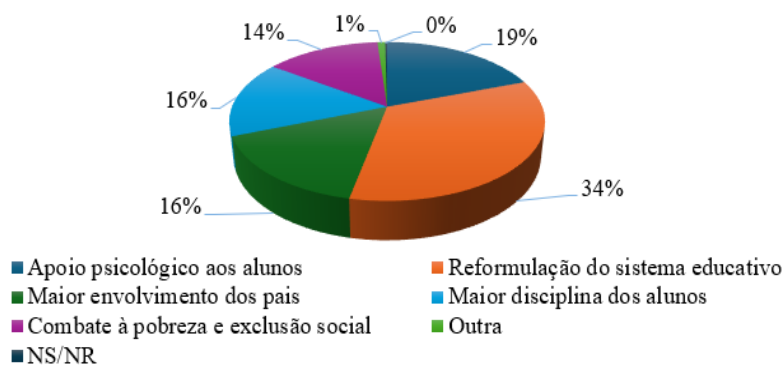


A Figura 29 apresentada, evidencia as estratégias apontadas pelos participantes como prioritárias para mitigar o insucesso escolar. Verifica-se que a maioria dos inquiridos considera a reformulação do sistema educativo como a principal medida a adotar. Em seguida, o apoio psicológico aos alunos representa 19% das respostas, sendo que tanto o maior envolvimento dos pais como a maior disciplina dos alunos obtêm 16% cada. O combate à pobreza e à exclusão social surge com 14%. Estes dados sugerem que, para os participantes, a reestruturação do sistema de ensino acompanhada de suporte psicológico e envolvimento familiar, são fatores essenciais para prevenir o insucesso escolar, salientando ainda a relevância das condições socioeconómicas no desempenho académico.

Analisando estes resultados em função das grandes causas do insucesso escolar anteriormente identificadas, nomeadamente os fatores associados ao funcionamento do sistema educativo e os fatores ligados ao comportamento e contexto dos alunos, verifica-se que as soluções propostas mantêm uma certa coerência com esta estrutura explicativa. É de ressaltar que 34% dos inquiridos destacam mudanças no próprio sistema de ensino, enquanto uma proporção significativa valoriza intervenções centradas no apoio direto aos alunos (apoio psicológico, disciplina e envolvimento parental), correspondendo a 51% no total. Por fim, o combate à pobreza e à exclusão social, referido por 14%, reforça a consciência de que os fatores socioeconómicos têm impacto direto no percurso escolar.

Deste modo, confirma-se que, para os participantes, a combinação entre reformas estruturais no sistema educativo e medidas de apoio ao contexto individual e familiar dos alunos constituem o caminho mais indicado para mitigar o insucesso escolar.

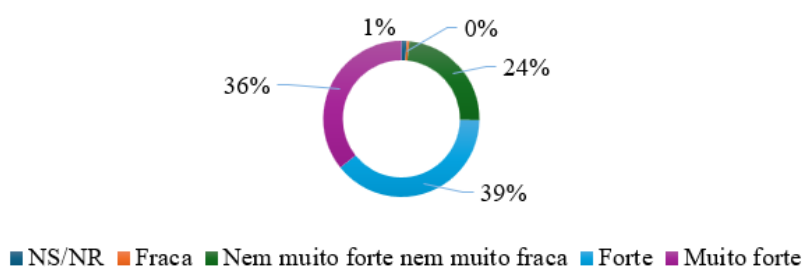
Figura 29. Combate ao insucesso escolar



A Figura 30 apresenta a avaliação dos participantes quanto à ligação entre o insucesso escolar e a pobreza. Observa-se que a maioria considera esta relação forte ou muito forte, o que revela uma perceção clara de que contextos de carência económica estão intimamente associados a maiores dificuldades no percurso escolar. Apenas uma minoria atribui uma relação fraca ou neutra, reforçando a relevância de políticas de combate à pobreza como parte integrante das estratégias para reduzir o insucesso escolar, sublinhando a influência determinante das condições socioeconómicas no sucesso educativo.

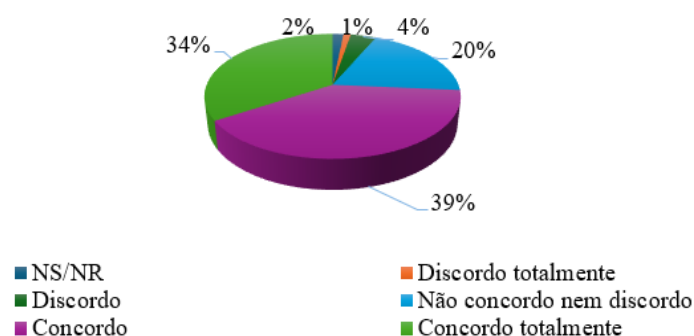
A relação entre o insucesso escolar e a pobreza redireciona para uma variável ao nível socioeconómico que merece destaque. Para além das dimensões relativamente ao funcionamento do sistema educativo e ao comportamento dos alunos acima identificados, devem ser considerados os fatores socioeconómicos como elementos fundamentais na explicação do fenómeno.

Figura 30. Relação insucesso escolar vs pobreza



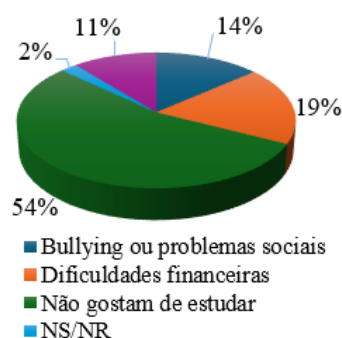
A Figura 31 ilustra a percepção dos participantes face à relação entre o insucesso escolar e a orientação vocacional. Verifica-se que uma parte significativa dos inquiridos concorda ou concorda totalmente que a orientação vocacional adequada pode contribuir para reduzir o insucesso escolar. Isto indica que a maioria reconhece a importância da orientação vocacional como uma estratégia complementar para prevenir o abandono escolar e promover trajetórias educativas mais ajustadas aos interesses e capacidades dos alunos.

Figura 31. Relação insucesso escolar vs orientação vocacional



Os dados referentes ao que, na opinião dos participantes, motiva precocemente os jovens a abandonar a escola, demonstram que o desinteresse pelos estudos é apontado como o principal motivo para o abandono escolar precoce, seguido por dificuldades financeiras e problemas sociais, como o *bullying* - Figura 32.

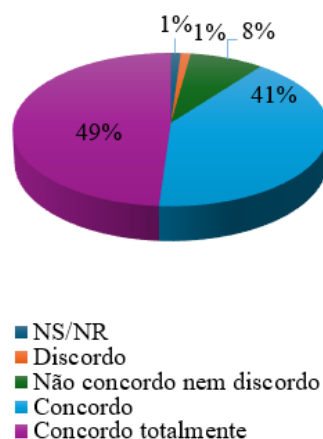
Figura 32. Razões para o abandono escolar



A Figura 33 demonstra a opinião dos participantes sobre o impacto do insucesso escolar na entrada no mercado de trabalho. Verifica-se que a grande maioria concorda que o insucesso escolar representa um obstáculo significativo à integração profissional.

Estes resultados evidenciam uma percepção generalizada de que o insucesso escolar limita as oportunidades de emprego, destacando a importância de políticas educativas e de formação que visam a redução do abandono escolar e a melhoria das qualificações dos jovens para facilitar a sua empregabilidade.

Figura 33. Insucesso escolar limita acesso ao mercado de trabalho



Através da análise estatística destes dados, é possível identificar diversas tendências. Uma das principais propensões evidenciadas é a percepção da influência das condições socioeconómicas no rendimento escolar, isto é, a maioria dos respondentes consideram que o rendimento familiar influencia diretamente o desempenho escolar dos jovens, o que vai ao encontro de estudos de diversos autores, como Bordieu, que aborda as desigualdades sociais no sucesso educativo. Esta perspetiva é enfatizada por outras respostas, que evidenciam uma maior incidência do insucesso escolar entre jovens provenientes de contextos socioeconómicos mais desfavorecidos.

De acordo com Benavente *et al.* (1994), o abandono escolar está relacionado, entre outros fatores, ao contexto socioeconómico, visto que as dificuldades económicas levam a que os jovens ingressem precocemente no mundo do trabalho. Segundo a OECD (2016), o estatuto socioeconómico foi também identificado como o fator principal na previsão do insucesso escolar. Roazzi & Almeida (1988), acrescentam ainda que indivíduos oriundos de meios socioeconomicamente mais desfavorecidos tendem a ser mais facilmente rotulados como insucessos.

Para além disso, os inquiridos destacam a obtenção de apoio escolar e de recursos materiais para o estudo como importantes meios para a obtenção do sucesso escolar. A disponibilização de recursos materiais e estruturas, revela-se fundamental no percurso

educativo e no sucesso do mesmo. Gaspar (2009) salienta ainda que a falta de recursos e de apoio nos estudos, poderá contribuir para o aumento do insucesso escolar. Outra tendência verificada através dos dados estudados, prende-se com a responsabilidade pelo insucesso, que é atribuída ao sistema de ensino. A maioria dos participantes identifica o sistema educativo como um dos principais agentes responsáveis pelo fenómeno do insucesso escolar, existindo a necessidade de uma maior inclusão e ajuste às necessidades dos alunos, como é possível observar no estudo de Perrenoud (2002). É possível constatar também que uma das principais representações dos inquiridos sobre o que consideram ser o conceito de insucesso escolar, remete para o abandono escolar conforme constatado no estudo de Branco (2012), e para a incapacidade de atingir os objetivos estipulados pelos próprios.

Os dados apontam ainda para uma consciência dos jovens quanto aos impactos negativos do insucesso escolar, principalmente no que concerne à inserção dos indivíduos no mercado de trabalho. A maioria dos respondentes reconhece que o insucesso escolar compromete de facto a empregabilidade dos jovens. Lopes *et al.* (2023) evidencia tal facto no seu estudo.

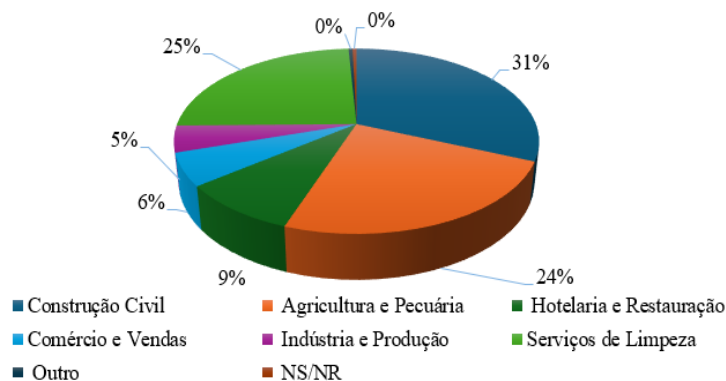
Por fim, é de salientar que, conforme corroborado pela maioria dos inquiridos, o insucesso escolar causa um impacto notável na trajetória de vida dos jovens podendo acarretar consequências significativas.

3.2.2 Transição escola-trabalho

A Figura 34 mostra os setores do mercado com maior acessibilidade para indivíduos com histórico de insucesso escolar, segundo os participantes.

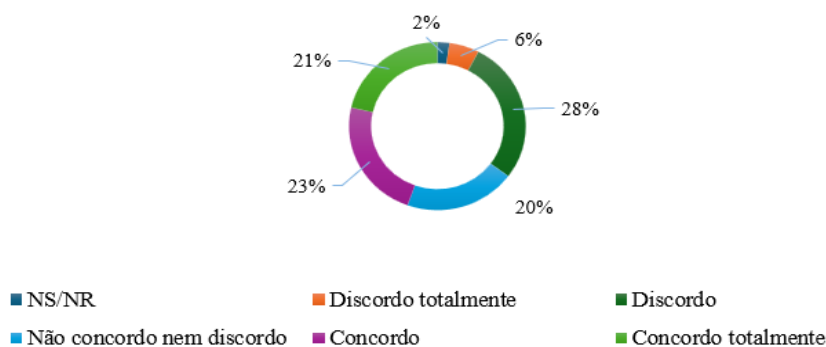
De acordo com os dados apresentados, a construção civil destaca-se como o setor com maior acessibilidade para indivíduos com histórico de insucesso, sendo referida por 31% dos inquiridos. Posteriormente temos a agricultura e pecuária e serviços de limpeza em destaque, enquanto áreas como a indústria, comércio e hotelaria surgem, mas com menor expressão.

Figura 34. Setores de mercado com maior acessibilidade para indivíduos com insucesso escolar



Os dados apresentados na Figura 35 referem-se à questão sobre se o mercado de trabalho está preparado para integrar pessoas com níveis de escolaridade mais baixos. A distribuição das respostas revela uma perceção relativamente dividida entre os inquiridos. É notável que, embora exista um número considerável de pessoas que acredita na capacidade do mercado para integrar indivíduos com baixos níveis de escolaridade, há também uma proporção significativa que demonstra ceticismo ou dúvida relativamente a esta integração.

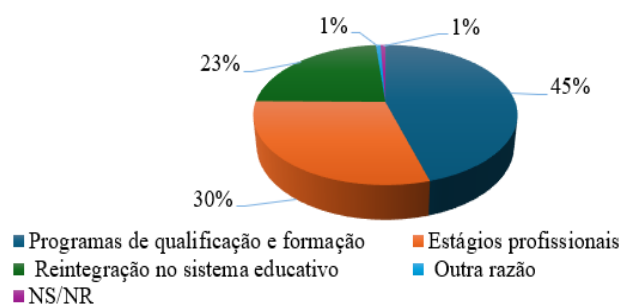
Figura 35. Integração no mercado de trabalho de pessoas com níveis de escolaridade mais baixos



A Figura 36 ilustra os tipos de apoio que os inquiridos consideram mais adequados para oferecer aos jovens com historial de insucesso escolar. A maioria dos respondentes indica os programas de qualificação e formação como a principal medida a adotar o que evidencia uma valorização da capacitação prática e do desenvolvimento de competências como estratégia central para a integração destes jovens. Seguem-se os estágios profissionais, mencionados por 30% dos respondentes, sinalizando a importância atribuída à experiência em contexto real de trabalho como forma de facilitar a transição

para o mercado laboral. A reintegração no sistema educativo é apontada por 23% dos inquiridos, revelando que ainda se reconhece valor em permitir que estes jovens retomem o seu percurso escolar.

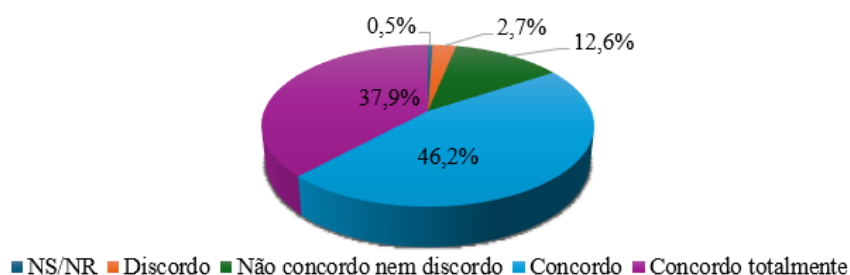
Figura 36. Tipo de apoio que deve ser oferecido a jovens com insucesso escolar para melhorar as suas perspetivas face ao mercado de trabalho



Os dados da Figura 37 referem-se à perceção dos inquiridos sobre o impacto do insucesso escolar no acesso ao mercado de trabalho. A maioria dos inquiridos reconhece que o insucesso escolar limita o acesso ao mercado de trabalho, destacando a importância atribuída ao trajeto académico nas oportunidades profissionais.

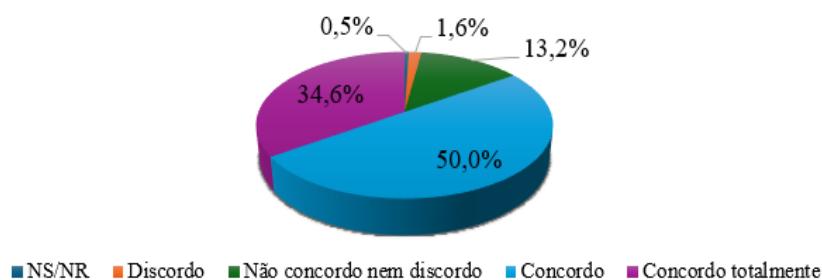
Estes resultados evidenciam uma forte associação, na perceção social, entre o desempenho escolar e as possibilidades de integração no mercado de trabalho, sublinhando a importância atribuída à escolaridade como um elemento estruturante das trajetórias profissionais.

Figura 37. Insucesso escolar como limitador do acesso ao mercado de trabalho



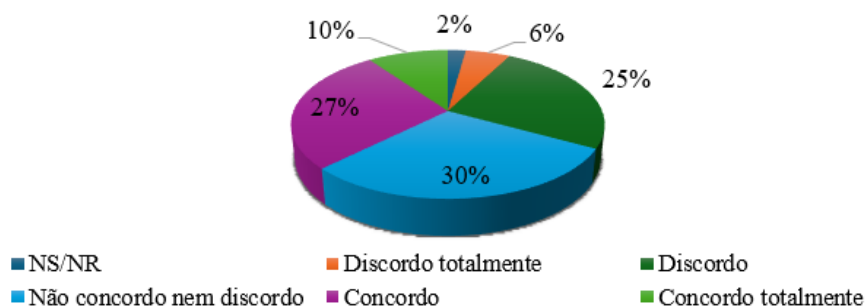
A Figura 38 aborda a perceção do insucesso escolar como um fator limitador das oportunidades de emprego. A maioria dos respondentes considera que o insucesso escolar limita as oportunidades de emprego, reforçando a perceção de uma ligação direta entre desempenho académico e a inserção no mercado de trabalho.

Figura 38. Insucesso escolar como limitador das oportunidades de emprego



A Figura 39 refere-se à afirmação de que o mercado de trabalho retém pessoas com níveis variados de escolaridade, transmitindo, assim o impacto do insucesso escolar para o posicionamento social dos indivíduos. Os dados revelam uma distribuição bastante equilibrada das opiniões, com uma ligeira predominância de respostas neutras ou discordantes.

Figura 39. O mercado de trabalho retém pessoas com níveis variados de escolaridade, diminuindo o impacto do insucesso escolar



A Figura 40 apresenta os dados relativos à afirmação de que o insucesso escolar não tem uma relação direta com as perspetivas face ao mercado de trabalho. A maioria dos inquiridos posiciona-se de forma concordante com esta ideia, ou seja, considera que não existe uma relação direta entre o insucesso escolar e as oportunidades profissionais.

Figura 40. O insucesso escolar não tem uma relação direta com as perspetivas face ao mercado de trabalho



É possível constatar que 78% dos respondentes concordam com a afirmação de que não existe uma ligação direta entre insucesso escolar e mercado de trabalho. É importante ter em conta que a formulação da frase é negativa, pelo que a concordância com a mesma implica a perceção de ausência de correlação direta entre estes dois fatores.

Por meio da análise estatística dos dados obtidos, torna-se possível identificar diversas tendências na investigação, no que diz respeito à perceção social entre o fenómeno de insucesso escolar e dificuldades de integração no mercado de trabalho (Azevedo, 2002).

É possível constatar que setores de atividade como a construção civil, a agricultura, a pecuária ou serviços de limpeza, são os mais acessíveis para indivíduos com níveis de escolaridade mais baixos (GEP, 2021). Esta perspetiva reflete a segmentação do mercado de trabalho, onde os setores que exigem menos qualificação dos indivíduos geralmente empregam uma parte significativa dos mesmos que têm maior insucesso. Comparativamente com os resultantes provenientes deste estudo, é possível observar que determinados setores de atividade são mais acessíveis para integrar indivíduos com trajetórias marcadas por um menor sucesso escolar. Os setores destacados pelos inquiridos, como seria expectável, foram a construção civil, a agricultura e pecuária bem como a hotelaria e restauração. Esta realidade pode contribuir para que estes ramos sejam vistos como outras possibilidades de empregabilidade mais acessíveis para pessoas que não concluíram o seu percurso educativo com sucesso.

No que toca às estratégias de apoio mais eficazes para jovens com percursos escolares marcados pelo insucesso escolar, os inquiridos atribuem maior importância aos

programas de qualificação e formação profissional e estágios. Segundo Fernandes (2021, p. 16), a “formação pode ajudar o trabalhador a aprender de forma correta as suas funções, permitir melhorar o valor dos trabalhadores e garantir uma maior flexibilidade e capacidade de adaptação”.

Em suma, diversos estudos têm evidenciado uma relação direta entre o insucesso escolar e as perspectivas dos jovens face ao mercado de trabalho, corroborando as representações sociais dos inquiridos. Por exemplo, o estudo de Silva (2014, p. 83) ilustra esta realidade, ao descrever que os indivíduos “vêm de famílias desestruturadas, com nível socioeconómico baixo, baixa escolaridade, baixos salários, empregos precários (...) Muitos são instáveis financeiramente e sem perspectivas de ascensão socioeconómica.” Assim sendo, os dados obtidos revelam a importância da escolaridade para a inserção no mercado de trabalho.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE RESULTADOS

Neste subcapítulo são apresentados os resultados obtidos de cada dimensão de estudo, através dos testes estatísticos efetuados.

A primeira hipótese de investigação formulada no presente estudo: “Os jovens que experienciaram insucesso escolar apresentam representações sociais mais negativas sobre o mercado de trabalho do que os que tiveram sucesso escolar”, tem como objetivo examinar a relação entre o percurso académico dos jovens e as suas representações sociais relativamente ao mercado de trabalho. Esta hipótese parte do princípio de que o insucesso escolar, entendido como episódios de reprovação, retenção ou interrupção no percurso educativo, pode influenciar negativamente as expectativas que os jovens desenvolvem em relação ao futuro profissional. Assumindo que as experiências académicas moldam em parte a forma como os indivíduos percecionam o mundo social, torna-se pertinente averiguar se os estudantes com histórico de insucesso, expressam níveis mais elevados de pessimismo ou insegurança quanto às oportunidades no mercado de trabalho.

A variável "Na sua opinião, o insucesso escolar afeta a entrada no mercado de trabalho?" foi operacionalizada através de um conjunto de itens em escala de Likert ordinal, incluídos no questionário aplicado, que refletem a perceção dos jovens. Cada participante avaliou o seu grau de concordância face à afirmação. Tendo em consideração que os dados recolhidos são de natureza ordinal e que se pretende comparar mais do que dois grupos (nível de média escolar), optou-se por recorrer ao teste de Kruskal-Wallis. Este é um teste não paramétrico, adequado para comparar grupos independentes quando não estão reunidos os pressupostos para a aplicação de testes paramétricos, nomeadamente a normalidade da distribuição e a homogeneidade das variâncias (Ostertagova *et al.* 2014). Este teste permite verificar se existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos no que diz respeito às representações sociais sobre o mercado de trabalho, sem assumir distribuições normais ou intervalares, o que o torna particularmente apropriado no contexto de escalas de Likert.

A amostra total considerada nesta análise inclui 182 estudantes. A estatística de teste obtida foi de 7,004, com 4 graus de liberdade, e um valor de significância assintótica (p) de 0,136. Este valor é superior ao limiar convencional de significância estatística ($\alpha =$

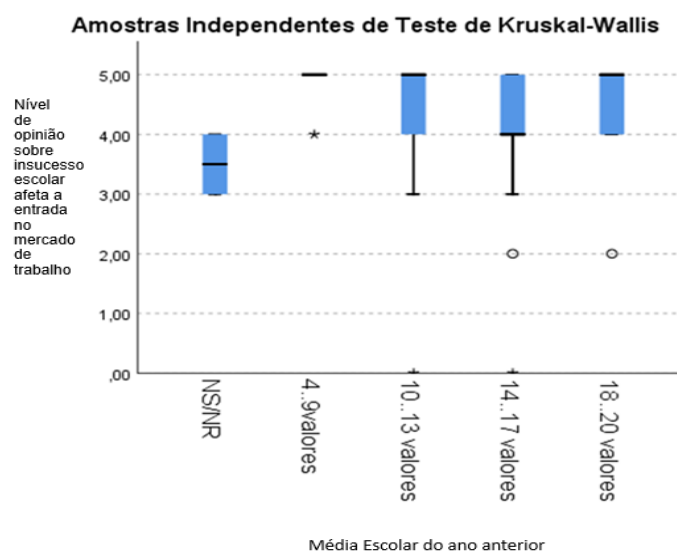
0,05), o que indica que não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos definidos por “Indique a sua média escolar no seu ano letivo anterior, numa escala de 0 a 20 valores” no que respeita às respostas à questão “Na sua opinião, o insucesso escolar afeta a entrada no mercado de trabalho?”. A estatística foi devidamente ajustada para empates, assegurando maior rigor na interpretação dos resultados (Tabela 6).

Tabela 6. Teste de Kruskal-Wallis: a média escolar vs o insucesso afeta a entrada no mercado de trabalho

Amostras independentes de resumo de teste Kruskal-Wallis	
N total	182
Estatística do teste	7,004
G1 (grau de liberdade)	4
Sinal assintótico (teste de dois lados)	0,136

Com efeito, apesar da Figura 41 permitir visualizar pequenas variações nas distribuições das respostas entre os grupos (incluindo a presença de alguns valores discrepantes), o teste global não revelou diferenças suficientes para suportar a rejeição da hipótese nula (H_0) de não haver diferenças de perceção em relação à influência do sucesso escolar na entrada do mercado de trabalho.

Figura 41. Média escolar ano anterior vs nível de opinião sobre a influência do sucesso escolar na entrada no mercado de trabalho



Para testar a segunda hipótese de investigação “Existe uma correlação significativa entre as representações sociais do insucesso escolar e a perceção da ausência de oportunidades face ao mercado de trabalho”, procedeu-se, em primeiro lugar, a uma Análise de Componentes Principais (ACP). Trata-se de uma técnica eficaz na redução da dimensionalidade dos dados, permitindo sintetizar um conjunto extenso de variáveis em poucos componentes que explicam a maior parte da variância observada. No contexto das representações sobre as representações sobre o insucesso escolar, a ACP possibilita identificar fatores latentes que estruturam as perceções dos respondentes, facilitando a interpretação dos dados e a compreensão dos principais aspetos subjacentes às respostas do inquérito.

Para assegurar a adequação dos dados à aplicação da ACP, foram realizados os testes de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o da Esfericidade de Bartlett. A medida KMO obtida foi de 0,719, indicando um nível satisfatório de adequação da amostra para a análise, uma vez que valores superiores a 0,6 são considerados adequados para este tipo de procedimento. O teste de esfericidade de Bartlett apresentou um valor aproximado do qui-quadrado de 239,048, com 55 graus de liberdade, e significância estatística ($p < 0,001$), o que confirma que as relações entre as variáveis são suficientes para justificar a realização da análise fatorial, como é possível constatar na Tabela 7.

Tabela 7. Medida de KMO e teste de esfericidade de Bartlett

Teste de KMO e Bartlett		
Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem		0,719
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	239,048
	Gl (grau de liberdade)	55
	Sig.	0,000

Desta forma, os resultados desses testes indicam que os dados recolhidos na terceira secção do inquérito, são apropriados para a aplicação da ACP, que permitirá identificar os componentes principais responsáveis pelas dimensões latentes nas representações sobre as representações sobre o insucesso escolar. A análise revelou quatro componentes principais com autovalores superiores a 1, que juntos explicam 54,83% da variância total. O primeiro componente explica 23,71% da variância, seguido pelo segundo com 12,22%, o terceiro com 9,57% e o quarto com 9,33%. Após a rotação, a variância explicada pelos

componentes ficou mais bem distribuída, facilitando a interpretação, mantendo a variância acumulada em 54,83%. Essa solução indica que quatro dimensões latentes sintetizam bem as representações sobre o insucesso escolar neste conjunto de dados - Tabela 8.

Tabela 8. Variância explicada pela análise de componentes principais

Variância total explicada									
Compo- nente	Autovalores iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado			Somadas de rotação de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa
1	2,608	23,708	23,708	2,608	23,708	23,708	2,033	18,482	18,482
2	1,345	12,224	35,932	1,345	12,224	35,932	1,679	15,264	33,746
3	1,052	9,565	45,497	1,052	9,565	45,497	1,243	11,298	45,044
4	1,026	9,329	54,827	1,026	9,329	54,827	1,076	9,783	54,827
5	0,979	8,896	63,723						
6	0,931	8,460	72,183						
7	0,800	7,273	79,456						
8	0,703	6,394	85,850						
9	0,614	5,584	91,434						
10	0,545	4,951	96,385						
11	0,398	3,615	100,000						

A análise da matriz de componentes rotacionados revelou quatro componentes principais, cada um agrupando variáveis com características semelhantes.

No primeiro componente destacam-se variáveis relacionadas à percepção das condições pessoais e contextuais que contribuem para o insucesso escolar, como a falta de um espaço adequado para estudo; o grau de satisfação com o curso; a relação do insucesso com a falta de orientação vocacional; além da percepção de que jovens com insucesso são tratados de forma diferente pelos demais. Já o segundo componente reúne variáveis associadas às condições externas e sociais, como o acesso ao apoio escolar e a maior incidência do insucesso em determinados grupos sociais, que aparece com carga negativa, indicando uma relação inversa com esse fator. O terceiro componente agrupa as variáveis que refletem as opiniões sobre as principais razões e responsabilidades pelo insucesso escolar, incluindo o entendimento do que é o insucesso escolar, as causas atribuídas a ele e a quem cabe a maior responsabilidade. Por fim, o quarto componente

está relacionado à definição conceitual do conceito do insucesso escolar, apresentando carga forte na variável que pergunta o que se considera ser insucesso escolar - Tabela 9.

Tabela 9. Matriz rotativa da ACP

Matriz de componente rotativa				
	Componente			
	1	2	3	4
Em geral, considera que a falta de um espaço de estudo (secretária, escritório...) poderá contribuir para o insucesso escolar?	0,555	0,175	0,176	0,094
Em geral, considera que o acesso a apoio escolar - explicações (família, professores, salas de estudo...) influencia diretamente o sucesso escolar?	0,286	0,675	0,105	-0,165
Até ao momento qual o seu grau de satisfação relativamente ao curso que frequenta?	0,572	-0,212	-0,230	0,350
Considera que o insucesso escolar está relacionado à falta de orientação vocacional?	0,666	0,157	-0,071	0,012
Como avalia a ligação entre o insucesso escolar e a pobreza?	0,546	0,609	-0,144	-0,137
O que, na sua opinião, motiva precocemente os jovens a abandonar a escola?	0,153	-0,601	-0,219	-0,273
Considera que o insucesso escolar é mais comum em determinados grupos sociais?	0,180	0,605	-0,202	0,046
Na sua opinião, o que considera ser insucesso escolar?	0,026	0,046	0,005	0,804
O que acredita ser a principal razão para haver insucesso escolar?	0,009	-0,021	0,697	0,225
Na sua opinião, quem tem maior responsabilidade pelo insucesso escolar?	0,042	0,003	0,736	-0,314
Acha que os jovens com insucesso escolar são tratados de forma diferente pelos outros com melhor aproveitamento?	0,718	0,147	0,078	-0,164

Em suma, os quatro componentes indicam diferentes dimensões das representações sobre o insucesso escolar, envolvendo aspetos pessoais, condições sociais, responsabilidades atribuídas e conceitualizações do fenómeno.

No que concerne à variável que indica a perceção das condições pessoais e contextuais, que contribuem para o insucesso escolar, uma análise da correlação de Spearman revelou uma associação positiva e estatisticamente significativa ($r = 0,363$; $p < 0,01$) entre a perceção de que a ausência de um espaço adequado para o estudo contribui para o insucesso escolar, e a crença de que o insucesso escolar está diretamente relacionado às perspetivas no mercado de trabalho (Tabela 10).

Tabela 10. Coeficiente de correlação de Spearman

			O insucesso escolar tem uma relação direta com as perspectivas face ao mercado de trabalho.
Ró de Spearman	Em geral, considera que a falta de um espaço de estudo (secretária, escritório...) poderá contribuir para o insucesso escolar?	Coeficiente de Correlação	0,363
		Sig. (2 extremidades)	0,000
		<i>N</i>	182

Este resultado indica que os indivíduos que atribuem importância às condições pessoais e contextuais no processo de insucesso escolar tendem também a reconhecer a influência das oportunidades laborais na trajetória educacional. Embora a magnitude da correlação seja fraca, ela evidencia uma relação consistente entre essas dimensões, reforçando a complexidade das representações sociais acerca do insucesso escolar e sua ligação com fatores socioeconómicos e estruturais.

Em relação à variável que relaciona o insucesso à ausência de orientação vocacional, o valor da correlação de Spearman revelou uma associação positiva e estatisticamente significativa de magnitude moderada, entre a percepção de que o insucesso escolar está diretamente relacionado às perspectivas no mercado de trabalho e a crença de que o insucesso escolar está associado à falta de orientação vocacional ($r = 0,418$; $p < 0,01$). Este resultado indica que os participantes que reconhecem a importância das oportunidades no mercado de trabalho, também tendem a valorizar o papel da orientação vocacional como um fator determinante para o insucesso escolar (Tabela 11).

Tabela 11. Coeficiente de correlação de Spearman

			Considera que o insucesso escolar está relacionado à falta de orientação vocacional?
Ró de Spearman	O insucesso escolar tem uma relação direta com as perspectivas face ao mercado de trabalho.	Coeficiente de Correlação	0,418
		Sig. (2 extremidades)	0,000
		<i>N</i>	182

Deste modo, estas representações sociais refletem uma visão integrada em que tanto a preparação para a carreira quanto as expectativas do mercado de trabalho, são elementos fundamentais para compreender o fenómeno do insucesso escolar.

Por fim, em relação à variável relacionada à percepção de que os jovens com insucesso escolar são tratados de forma diferente pelos demais, correlacionada com a variável sobre o insucesso escolar ter uma relação direta com as perspetivas face ao mercado de trabalho, a análise de correlação de Spearman revelou uma associação positiva e estatisticamente significativa. Esta apresenta uma magnitude fraca entre a percepção de que o insucesso escolar está diretamente relacionado às perspetivas no mercado de trabalho e a opinião de que os jovens com insucesso escolar são tratados de forma diferente pelos outros com melhor aproveitamento ($r = 0,359$; $p < 0,01$). Isto indica que os indivíduos que reconhecem a influência das condições do mercado de trabalho no insucesso escolar, tendem a perceber uma diferença no tratamento social dos jovens com dificuldades escolares em comparação aos demais, presentes na Tabela 12.

Tabela 12. Coeficiente de correlação de Spearman

			Acha que os jovens com insucesso escolar são tratados de forma diferente pelos outros com melhor aproveitamento?
Ró de Spearman	O insucesso escolar tem uma relação direta com as perspetivas face ao mercado de trabalho.	Coeficiente de Correlação	0,359
		Sig. (2 extremidades)	0,000
		<i>N</i>	182

Este resultado reforça a ideia de que as representações sociais do insucesso escolar incorporam dimensões ora estruturais, relacionadas ao mercado de trabalho, ora sociais, relativas às dinâmicas interpessoais e estigmatização.

Em relação à variável da segunda componente ACP (acesso a apoio escolar), a correlação de Spearman indicou uma associação positiva e estatisticamente significativa entre a percepção de que o insucesso escolar está diretamente relacionado às perspetivas no mercado de trabalho e a crença de que o acesso a apoio escolar (como explicações, apoio de família, professores ou salas de estudo), influencia diretamente o sucesso escolar ($r = 0,241$; $p = 0,001$) - Tabela 13.

Tabela 13. Coeficiente de correlação de Spearman

			Em geral, considera que o acesso a apoio escolar - explicações (família, professores, salas de estudo...) influencia diretamente o sucesso escolar?
Ró de Spearman	O insucesso escolar tem uma relação direta com as perspetivas face ao mercado de trabalho.	Coeficiente de Correlação	0,241
		Sig. (2 extremidades)	0,001
		<i>N</i>	182

Embora a correlação seja considerada fraca, este resultado sugere que os indivíduos que reconhecem a importância das oportunidades no mercado de trabalho também tendem a valorizar o papel do apoio escolar no processo educacional. Tal associação evidencia que as representações sociais acerca do insucesso escolar contemplam tanto fatores externos ligados ao mercado de trabalho quanto o suporte educacional, como elementos interligados na explicação do sucesso e insucesso escolar.

A análise da correlação entre o terceiro componente da Análise de Componentes Principais, que agrupa variáveis relacionadas às opiniões sobre as principais razões e responsabilidades atribuídas ao insucesso escolar (incluindo o entendimento do conceito do insucesso e a quem se atribui maior responsabilidade), e a percepção de que o insucesso escolar tem uma relação direta com as perspetivas face ao mercado de trabalho, não revelou associação estatisticamente significativa. Este resultado indica que as representações sociais vinculadas a causas e responsabilidades pelo insucesso escolar parecem estar dissociadas da percepção sobre a influência das oportunidades do mercado de trabalho na trajetória educativa dos jovens. Tal ausência de correlação sugere que essas dimensões são tratadas pelos participantes como aspetos distintos no âmbito deste fenómeno.

Por fim, a análise da correlação entre o quarto componente da ACP, que está relacionado com a definição concetual do insucesso escolar, apresenta forte carga na variável que investiga o que os participantes consideram como insucesso escolar, e a percepção de que o insucesso escolar tem uma relação direta com as perspetivas face ao mercado de trabalho, não revelou associação estatisticamente significativa. Este resultado

sugere que a forma como os indivíduos conceptualizam o insucesso escolar é independente da sua perceção sobre a influência das condições do mercado de trabalho. Assim, essas duas dimensões parecem constituir construtos distintos dentro das representações sociais sobre o insucesso escolar.

Em relação à terceira hipótese de investigação “As representações sociais do insucesso escolar são fortemente influenciadas pelo contexto socioeconómico dos indivíduos”, usou-se o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis. Este teste avalia se a distribuição das respostas à variável “Em geral, considera que a falta de um espaço de estudo (secretária, escritório...) poderá contribuir para o insucesso escolar?”, pertencente à primeira categoria do componente principal da Análise de Componentes Principais, difere entre as quatro categorias do contexto socioeconómico dos progenitores.

O resultado revelou uma significância estatística ($p = 0,000 < 0,05$), indicando que existe diferença significativa na forma como as diferentes categorias socioeconómicas compreendem a influência da ausência de um espaço adequado ao estudo no insucesso escolar (Tabela 14).

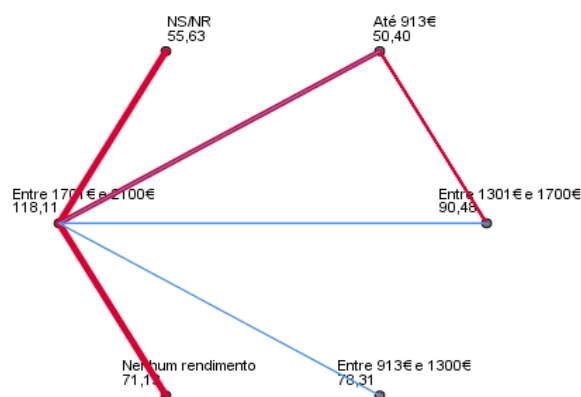
Tabela 14. Teste de Kruskal-Wallis: falta de condições físicas no insucesso escolar vs rendimento dos progenitores

Amostras independentes de resumo do teste Kruskal-Wallis	
N total	182
Estatística do teste	32,148
Grau de Liberdade	5
Sinal assintótico (teste de dois lados)	0,000

Desta forma, este resultado reforça a hipótese de que as representações sociais do insucesso escolar são fortemente influenciadas pelo contexto socioeconómico dos indivíduos, evidenciando que fatores estruturais e materiais associados ao ambiente familiar impactam diretamente estas perceções.

Figura 42. Rendimento do agregado e a falta de um espaço de estudo

Comparações por Método Pairwise de Rendimento ...



Cada nó mostra o posto médio da amostra de Rendimento Progenitores.

Como podemos constatar, os progenitores com rendimentos entre 1701€ e 2100€ apresentam o posto médio mais elevado (118,11), o que sugere uma associação positiva entre o rendimento e a variável em estudo. Este grupo difere significativamente dos grupos com rendimentos mais baixos, nomeadamente “Nenhum rendimento” (71,11), “NS/NR” (55,63) e “Até 913€” (50,40). Por outro lado, não se verificam diferenças significativas entre grupos com rendimentos intermédios, como “Até 913€” e “Entre 913€ e 1300€” ou “Entre 913€ e 1300€” e “Entre 1301€ e 1700€”.

Estes resultados indicam que, na amostra em análise, níveis de rendimento mais elevados dos progenitores estão associados a postos médios superiores, refletindo um impacto positivo do rendimento familiar na variável “Em geral, considera que a falta de um espaço de estudo (secretária, escritório...) poderá contribuir para o insucesso escolar?”.

Com o objetivo de verificar se existem diferenças estatisticamente significativas nas respostas à afirmação “Considera que o insucesso escolar está relacionado com a falta de orientação vocacional?” entre as diferentes categorias de rendimento dos progenitores, foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis. A hipótese nula estabelece que a distribuição das respostas é igual em todas as categorias de rendimento, ou seja, que o rendimento dos progenitores não influencia a perceção dos inquiridos relativamente à relação entre

insucesso escolar e ausência de orientação vocacional. O valor de significância obtido foi de 0,000, inferior ao nível de significância adotado ($\alpha = 0,05$).

Deste modo, rejeita-se a hipótese nula, concluindo-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre as categorias de rendimento dos progenitores relativamente à percepção de que o insucesso escolar está associado à falta de orientação vocacional. Estes resultados indicam que o rendimento familiar pode ter influência nas opiniões dos inquiridos sobre este fator relacionado com o desempenho escolar (Tabela 15).

Tabela 15. Teste de Kruskal-Wallis: falta de orientação vocacional no insucesso escolar vs rendimento dos progenitores

Amostras independentes de resumo de teste Kruskal-Wallis	
N total	182
Estatística do teste	42,759
Grau de Liberdade	5
Sinal assintótico (teste de dois lados)	0,000

Analisando a variável “percepção de que jovens com insucesso são tratados de forma diferente pelos demais”, da primeira componente ACP, o teste de Kruskal-Wallis foi utilizado para verificar se existem diferenças estatisticamente significativas nas respostas à afirmação “Acha que os jovens com insucesso escolar são tratados de forma diferente pelos outros com melhor aproveitamento?”, em função das diferentes categorias de rendimento dos progenitores.

A hipótese nula assumia que a distribuição das respostas era igual entre os vários grupos de rendimento, ou seja, que o rendimento dos progenitores não influenciava a percepção dos inquiridos sobre este tema. O valor de significância obtido foi de 0,000, inferior ao nível de significância adotado ($\alpha = 0,05$), o que leva à rejeição da hipótese nula. Assim, conclui-se que existem diferenças estatisticamente significativas nas percepções dos inquiridos consoante o rendimento dos seus progenitores (Tabela 16).

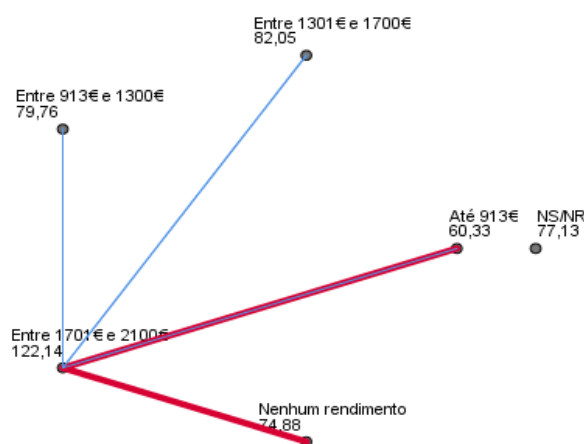
Tabela 16. Teste de Kruskal-Wallis: diferença de tratamento no insucesso escolar vs rendimento dos progenitores

Amostras independentes de resumo de teste Kruskal-Wallis	
N total	182
Estatística do teste	31,935
Grau de Liberdade	5
Sinal assintótico (teste de dois lados)	0,000

Este resultado sugere que o contexto socioeconómico tem impacto na forma como se percebe o tratamento social dado aos jovens com insucesso escolar, refletindo possíveis desigualdades de interpretação associadas à origem familiar.

Figura 43. Rendimento do agregado e a forma de tratamento do indivíduo

Comparações por Método Pairwise de Rendimento ...



Cada nó mostra o posto médio da amostra de Rendimento Progenitores.

A Figura 43 mostra os resultados das comparações múltiplas entre categorias de rendimento dos progenitores relativamente à percepção de que jovens com insucesso escolar são tratados de forma diferente. O grupo com rendimento entre 1701€ e 2100€ apresenta o posto médio mais elevado (122,14), indicando maior concordância com essa percepção, observando-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre este grupo e os grupos “Nenhum rendimento” e “Até 913€”. As restantes comparações

não revelaram diferenças significativas. Conclui-se que o rendimento familiar influencia esta percepção de forma diferenciada.

Considerando a segunda componente ACP, procedeu-se à realização um teste de hipótese para avaliar se a percepção acerca da influência do acesso a apoio escolar (explicações, envolvimento da família, apoio dos professores, salas de estudo, entre outros) no sucesso escolar, difere em função das categorias de rendimento dos progenitores. A hipótese nula formulada considerava que a distribuição das respostas relativas a esta influência seria igual em todas as categorias de rendimento dos progenitores. Para testar esta hipótese, aplicou-se o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis para amostras independentes, adequado à comparação de múltiplos grupos quando os pressupostos de normalidade não são satisfeitos.

Os resultados obtidos indicam um valor de significância (p -valor) de 0,000, inferior ao nível de significância estabelecido ($\alpha = 0,05$). Consequentemente, rejeita-se a hipótese nula, o que revela a existência de diferenças estatisticamente significativas entre as categorias de rendimento dos progenitores, relativamente à percepção da influência do acesso a apoio escolar no sucesso académico dos alunos. Esta evidência sugere que o rendimento dos progenitores pode estar associado às diferenças na percepção da importância do apoio escolar para o sucesso académico, o que pode refletir disparidades nas condições de apoio e recursos disponíveis para os estudantes (Tabela 17).

Tabela 17. Teste de Kruskal-Wallis: acesso a apoio escolar no insucesso escolar vs rendimento dos progenitores

Amostras independentes de resumo de teste Kruskal-Wallis	
N total	182
Estatística do teste	28,984
Grau de Liberdade	5
Sinal assintótico (teste de dois lados)	0,000

No que diz respeito à variável “incidência do insucesso em determinados grupos sociais”, foi realizado um teste de hipótese para verificar se a percepção de que o insucesso escolar é mais comum em determinados grupos sociais varia conforme as categorias de rendimento dos progenitores.

A hipótese nula (H_0) sustentava que a distribuição das respostas sobre esta percepção seria igual em todas as categorias de rendimento dos progenitores, segundo o teste de Kruskal-Wallis. O valor de significância obtido foi de 0,019, inferior ao nível de significância fixado em 0,05. Assim, rejeita-se a hipótese nula, concluindo-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre as categorias de rendimento dos progenitores quanto à percepção de que o insucesso escolar é mais frequente em determinados grupos sociais (Tabela 18).

Tabela 18. Teste de Kruskal-Wallis: incidência do insucesso escolar em certos grupos sociais vs rendimento dos progenitores

Amostras independentes de resumo de teste Kruskal-Wallis	
N total	182
Estatística do teste	13,454
Grau de Liberdade	5
Sinal assintótico (teste de dois lados)	0,019

Esta conclusão indica que o rendimento dos progenitores influencia a forma como esta questão é vista, possivelmente refletindo diferentes experiências e contextos sociais associados a cada grupo.

Relativamente às variáveis associadas à terceira componente da Análise de Componentes Principais (ACP), que refletem as opiniões sobre as principais razões e responsabilidades pelo insucesso escolar - incluindo a compreensão do conceito de insucesso escolar, as causas a ele atribuídas e a quem cabe a maior responsabilidade - foi aplicado o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis para comparar as respostas entre os diferentes escalões de rendimento dos progenitores. Os resultados indicaram que, para estas variáveis, não foi possível rejeitar H_0 , que pressupunha que a distribuição das respostas seria igual em todos os grupos de rendimento. Isto significa que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os escalões de rendimento dos progenitores relativamente às suas percepções sobre as causas e responsabilidades do insucesso. Estes resultados sugerem que, independentemente do nível de rendimento familiar, as opiniões sobre o que constitui o insucesso escolar, as suas causas e a atribuição de responsabilidade são semelhantes entre os diferentes grupos analisados.

De forma semelhante, no que diz respeito às variáveis associadas à quarta componente da ACP, que se relaciona com a definição conceptual do insucesso escolar, destaca-se a

variável que interroga diretamente sobre o que é considerado insucesso escolar. Foi possível verificar que o teste de Kruskal-Wallis também não permitiu rejeitar a hipótese nula. Isto indica que, tal como na terceira componente, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes escalões de rendimento dos progenitores relativamente à forma como definem o insucesso escolar. Assim, independentemente do rendimento familiar, as perceções sobre a definição do insucesso escolar mantêm-se consistentes entre os grupos analisados. Em suma, a primeira hipótese “Os jovens que experienciaram insucesso escolar apresentam representações sociais mais negativas sobre o mercado de trabalho do que os que tiveram sucesso escolar”, foi testada através do teste de Kruskal-Wallis comparando os grupos segundo a média escolar. Os resultados não permitiram corroborar a hipótese, tendo em conta que não existem diferenças estatisticamente significativas nas perceções sobre a influência do insucesso escolar no acesso ao mercado de trabalho ($H = 7,004$; $gl = 4$; $p = 0,136$).

A segunda hipótese “Existe uma correlação significativa entre as representações sociais do insucesso escolar e a perceção da ausência de oportunidades no mercado de trabalho” foi testada pela Análise de Componentes Principais (ACP) e correlações de Spearman. A ACP identificou quatro componentes principais, explicando 54,83% da variância, correspondendo estas à perceção das condições pessoais e contextuais; condições externas e sociais e acesso a apoio escolar; causas e responsabilidades atribuídas ao insucesso escolar e conceitualização do insucesso escolar. Não se observaram correlações significativas para os componentes relacionados com as causas nem com a própria definição do conceito de insucesso. Neste sentido, a segunda hipótese é parcialmente confirmada, verificando-se associações apenas com algumas dimensões das representações sociais.

A terceira hipótese “As representações sociais do insucesso escolar são fortemente influenciadas pelo contexto socioeconómico dos indivíduos” foi testada mediante o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis em várias variáveis da ACP e foi efetivamente confirmada. Os resultados mostraram diferenças estatisticamente significativas na perceção da influência de certos fatores nomeadamente a falta de um espaço de estudo, a ausência de orientação vocacional, o tratamento diferente pelos colegas e demais, e o acesso a apoio escolar em função do rendimento dos progenitores ($p < 0,05$). É possível

constatar que o contexto socioeconómico impacta fortemente as representações sociais sobre o insucesso escolar.

Posto isto, os resultados apontam que apesar do sucesso escolar não definir as perceções sobre o mercado de trabalho, as representações sociais do insucesso escolar para além de complexas, são motivadas pela conjuntura socioeconómica.

CAPÍTULO V – CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como propósito investigar, na perspectiva dos jovens universitários, as suas representações acerca do insucesso escolar e clarificar as suas perspectivas face à inserção no mercado de trabalho.

A revisão da literatura permitiu aprofundar o conhecimento acerca de cada conceito e o estado da arte sobre cada um dos construtos abordados. Neste seguimento, foram elaboradas questões de investigação que guiaram o desenvolvimento do estudo. Partindo da teoria das representações sociais de Moscovici (2007), assumiu-se que os significados construídos socialmente pelos indivíduos são centrais na forma como estes compreendem fenómenos complexos como o insucesso escolar, fenómeno este que, como refere Moreira (2019), continua a traduzir-se na obtenção de resultados académicos insatisfatórios, reprovações repetidas e, em muitos casos, abandono precoce do sistema educativo. A análise teórica permitiu demonstrar que o insucesso escolar não é um fenómeno de leitura única. As suas causas são diversas, combinando fatores de ordem individual, fatores familiares, condições económicas dos progenitores (Simões, 2011; Bordieu *et al.* 2005), e ainda fatores estruturais ligados à própria organização e funcionamento da escola (Roazzi & Almeida, 1988). Neste sentido, a escola, enquanto instituição de socialização tem uma função paradoxal: é chamada a combater desigualdades, mas muitas vezes reproduz assimetrias, perpetuando trajetórias de insucesso, como refere Perrenoud (2002).

Do ponto de vista empírico, os dados recolhidos através do questionário aplicado a estudantes da Universidade dos Açores confirmaram parte destas premissas. O instrumento de recolha de dados, designadamente o questionário, permitiu avaliar a perceção dos jovens no que toca às suas representações sociais, ao insucesso escolar e mercado laboral. A caracterização da amostra permitiu verificar que fatores como o rendimento familiar, o grau de escolaridade dos pais e o contexto habitacional (como a falta de um espaço de estudo) têm uma relação mensurável com o rendimento escolar dos jovens. As análises estatísticas desenvolvidas com recurso ao SPSS, evidenciaram diferenças significativas entre grupos de estudantes com médias escolares distintas, confirmadas pelo teste de Kruskal-Wallis, sendo este o teste adequado dada a natureza não paramétrica das variáveis em causa.

Foi possível comprovar do ponto de vista estatístico, que os estudantes com médias mais baixas tendem a associar o seu rendimento acadêmico a dificuldades de progressão de carreira, reforçando a percepção de que o insucesso escolar limita o acesso a ocupações qualificadas. Esta evidência empírica confirma a preocupação, identificada por Botelho (2016), de que a entrada no mercado de trabalho, sobretudo para os jovens, é marcada por uma instabilidade acrescida quando as qualificações são insuficientes. Verificou-se ainda, em consonância com Branco (2012) e Lopes *et al.* (2023), que a precariedade ou abandono precoce reforça as desigualdades já existentes.

Importa ainda destacar que, apesar de parte substancial dos jovens inquiridos identificar causas internas (como a falta de atenção ou desorganização pessoal) como determinantes do insucesso, as representações sociais evidenciam também a consciência de que fatores externos (como a pobreza, a falta de apoio escolar ou a relação pouco motivadora com os professores), exercem uma influência concreta sobre os percursos escolares (Moreira, 2019; Rafael, 2011). Assim, fica clara a importância de reforçar o papel da escola enquanto espaço de mediação positiva. A este respeito, programas como o ProSucesso, revelam-se instrumentos relevantes na tentativa de reduzir as taxas de abandono e retenção, embora os dados mostrem que, apesar das melhorias, os Açores continuam a apresentar indicadores mais desfavoráveis face à média nacional.

A importância do apoio emocional e psicológico aos alunos surge igualmente como um ponto forte nas estratégias identificadas para combater o insucesso, o que evidencia uma preocupação com a dimensão afetiva do percurso escolar. A literatura tem vindo a demonstrar que a motivação, a autoestima e o sentimento de pertença escolar são fatores cruciais para o sucesso académico (Elcheroth & Reicher, 2011) o que sustenta a pertinência desta percepção por parte dos indivíduos inquiridos.

Neste estudo, os dados apontam para uma consciência ampla quanto aos impactos negativos do insucesso escolar, particularmente no que respeita à integração no mercado de trabalho. A maioria reconhece que o insucesso compromete seriamente a empregabilidade dos jovens, o que se alinha com as evidências empíricas que indicam correlações entre níveis baixos de escolaridade e maiores taxas de desemprego, precariedade laboral e exclusão social (Pereira, 2023). A percepção de que o insucesso escolar pode afetar a autoestima e conduzir ao afastamento social, reforça a visão do

fenómeno como multidimensional, com implicações que vão além do contexto de sala de aula.

Na metodologia, recorreu-se à utilização do inquérito, complementado por uma análise estatística rigorosa, que permitiu garantir consistência entre a fundamentação teórica e os resultados empíricos. A análise das tabelas e figuras do estudo, como as que evidenciam a relação entre rendimento agregado familiar e rendimento escolar, ou a percentagem de jovens que identificam o insucesso como barreira ao mercado de trabalho, sustentam de forma quantitativa o que já vinha sendo discutido qualitativamente.

Em síntese, esta investigação evidencia que o insucesso escolar deve ser compreendido como um fenómeno complexo, que não se resume ao desempenho individual do aluno, mas resulta de uma teia de fatores socioeconómicos, culturais e institucionais, como defendem autores como Moreira (2019). Para enfrentar este problema de forma eficaz, torna-se imprescindível reforçar políticas de apoio social, melhorar a relação pedagógica entre docentes e discentes (Rafael, 2011), promover metodologias ativas e diferenciadas de ensino, mas também garantir que a transição para o mercado de trabalho não seja marcada pela instabilidade, como alerta Botelho (2016).

Em última instância, um dos contributos desta investigação reside na identificação clara de que as representações sociais dos jovens confirmam a interdependência entre o insucesso escolar e as dificuldades de inserção profissional. Assim, cabe à escola enquanto instituição coletiva, reforçar o combate às desigualdades, garantindo que o insucesso não se traduza numa condenação à exclusão social e laboral, mas sim num ponto de partida para a intervenção, apoio e reintegração. Para além disso, o presente estudo fornece *insights* relevantes sobre como os estudantes universitários percecionam o insucesso escolar e os fatores a ele associados. A presente investigação possibilitou ainda percecionar a relação sobre a transição escola-trabalho, valorizar as representações dos jovens e aprofundar o conhecimento na área.

Apontam-se como principais limitações desta dissertação, o facto de o público-alvo ter se concentrado apenas nos estudantes da Universidade dos Açores, o que circunscreveu alguma generalização dos resultados, bem como a ausência de resposta ao inquérito por muitos alunos. Outra limitação a ter em conta foram as respostas dos inquiridos, que por se basearem em representações, poderá ter gerado respostas subjetivas. Para além do mais, a utilização do questionário fechado pode ter limitado a

complexidade das respostas, não permitindo revelar com detalhe as experiências de cada um. É ainda de ressaltar que a realidade açoriana tem certas particularidades económicas, culturais e sociais muito próprias, que podem não retratar outras regiões.

Sugere-se que, em investigações futuras, a amostra seja mais diversificada. Por exemplo, incluir um grupo de estudantes de outra universidade ou mesmo de outro tipo de ensino, como o profissional; realizar análises longitudinais, isto é, acompanhar o percurso dos jovens ao longo do tempo para compreender melhor o seu percurso e dificuldades, e também se possível, complementar com entrevistas permitindo uma abordagem mais detalhada de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ajjawi, R., Boud, D., Zacharias, N., Dracup, M., & Bennett, S. (2019). How do students adapt in response to academic failure? *Student Success*, 10(3), 84–91. <https://doi.org/10.5204/ssj.v10i3.1403>
- Álvares, M. & Calado, A. (2014). Insucesso e Abandono Escolar Precoce – Os programas de apoio. In *40 Anos de Políticas de Educação em Portugal, vol. I – A Construção do Sistema Democrático*. Almedina.
- Andrade, R. F. (2021). *Desemprego Prolongado e Liberdade Frágil uma análise do desemprego jovem em Portugal pela ideia de capacidade de Amartya Sen*. [Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/23791>
- Azevedo, J. (2002). *Entre a Escola e o Mercado de Trabalho: Um olhar crítico sobre as transições*. Madrid: Alianza Editorial. Repositório da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/4644>
- Azevedo, V. (2016). *Fatores de sucesso e insucesso escolar: um estudo numa escola pública do Concelho de Câmara de Lobos*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/13308>
- Beltrán, Á. M. V., & Del Pilar Velasco Beltrán, R. (2023). “Bad Students” and the Configuration of School Failure through Their Social Representations. *Social Sciences*, 12(9), 514. <https://doi.org/10.3390/socsci12090514>
- Benavente, A., Campiche, J., Seabra, T. & Sebastião, J. (1994). *Renunciar à escola: O abandono escolar no ensino básico*. Fim de Século.
- Benavente, A., Costa, A. F., Machado, F. L. & Neves, M. C. (1991). *Do outro lado da escola*. Editorial Teorema.
- Bourdieu, P. (1980). *Questions de sociologie*. Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P., & Passeron, J.C. (2005). *La reproduction: Éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Les Éditions de Minuit.
- Borrvalho, A., Palos, A.C., Diogo, F., Rocha, G.P.N., & Serpa, S. (2020). *Desigualdades sociais, educação, territórios*. Edições Humus.
- Branco, J. P. (2012). *Insucesso escolar: um estudo na área escolar da Maia*. [Dissertação de mestrado, Universidade Fernando Pessoa]. Repositório da Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/3786>
- Cabecinhas, R. (2009). *Investigar representações sociais: metodologias e níveis de análise*. Repositório da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/9644>
- Carvalho, B. P., Fanha, J., Fonseca, M. & Peralta, S., (2024). Relatório Portugal, Balanço Social 2024. Nova School of Business Economics.

- Cembranel, P., Santos, C. C. D., Limberger, C., & Macedo, A. C. (2024). Perspectivas de inserção de jovens no mercado de trabalho. *Revista De Carreiras E Pessoas*, 14(2), 291–308. <https://doi.org/10.23925/recape.v14i2.56196>
- Costa, M. F. (2008). *Política de escola e representações sobre o insucesso escolar. Um estudo de caso comparativo*. [Dissertação de mestrado, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/1292>
- Cunha, L. M. A. (2007). *Modelos Rasch e Escalas de Likert e Thurstone na medição de atitudes*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/1229>
- Damasceno, M. A. & Negreiros, F. (2018). Professores, Fracasso e Sucesso Escolar: Um estudo no contexto educacional brasileiro. *Revista de Psicologia IMED*, 10(1), 73-89. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v10i1.2572>
- Diogo, A. I. S. M. (1998). *Famílias e escolaridade: representações parentais da escolaridade, classe social e dinâmica familiar*. Edições Colibri.
- Diogo, F. (2014). *Algumas notas sobre juventude e emprego em Portugal*. Observatório da Juventude dos Açores. Repositório da Universidade dos Açores. <http://hdl.handle.net/10400.3/2850>
- Diogo, F, Palos, A, Diogo, A, Tomás, L, & Silva, O. (2017). *Juventude açoriana e o mundo do trabalho*. Edições Húmus. <http://hdl.handle.net/10400.3/4690>
- Doutor, C. (2016). Um olhar sociológico sobre os conceitos de juventude e de práticas culturais: Perspetivas e reflexões. *Última década*, 24(45), 159-174. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22362016000200009>.
- Durkheim, É. (2004). *As Regras do Método Sociológico*. Editorial Presença.
- Durkheim, É. (2011). *Educação e Sociologia*. Edições 70.
- Elcheroth, G., Doise, W., & Reicher, S. (2011). On the Knowledge of Politics and the Politics of Knowledge: How a Social Representations Approach Helps Us Rethink the Subject of Political Psychology. *Political Psychology*, 32(5), 729–758. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2011.00834.x>
- Estatísticas sobre Portugal e Europa. Taxa de Retenção e Desistência no ensino básico: total, por modalidade de ensino e ano de escolaridade*. PORDATA.
- Estatísticas sobre Portugal e Europa. Taxa de Retenção e Desistência no ensino secundário: total, por modalidade de ensino e ano de escolaridade*. PORDATA.
- European Commission: Directorate-General for Employment, Social Affairs and Inclusion. (2024). *Joint Employment Report 2024*. Publications Office of the European Union. <https://data.europa.eu/doi/10.2767/17157>.
- Farr, R. M. (1993). Common sense, science and social representations. *Public Understanding of Science*, 2(3), 189–204. <https://doi.org/10.1088/0963-6625/2/3/001>

- Fernandes, A. C. L. M. (2021). *Formação profissional: processos e práticas*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/76984>
- Ferreira, L. N., Pereira, L. N., & Pais, S. (2024). Bem-estar e satisfação com a vida entre os jovens portugueses. *Observatório Social da Fundação "la Caixa"*. <https://observatoriosocial.fundacaolacaixa.pt/pt/-/bem-estar-e-satisfacao-com-a-vida-entre-os-jovens-portugueses-1#>
- Field, A. (2013). *Discovering Statistics Using IBM SPSS Statistics* (4th Edition). SAGE.
- Firmino, M. J. A. C. S. (2015). *Testes de hipóteses: uma abordagem não paramétrica*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/18146>
- Fonseca, V. da (2008). *Dificuldades de aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica ao insucesso escolar*. Âncora Editora.
- Franco, M. L. P. B. (2010). Representações sociais de jovens sobre a escola e suas perspetivas de futuro. *Atos de Pesquisa em Educação*, 5(1), 93-109. <https://doi.org/10.7867/1809-0354.2010v5n1p93-109>
- Gaspar, V. M. L. R. (2009). *O abandono escolar: uma realidade açoriana*. [Dissertação de mestrado, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório ISCTE. <http://hdl.handle.net/10071/2518>
- Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. (2021). *As qualificações no mercado de trabalho em Portugal*. https://www.gep.mtsss.gov.pt/documents/10182/80545/ant_qualificacoes2021.pdf/3cb16178-1240-47cb-8805-8eae4d939344
- Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. (2022). *Jovens no mercado de trabalho em Portugal*. <https://www.gep.mtsss.gov.pt/documents/10182/80545/Jovens+no+Mercado+de+Trabalho+em+Portuga+1+02+2022.pdf/c3d1129b-425b-4104-80c0-0cf6ee556ae9>
- Gomes, A. F. A. (2023). *Análise de Componentes Principais para variáveis qualitativas: exploração em R*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/92802>
- Hongyu, K., Sandanielo, V. L. M., & Junior, G. J. O. (2016). Análise de Componentes Principais: Resumo Teórico, Aplicação e Interpretação. *E&S - Engineering and Science*, 5(1), 83-90. <https://doi.org/10.18607/ES201653398>
- Jodelet, D. (2003). 1. Représentations sociales: un domaine en expansion. *Sociologie D'aujourd'hui*, 45–78. <https://www.cairn.info/les-representations-sociales--9782130537656-page-45.htm>
- Júnior, J. F. C., Cabral, E. L. dos S., de Souza, R. C., Bezerra, D. de M. C., & Silva, P. T. de F. (2024). Um estudo sobre o uso da escala de Likert na coleta de dados qualitativos e sua correlação com as ferramentas estatísticas. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 17(1), 360–376. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.1-021>

- Justino, J., Batista, S., Santos, R., Beatriz, I., Gramaxo, L., Pascueiro, L., Franco, L., Carvalho, M., Tomás, M., Santos, R., & de Almeida, S. (2017). *Atlas da Educação: Contextos sociais e locais do sucesso e insucesso*. Projeto ESCXEL - Rede de Escolas de Excelência, CICS.NOVA. https://www.researchgate.net/publication/327987255_Atlas_da_Educacao_Contextos_sociais_e_locais_do_sucesso_e_insucesso_Educacao_de_2017
- Lopes, M. I. L. dos S., Pereira, A. P. S. da S., & Vaz, P. M. F. (2023). *Abandono escolar no ensino superior e fatores concorrentes*. *EduSer*, 15(1). <https://doi.org/10.34620/eduser.v15i1.236>
- Maroco, J. & Marques, T. G. (2013). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1): 65-90. <https://doi.org/10.14417/lp.763>
- Martins, H. S. S. (2017). *Insucesso Escolar: Prevenção e Intervenção na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*. [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti]. Repositório ESEPF. <http://hdl.handle.net/20.500.11796/2504>
- Matos, M. R. C. (2024). *Abandono escolar precoce de jovens açorianos: por que deixaram a escola?* [Dissertação de mestrado, Universidade dos Açores]. Repositório da Universidade dos Açores. <http://hdl.handle.net/10400.3/8636>
- McDonald, J. H. (2014). *Handbook of Biological Statistics*. (3rd Edition). <https://e-ilami.unissa.edu.bn:8443/handle/20.500.14275/6724>
- Melo, S. L., & Borges, L. O. (2007). A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(3), 376-395. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000300002>
- Moreira, D. (2019). *Insucesso escolar*. Gradiva. Repositório Aberto. <http://hdl.handle.net/10400.2/8789>
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of Social Representations. *European Journal of Social Psychology*, 18(3), 211–250. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420180303>
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Editora Vozes.
- Neuman, W. L. (2014). *Social Research Methods: Qualitative and Quantitative Approaches*. Pearson.
- Nguengwe, J. (2018). *Desigualdades sociais e insucesso escolar: o caso de alunos de uma escola do ensino secundário na Humpata - Huíla Angola*. [Dissertação de mestrado, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE. <http://hdl.handle.net/10071/17613>
- Nóvoas, D. S. A. (2012). *Trajetos escolares no ensino secundário: efeitos das origens sociais e expectativas dos estudantes*. [Dissertação de mestrado, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE. <http://hdl.handle.net/10071/5185>

- Ostertagová, E., Ostertag, O., & Kováč, J. (2014). Methodology and application of the Kruskal-Wallis Test. *Applied Mechanics and Materials*, 611, 115–120. <https://doi.org/10.4028/www.scientific.net/amm.611.115>
- Observatório do Emprego Jovem. (2023). *Quem são os jovens desempregados? Diagnóstico e Recomendações*. <https://obsempregojuvem.com/p/6603195627aac956d53d0f3a>
- OECD. (2016). *Low-performing students: Why they fall behind and how to help them succeed*. PISA. OECD Publishing, Paris. <https://doi.org/10.1787/9789264250246-en>.
- Oliveira, R. C., (2018). *O processo de construção da juventude como categoria social: notas sobre o reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos*. <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22701>
- Pappámikail, L. (2017). Juventude(s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras Da Universidade do Porto*, XX, 395-410. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2296>
- Pereira, O. N. S. (2013). *Representações sociais da escola: discurso de adolescentes com diferentes percursos escolares*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/25997>
- Pereira, R. J. L. (2023). *Os jovens no mercado de trabalho em Portugal: Qual o papel da escolaridade?* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/152750>
- Perrenoud, P. (2002). *Os sistemas educativos face às desigualdades e ao insucesso escolar: uma incapacidade mesclada de cansaço*. Université de Genève. https://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2002/2002_14.html
- Pinto, A. B. M., Delgado, J. P. F., & Martins, A. M. O. (2015). Significados e perspetivas do insucesso escolar no ensino profissional em Portugal. *Revista Cadernos de Educação*, 51. <http://hdl.handle.net/10400.22/12183>
- Portal da Educação. *Escolaridade Obrigatória*. (2024). <https://edu.azores.gov.pt/seccoes/matriculas-escolaridade-obrigatoria>
- ProSucesso, Açores pela Educação. (2022). *Plano Integrado de Promoção do Sucesso Escolar. Relatório 2021/2022*. Portal da Educação. https://edu.azores.gov.pt/wp-content/uploads/2023/09/ProSucesso_Relatorio_2021-22_v1.pdf
- Quintini, G. (2011). Over-qualified or under-skilled: A review of existing literature. *OECD Social, Employment and Migration Working Papers*, 121. OECD Publishing, Paris. <https://doi.org/10.1787/5kg58j9d7b6d-en>.
- Rafael, P. M. A. (2011). *Insucesso escolar: percepções de alunos, pais e professores: um estudo de casos num agrupamento TEIP*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/19039>

- Randstad Portugal. (2024). *Mitos e verdades: jovens no mercado de trabalho*. Randstad Research. <https://www.randstad.pt/randstad-research/mitos-e-verdades-jovens-no-mercado-de-trabalho>
- Rangel, A. (1994). *Insucesso escolar*. [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti]. Repositório ESEPF.
- Roazzi, A. & Almeida, L. S. (1988). Insucesso escolar: Insucesso do aluno ou insucesso do sistema escolar? *Revista Portuguesa de Educação*, 1(2), 53-60. Repositório da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/3326>
- Rocha, G. & Ferreira, E. (2010). Análise da população escolar do Ensino Secundário nos Açores (2000-2006). *População e Sociedade*, 18, 69-89. <https://www.cepese.pt/portal.%26/pt/populacao-e-sociedade/edicoes/revista-populacao-e-sociedade-no-18/analise-da-populacao-escolar-do-ensino-secundario-nos-aco-res-2000-2006>
- Rocha, G. P. N., & Diogo, F. (2021). *Açores: Retratos e tendências sociais*. Edições Húmus.
- Rocha, S. (2008). A inserção dos jovens no mercado de trabalho. *Caderno CRH*, 21(54), 533–550. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792008000300009>.
- Rueda, P. O., & Torelló, O. M. (2014). Jóvenes, fracaso escolar y programas de segunda oportunidad / Youth, academic failure and second chance training programmes. *REOP - Revista Española De Orientación Y Psicopedagogía*, 24(1), 78. <https://doi.org/10.5944/reop.vol.24.num.1.2013.11272>
- Santana, M. A. (2019). Textos em Representações Sociais. *Pedagogia Em Foco*, 14(12), 190. <https://doi.org/10.29031/pedf.v14i12.500>
- Sebastião, J. & Correia, S. (2007). A democratização do ensino em Portugal. In *Instituições e Política (Portugal no Contexto Europeu, vol. I)*. Celta Editora, pp. 107-136.
- Secretaria Regional da Educação, cultura e desporto. (2015). *Estatísticas da educação 2014/2015 – Região Autónoma dos Açores*. https://edu.azores.gov.pt/wp-content/uploads/2018/01/Publicação-da-Educação-2014_2015.pdf
- Secretaria Regional da Educação, cultura e desporto. (2023). *Estatísticas da educação 2022/2023 – Região Autónoma dos Açores*. https://edu.azores.gov.pt/wp-content/uploads/2023/09/Publicacao-2022_2023-com-assinatura.pdf
- Silva, A. R. A. C. (2014). *Um Olhar sobre o Abandono Escolar: Da Compreensão à Prevenção e Intervenção*. [Dissertação de mestrado, Universidade Fernando Pessoa]. Repositório Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/4914>
- Taxa de abandono precoce de educação e formação (Série 2011 - %) por Local de residência (NUTS - 2013) e Sexo; Anual*. Portal do INE. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0006268&contexto=pti&selTab=tab10&xlang=pt

Taxa de analfabetismo (%) por Local e residência e Sexo. Portal do INE. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0002196&contexto=bd&selTab=tab2&xlang=PT

Taxa de desemprego total e de jovens e proporção de desemprego de longa duração. Portal do INE. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_pesquisa&frm_acciao=PESQUISAR&frm_show_page_num=1&frm_modulo_pesquisa=PESQUISA_SIMPLES&frm_texto=desemprego&frm_modulo_texto=MODO_TEXTO_ALL&frm_data_ini=&frm_data_fim=&frm_tema=QUALQUER_TEMA&frm_area=o_ine_area_Destaques&xlang=pt

Vala, J., & Castro, P. (2013). *Pensamento Social e Representações Sociais*. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/8702>

Vieira, D., & Coimbra, J. L. (2006). Sucesso na transição escola-trabalho: a percepção de finalistas do ensino superior português. *Revista Brasileira de Orientação Profissional* 5, 7(1), 1-10.

Vieira, S. L., Morais, R., & Dantas, L. M. (2021). *Módulo 1 - Fatores associados ao sucesso escolar.* Design Editorial. https://www.researchgate.net/publication/351619319_Modulo_1_Fatores_associados_ao_sucesso_escolar

Villarreal, G. E. (2007). Las representaciones sociales. Una nueva relación entre el individuo y la sociedad. Fermentum. *Revista Venezolana De Sociología Y Antropología*, 17(49), 434-454

Williamson, D. F. (1989). The box plot: a simple visual method to interpret data. *Annals of Internal Medicine*, 110(11), 916. <https://doi.org/10.7326/0003-4819-110-11-916>

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Termo de consentimento informado

Anexo 2 – Inquérito

Anexo 1 – Termo de consentimento informado

Representações sociais, insucesso escolar e perspetivas face ao mercado de trabalho

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

O presente questionário faz parte de um estudo intitulado "Representações Sociais, Insucesso Escolar e Perspetivas face ao Mercado de Trabalho - uma análise empírica", a ser desenvolvido no ano de 2025 no âmbito de uma dissertação de mestrado em Ciências Económicas e Empresariais, na Universidade dos Açores.

Este inquérito tem como objetivo compreender as representações sociais sobre o insucesso escolar e as perspetivas dos jovens face ao mercado de trabalho, focando-se nos estudantes que frequentam a licenciatura na Universidade dos Açores.

Todas as opiniões serão tratadas de forma anónima e confidencial.

A sua colaboração é fundamental para o sucesso deste estudo, pois permitirá obter uma compreensão aprofundada das visões e perspetivas dos jovens sobre estas temáticas, além de servir apenas para fins académicos.

Neste sentido, são dadas as seguintes garantias:

1. Este Termo de Consentimento Informado é uma exigência das leis para se poderem fazer estudos científicos.
2. A autora do Estudo segue e cumpre o Código de Ética da Universidade dos Açores.
3. A sua participação, que se traduz a responder a um questionário, é voluntária.
4. Pode recusar livremente responder a qualquer questão do questionário, ou recusar continuar a participar, até ao momento da entrega do questionário, sem qualquer consequência.
5. Em caso de dúvida posterior à resposta ao questionário, pode contactar a responsável, cujos dados se encontram abaixo.

Conhecedor destas garantias, dos objetivos e das motivações subjacentes ao Estudo, aceito por livre vontade e de forma voluntária conceder as respostas no âmbito do presente inquérito.

Contactos:

Pessoa responsável: Sara Correia

E-mail: 2019107617@uac.pt

Anexo 2 – Inquérito

Secção 1: Caraterização demográfica

Este inquérito encontra-se dividido em quatro secções. A primeira diz respeito à caracterização.

1. Indique o seu género:

- Feminino
- Masculino
- Outro

2. Indique a sua idade:

- _____

3. Indique o seu nível de escolaridade:

- Ensino Superior – Frequência de Licenciatura
- Ensino Superior - Licenciatura
- Ensino Superior – Pós-Graduação ou formação especializada
- Mestrado
- NS/NR

4. Assinale o grau de escolaridade do seu pai e da sua mãe:

	Pai	Mãe
Não saber ler/ escrever		
1º ciclo (1º ao 4º ano)		
2º ciclo (5º ao 6º ano)		
3º ciclo (7º ao 9º ano)		
Ensino Secundário (10º ao 12º ano)		
Ensino Profissional (10º ao 12º ano)		
Ensino Superior (Licenciatura)		

Pós-Graduação/ Mestrado/ Doutoramento		
NS/NR		

5. Indique a ocupação do seu pai:

- Trabalhador por conta própria
- Trabalhador por conta de outrem
- Desempregado
- Reformado
- NS/NR

6. Indique a ocupação da sua mãe:

- Trabalhador por conta própria e/ou trabalhador familiar
- Trabalhador por conta de outrem
- Doméstica
- Reformada
- Desempregada
- NS/NR

7. Indique entre que valores de rendimento se encontra o seu agregado familiar.

- Nenhum rendimento
- Até 913€
- Entre 913€ e 1300€
- Entre 1301€ e 1700€
- Entre 1701€ e 2100€
- Entre 2101€ e 2500€
- Entre 2501€ e 2900€
- Entre 2901€ e 3300€
- Superior a 3301€
- NS/NR

13. Considera que o rendimento familiar (salário do pai e da mãe) tem alguma influência no sucesso escolar?

- Concordo totalmente
- Concordo
- Não concordo nem discordo
- Discordo totalmente
- Discordo
- NS/NR

Secção 2: Informações sobre o aluno

14. Indique quantas horas por dia se dedica ao estudo:

- Não estudo
- 1 a 2 horas
- 3 a 4 horas
- 5 a 6 horas
- Mais de 6 horas
- NS/NR

15. Indique a sua média escolar no seu ano letivo anterior, numa escala de 0 a 20 valores (aproximadamente):

- De 0 a 3 valores
- De 4 a 9 valores
- De 10 a 13 valores
- De 14 a 17 valores
- De 18 a 20 valores
- NS/NR

16. Indique a sua média escolar no seu ano letivo atual, numa escala de 0 a 20 valores (aproximadamente):

- De 0 a 3 valores
- De 4 a 9 valores
- De 10 a 13 valores
- De 14 a 17 valores
- De 18 a 20 valores

- NS/NR

Secção 3: Representações sobre o insucesso escolar

17. Considera que a falta de um espaço de estudo (secretária, escritório...) poderá contribuir para o insucesso escolar?

- Concordo totalmente
- Concordo
- Não concordo nem discordo
- Discordo totalmente
- Discordo
- NS/NR

18. Considera que o acesso a apoio escolar - explicações (família, professores, salas de estudo...) influencia diretamente o sucesso escolar?

- Concordo totalmente
- Concordo
- Não concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo totalmente
- NS/NR

19. Até ao momento qual o grau de satisfação relativamente ao curso que frequenta?

- Muito satisfeito
- Satisfeito
- Nem satisfeito nem insatisfeito
- Insatisfeito
- Muito insatisfeito
- NS/NR

20. Na sua opinião, o que considera ser insucesso escolar?

- Reprovar um ano letivo

- Ter maus resultados escolares
- Abandonar a escola
- Não conseguir atingir os objetivos estipulados
- Outra razão, qual? _____
- NS/NR

21. O que acredita ser a principal razão para haver insucesso escolar?

- Falta de motivação dos alunos
- Problemas familiares
- Problemas no sistema educativo (ex: métodos de ensino)
- Condições socioeconómicas desfavoráveis
- Outra razão, qual? _____
- NS/NR

22. Na sua opinião, quem tem maior responsabilidade pelo insucesso escolar?

- Alunos
- Pais/ Família
- Professores
- Governo
- Sistema de ensino
- Outro, qual? _____
- NS/NR

23. Como considera o impacto do insucesso escolar na vida de um jovem?

- Muito significativo
- Significativo
- Nem muito significativo nem pouco significativo
- Pouco significativo
- Sem impacto
- NS/NR

24. Considera que o insucesso escolar é mais comum em determinados grupos sociais?

- Sim, principalmente em grupos socioeconómicos mais desfavorecidos
- Sim, principalmente em minorias étnicas
- Não, afeta todos de forma igual
- NS/NR

25. Acha que os jovens com insucesso escolar são tratados de forma diferente pelos outros com melhor aproveitamento?

- Concordo totalmente
- Concordo
- Não concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo totalmente
- NS/NR

26. Qual considera ser o maior impacto para os jovens em situação de insucesso escolar?

- Dificuldades em enquadrarem-se no mercado de trabalho
- Perda de autoestima
- Exclusão social
- Outra razão
- NS/NR

27. O que deveria ser feito para combater o insucesso escolar?

- Apoio psicológico aos alunos
- Reformulação do sistema educativo
- Maior envolvimento dos pais
- Maior disciplina dos alunos
- Combate à pobreza e exclusão social
- Outra medida, qual? _____
- NS/NR

28. Como avalia a ligação entre o insucesso escolar e a pobreza?

- Muito forte
- Forte
- Nem muito forte nem muito fraca
- Fraca
- Muito fraca
- NS/NR

29. Considera que o insucesso escolar está relacionado à falta de orientação vocacional?

- Concordo totalmente
- Concordo
- Não concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo totalmente
- NS/NR

30. O que motiva precocemente os jovens a abandonar a escola?

- Não gostam de estudar
- Dificuldades financeiras
- Bullying ou problemas sociais
- Outra razão
- NS/NR

Secção 4: Perspetivas face ao mercado de trabalho

31. Na sua opinião, o insucesso escolar afeta a entrada no mercado de trabalho?

- Concordo totalmente
- Concordo
- Não concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo totalmente

- NS/NR

32. Quais os setores de mercado que considera haver uma maior acessibilidade para indivíduos com histórico de insucesso escolar?

- Construção Civil
- Agricultura e Pecuária
- Hotelaria e Restauração
- Comércio e Vendas
- Indústria e Produção
- Serviços de Limpeza
- Outro, qual? _____
- NS/NR

33. Acredita que o mercado de trabalho está preparado para integrar pessoas com níveis de escolaridade mais baixos?

- Concordo totalmente
- Concordo
- Não concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo totalmente
- NS/NR

34. Que tipo de apoio deve ser oferecido a jovens com insucesso escolar para melhorar as suas perspetivas face ao mercado de trabalho?

- Programas de qualificação e formação
- Estágios profissionais
- Reintegração no sistema educativo
- Outra razão
- NS/NR

35. Em relação a cada uma das frases seguintes, indique qual o seu grau de concordância com cada uma delas, numa escala que vai de concordo totalmente, concordo, não concordo nem discordo, discordo e discordo totalmente:

O insucesso escolar limita o acesso ao mercado de trabalho, mas poderá ser compensado com experiência ou formação contínua.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Não concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo totalmente
- NS/NR

O insucesso escolar limita as oportunidades de emprego e crescimento profissional.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Não concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo totalmente
- NS/NR

O mercado de trabalho atual está preparado para reter pessoas com níveis variados de escolaridade, diminuindo o impacto do insucesso escolar.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Não concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo totalmente
- NS/NR

O insucesso escolar não tem uma relação direta com as perspetivas face ao mercado de trabalho.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Não concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo totalmente
- NS/NR

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Faculdade de Economia e Gestão

Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Açores, Portugal

DM

2025



Representações sociais, insucesso escolar e perspectivas face ao mercado de trabalho: Uma análise empírica

Sara Maria Massa Correia